



corpo>>

<<carto

grafia>>

afrodiaspórica

do vitiligo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social

Gabriela Guerra de Almeida

**CORPO_CARTO_GRAFIA AFRODIASPÓRICA DO VITILIGO:
uma tese-exposição construída pelo Ciberterreiro**

Belo Horizonte
2024

Gabriela Guerra de Almeida

**CORPO_CARTO_GRAFIA AFRODIASPÓRICA DO VITILIGO:
uma tese-exposição construída pelo Ciberterreiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação.

Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda.

Co-orientador: Cristiano Cezarino Rodrigues

Belo Horizonte
2024

A447c Almeida, Gabriela Guerra de, 1983-
T Corpo>> <<cartografia>> afrodiaspórica do vitiligo [manuscrito] : uma tese--exposição construída pelo ciberterreiro / Gabriela Guerra de Almeida. -- Belo Horizonte, 2024.
239 f. : enc., il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Shirley Aparecida de Miranda.
Coorientador: Cristiano Cezarino Rodrigues.
Bibliografia: f. 230-236.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações raciais -- Teses.
3. Educação -- Relações étnicas -- Teses. 4. Arte na educação -- Relações raciais -- Teses. 5. Arte na educação -- Relações étnicas -- Teses. 6. Vitiligo -
- Aspectos educacionais -- Teses. 7. Diáspora africana -- Teses.
I. Título. II. Miranda, Shirley Aparecida de, 1967-. III. Rodrigues, Cristiano Cezarino. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ATA

DEFESA DE TESE DA ALUNA
GABRIELA GUERRA DE ALMEIDA

Realizou-se, no dia 01 de julho de 2024, às 14:00 horas, em plataforma virtual, a 972ª defesa de tese, intitulada *Corpo>>carto>>grafia afrodiaspórica do vitiligo: uma tese-exposição construída pelo ciberterreiro*, apresentada por GABRIELA GUERRA DE ALMEIDA, número de registro 2020651402, graduada no curso de ARTES VISUAIS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda - Orientadora (UFMG), Prof(a). Cristiano Cezarino Rodrigues – Co-orientador (UFMG), Prof(a). Cecília Maria Izidoro Pinto (UFRJ), Prof(a). Ricardo José Aleixo de Brito (UFBA), Dra. Pedrina de Lourdes Santos (Guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês). Bárbara Bruna Moreira Ramalho (UFMG), Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite (UFMG).

A comissão considerou a tese: Aprovada. A banca considerou a tese inovadora pela interseção que estabelece entre os campos da arte e da educação e pela contribuição original para afirmação e difusão da arte e da cultura negra em Belo Horizonte. A pesquisa deve ser amplamente divulgada.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 01 de julho de 2024.

Prof(a). Shirley Aparecida de Miranda (Doutora)

Prof(a). Cristiano Cezarino Rodrigues (Doutor)

Prof(a). Cecília Maria Izidoro Pinto (Doutora)

Prof(a). Ricardo José Aleixo de Brito (Doutor)

Prof(a). Bárbara Bruna Moreira Ramalho (Doutora)

Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite (Doutor)

Prof(a). Pedrina de Lourdes Santos (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Helena Alvarez Leite, Professora do Magistério Superior**, em 02/07/2024, às 18:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bárbara Bruna Moreira Ramalho, Professora do Magistério Superior**, em 02/07/2024, às 18:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Shirley Aparecida de Miranda, Pró-reitor(a) adjunto(a)**, em 03/07/2024, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Cezarino Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 15/07/2024, às 14:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo José Aleixo de Brito, Usuário Externo**, em 06/10/2024, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cecilia Maria Izidoro Pinto, Usuário Externo**, em 22/10/2024, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedrina de Lourdes Santos, Usuária Externa**, em 24/10/2024, às 08:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

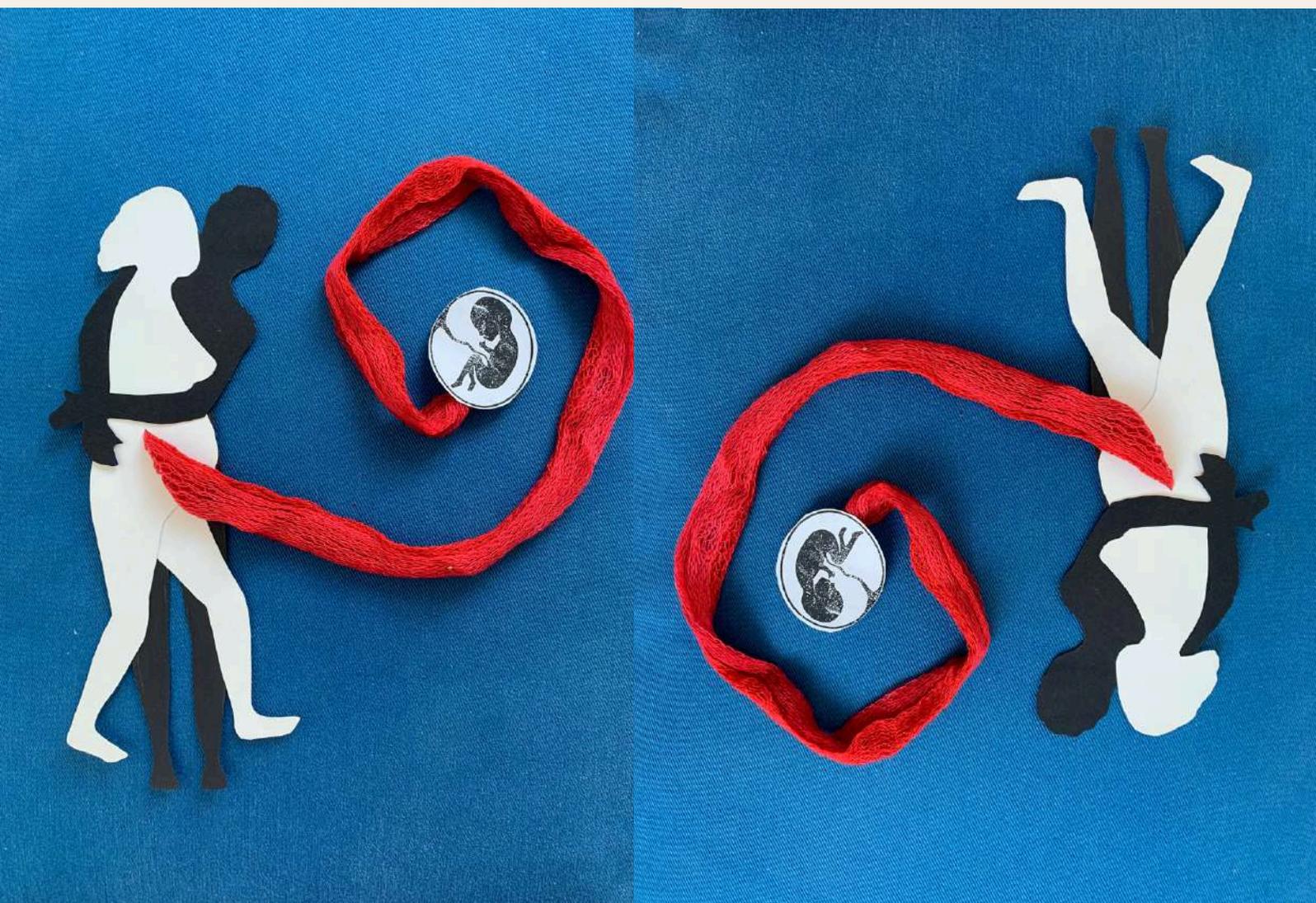


A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3342536** e o código CRC **0FDA6093**.



hÁ

MAR



>>> COM QUANTAS PESSOAS SE FAZ UMA TESE?

Ao longo do doutorado - e mesmo antes dessa jornada começar - em vários momentos pensei: "Preciso incluir essa pessoa nos **agradecimentos** da minha tese."

Sinto que cada uma delas foi como um pigmento essencial, dando cor e vida à construção deste trabalho. Por isso, quero expressar meu reconhecimento e apreço a todas as pessoas que colaboraram nessa caminhada.

AOS ANCESTRAIS E AOS
QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS
ABILDE CARNEIRO
ACIRLENE
ADRILENE MURADAS
ADYR ASSUMPTÃO
ALESSANDRO LIMA
ALEX HORNEST
ALINE - CASA DA ALINE
ANA COIMBRA
ANA PI
ANDINHO
ANDRÉ - CIBERTERREIRO
ANDRÉIA CUNHA
ÂNGELA AMÂNCIO
ANITA AMÂNCIO
ANTONIETA AMÂNCIO
AUÁ
BÁRBARA
BÁRBARA RAMALHO
BELO HORIZONTE
BENJAMIN ABRAS
BIA
BIA REIS
BRÉU
BRUNA
BRUNO MAGNAGO
CAMILA CONTÃO
CARMEN
CARMENZA BANGUERA
CASA DE APOIO MATHEUS GARCIA
CÁSSIA MACIEIRA
CÁSSIO GUERRA
CECILIA CALAÇA
CECÍLIA IZIDORO
CEIA
CELI AMÂNCIO
CELINA
CIDA
CIDA REIS

CLARA
CNPQ
COLEGAS DA PÓS-GRADUAÇÃO
COLETIVO BLACK HORIZONTE
COLÔMBIA
CRIS KLINSA
CRISTIANE BARRETO
CRISTIANO CEZARINO
CULU
D. INOCÊNCIA
DAGOBERTO FONSECA
DANI ADIL
DANIELE SÁ
DANILO E SAM
DÉBORA RODRIGUES
DENILSON
DOCA
DU LEVY
EDNA
EDSON
EDUARDO FILGUEIRAS
ELI RENTERÍA
ELTON
EMÍLIO
ERIC
ESPAÇO ARTE EDUCAÇÃO
EVALDO MACEDO
FABRICIA
FAE - PPGE
FÁTIMA LIMA
FERNANDA
FIEI
FLORA GUERRA
FLÚVIA
FRANCISCO COUTINHO
FUNCIONÁRIAS(OS) DA FAE
GABRIEL

GABRIELA AMÂNCIO
GERSON AMÂNCIO
GIL AMANCIO
GILMARA SILVA
GILSON
GIOCONDA
GOBIRA
GRAÇA
GRUPO DE ESTUDOS CIBERTERREIRO
GUARAPARI
GUDA COELHO
GUI GUERRA
GUILARDO VELOSO
HARUKO E TAKIMI
HUGO
IRACEMA
ISABELA VITRAL
IVONNE
IZADORA
IZALDINA
IZANETE
JÉSSICA FORTUNATA E KAIO
JOANA
JOÃO
JOÃO SOARES
JOSI
JOSIAS MARINHO
JOSILEY
JULIANA LINDOSO
JULIANA GOUTHIER
JULIO CODE
KARLA DANITZA
KÁTIA GUERRA
KENYA
LAYSA AKEHO
LELENA LUCAS E DIDI
LENINHA
LÉO GONÇALVES
LOLA PERONI
LÚCIA E FAMÍLIA
LUCIANA FIEI
LUCIANA SALVADOR
LUCIANE RAMOS
LUCAS

LUCINHA ALVAREZ
LUIZ ALBERTO OLIVEIRA GONÇALVES
LUNA
MARCEL DIOGO
MÁRCIA
MÁRCIA ALMEIDA
MÁRCIA GUERRA
MARGO SCARASSATI
MÁRCIO DIAS
MARCOS FELINTO
MARIA GORETE
MARIANA
MARÍLIA ALMEIDA
MARINA
MARISA CAMPIO MULLER
MARISE DINIS
MARQUINHOS CARDOSO
MATEUS GUERRA
MATEUS CABULA
MATHEUS VAZ
MATHIAS
MAYRA LINDOSO
MICHELE
MICHELLE CORRÊA
MÔNICA SARTORI
NELMA
NENÉM
NET
NILDA RIBEIRO
NILEI
NORA
OTOBONG NKANGA
PABLO BERNARDO
PATRÍCIA AHMARAL
PATY
PEDRINA DE LOURDES
PERPÉTUA

PREMA
QUIM
RAFA
RAFAELA
RAQUEL
REBECA
RICARDO ALEIXO
RICARDO BANCA DA LUA
ROBERTO ALMEIDA
ROCÍO
RODRIGO EDNILSON
ROSÂNGELA MOURA
RÚBIA
SELMA FONSECA
SHIRLEY MIRANDA
SHIRLEY PASINATO
SILVIA REGINA
SINESTESIA
SOFÍA GONZÁLEZ
SÔNIA AUGUSTO
SORAYA MARTINS
SORAYA SEHLI
SYLVIA VARTULLI
TELMA FERNANDES
TEREZA
THIAGO MENDONÇA
THOMÁZ AMÂNCIO
TOMAS ALMEIDA
TUANY FAGUNDES
VALÉRIA
VALMIA
VANESSA
VERA LOPES
VERA ZAVARISE
VIVIANE FERREIRA
WELINGTON
WINNY ROCHA
YASAIRA
ZÉ AMÂNCIO
ZORA SANTOS

Resumo

Este trabalho apresenta o percurso de uma pesquisa-experimento com o Grupo de estudos Ciberterreiro. Nos dedicamos a refletir sobre as estratégias de (r)existência diante das políticas de branqueamento da população brasileira e dos processos de silenciamento, apagamento e epistemicídio. A partir de experimentos artístico-teórico-metodológicos, mobilizados pelo **Vitiligo** e fundamentados nas culturas afrodiaspóricas, tivemos como foco o contexto de Belo Horizonte - MG. Esse movimento nos levou à construção de uma tese-exposição intermídia, como um exercício de escrita acadêmica compartilhada, que visa colaborar com as investigações propostas pelas perspectivas contra-coloniais no campo da educação.

Palavras-chaves: Arte; Afrodiaspora; **Vitiligo**; Raça; Educação das Relações Raciais; Contra-colonização.

Abstract

This work presents the course of a research-experiment with the Ciberterreiro study group. We dedicate ourselves to reflecting on the strategies of (r)existence in the face of the whitening policies of the Brazilian population and the processes of silencing, erasure and epistemicide. Starting from artistic-theoretical-methodological experiments, mobilized by **Vitiligo** and based on Afrodiasporic cultures, we focus on the context of Belo Horizonte - MG. This movement led us to the construction of an intermedia thesis-exposition, as an exercise in shared academic writing, which aims to collaborate with the investigations proposed by counter-colonial perspectives in the field of education.

Keywords: Art; Afrodiaspora; **Vitiligo**; Race; Race Relations
Education; Contra-colonização.

sumário

- >>> Exposição corpo>><<carto>>grafia>> afrodiaspórica do vitiligo p. 13
- >>> Em que medida a arte pode revelar camadas que o apagamento esconde? p. 37
- >>> O Vitiligo como Linguagem e o Pensamento Curatorial da Exposição p. 57
- >>> Caminhos Metodológicos do Ciberterreiro p. 117
- >>> Pesquisa Compartilhada e Intermídia p.147
- >>> “começo-meio-começo” : tecendo considerações finais p. 210
- >>> Referências p. 230



O Espaço Arteducação - FaE/UFMG
convida para exposição:

corpo>>>
<<<carto
grafia>>>
afrodiaspórica
do vitiligo

Gabriela Guerra

Participação:
Michelle Corrêa

A exposição é um experimento da pesquisa de doutorado desenvolvida pela artista no Programa de Pós-graduação em Educação e Inclusão Social, realizado em colaboração com o Grupo de Pesquisa Ciberterreiro / NERA.

ABERTURA: 14 DE JUNHO - 18 HORAS
VISITAÇÃO ATÉ 12 DE JULHO DE 2023

ESPAÇO ARTEDEUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG - CAMPUS PAMPULHA



>>> Exposição
corpo >>
<< carto
grafia >>
afrodiaspórica
do vitiligo



"Arqueologia de si"
Artista: Gabriela Guerra
Técnica: Fotografia
Impressão Fineart: Luiz Rodrigo Cerqueira
Dimensão: 60 x 44 cm
Ano: 2021



"A minha pele tem fome"
Artista: Gabriela Guerra
Técnica: Fotografia
Impressão Fineart: Luiz Rodrigo Cerqueira
Dimensão: 73,5 x 53,5 cm
Ano: 2016

corpo >> carto >> grafia ¹⁸ afrodiaspórica da vitiligo

A exposição resulta das investigações de Gabriela Guerra sobre o vitiligo, iniciadas em 2011, e desenvolvidas no âmbito do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas sob minha orientação. A artista traça experimentos que têm por base o vitiligo como linguagem e como esta linguagem pode ser utilizada para abordar as relações étnico-raciais.

Trata-se de uma produção que emerge do encontro entre arte e educação potencializado pelo Ciberterreiro, coletivo de arte, que em sua conexão com a universidade interroga a relação entre raça e descolonização de processos educativos. Assim, de forma colaborativa, os experimentos com vitiligo trazidos nessa exposição apontam caminhos para uma cartografia do apagamento da presença negra na construção da sociedade brasileira, nos campos da ciência, da política e da estética. Como a arte pode desvelar camadas que o apagamento esconde?

A exposição traz uma camada dos experimentos produzidos pela artista, com a colaboração expressiva de Michelle Corrêa, sinalizando as interfaces entre arte, educação e saúde impressas na pele e expandidas em imagens. Interessa aqui o movimento de grafar histórias de formas múltiplas, reconhecendo as estratégias afrodiaspóricas de escritas por meio do corpo e buscando um diálogo com as estruturas acadêmicas. Nesse sentido, "o vitiligo é entendido como linguagem, na qual os pigmentos perdidos de melanina podem ser como as africanas e africanos, arrancados de seus territórios, que se transformaram em sementes pretas dispersas pela diáspora, carregando dispositivos ancestrais para hackear os códigos coloniais." Esperamos que essas narrativas possam oferecer "lentes" que nos ensinem a ver com todos os sentidos do corpo.

Shirley Miranda

Belo Horizonte, 10 de junho de 2023





A instalação
"Pele Afetiva" é interativa.

Se aproxime, toque, cheire,
sinta, dance, balance,
entre, se aconchegue . . .



"Pele Afetiva"

Artista: Michelle Corrêa

Técnica: Instalação em fios e tecidos diversos

Dimensão: 90 cm de diâmetro

Ano: 2022



"Com tato"

Artista: Gabriela Guerra

Técnica: Fotografia

Impressão Fineart: Luiz Rodrigo Cerqueira

Dimensão: 45 x 56 cm

Ano: 2019



corpo>>
<<carto
grafia>>
afrodiaspórica
do vitiligo

Gabriela Guerra
Participação:
Michelle Corrêa





FICHA TÉCNICA

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora
Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-reitor
Alexsandro Fernandes Moreira

Faculdade de Educação

Diretora
Andrea Moreno

Vice-diretora
Vanessa Ferraz Almeida Neves

Espaço Arteeducação

Coordenadora
Daniele de Sá Alves

Monitoras
Lara Carvalho Pinheiro
Yan Nícolas São Thiago
Raquelinda Fabia Clares

Artista
Gabriela Guerra

Participação
Michelle Cordeiro

Curadoria
Gabriela Guerra
Michelle Cordeiro
Daniele de Sá Alves

Monitoragem
Gabriela Guerra
Michelle Cordeiro
Daniele de Sá Alves
Lara Carvalho Pinheiro
Yan Nícolas São Thiago
Raquelinda Fabia Clares

corpo
«carto grafia»
afrodiaspórica do vitiligo

Participação
Participação

Gestões, fotografias e montagem sobre a exposição em seu estado original. Disponível em registro impresso.

@museu.ufmg @ufmg @gabriela.guerra @daniela_salves @vanessaneves

A exposição é um experimento da pesquisa de doutorado da artista orientada pelo professor Shirley Miranda, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação e Inclusão Social realizada em colaboração com o grupo de pesquisa Cibertextos / NERA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Sandra Regina Goulart Almeida e Alexsandro Fernandes Moreira
Reitora e vice-reitor | UFMG

Andrea Moreno e Vanessa Ferraz Almeida Neves
Diretora e vice-diretora | FAE

Daniele de Sá Alves
Coordenadora e curadora | Espaço Arteeducação

FAE Faculdade de Educação

UFMG





"Reterritorializar"

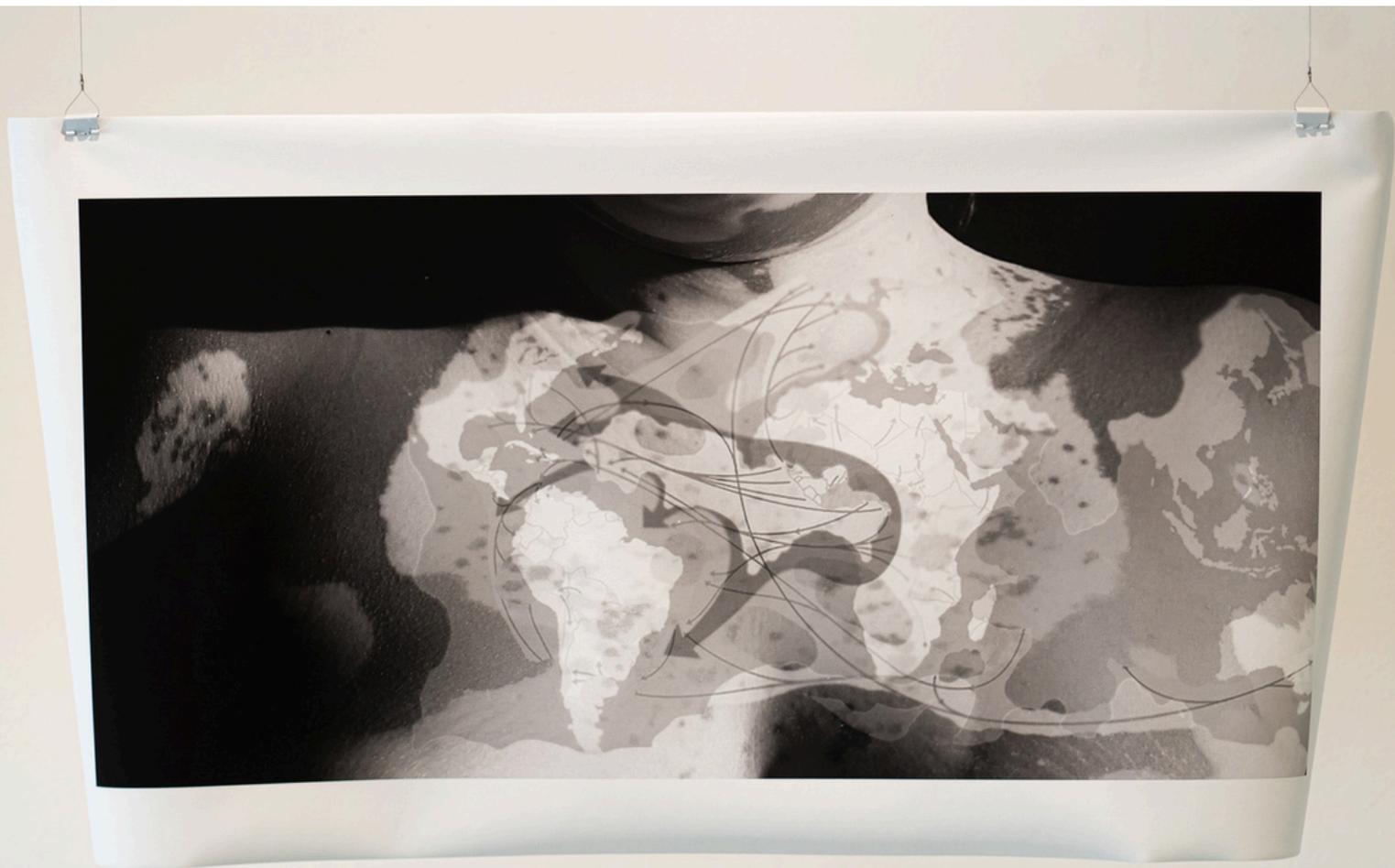
Artistas: Gabriela Guerra e Michelle Corrêa

Técnica: Instalação com impressões em voil

Dimensão: variável

Ano: 2023





"Travessia"

Artista: Gabriela Guerra

Técnica: Fotografia e colagem digital

Impressão Fineart: Luiz Rodrigo Cerqueira

Dimensão: 83 x 45 cm

Ano: 2023



>>> Em que medida a arte
pode revelar camadas
que o apagamento
esconde?

Iniciado em 2020, concebemos este trabalho como uma tese-exposição por se tratar de uma produção acadêmica que experimenta um formato híbrido, no qual o texto escrito comparece não como linguagem principal, mas como meio complementar de comunicação dos resultados da pesquisa. A exposição “corpo>><<carto>>grafia afrodiaspórica do **v i t i l i g o**” é o que se constitui como a essência de nossa elaboração. Porém, por ter uma característica efêmera, nos coloca o desafio a respeito da forma de compartilhá-la para além do seu período de duração, compreendido entre 14 de junho e 12 de julho de 2023.

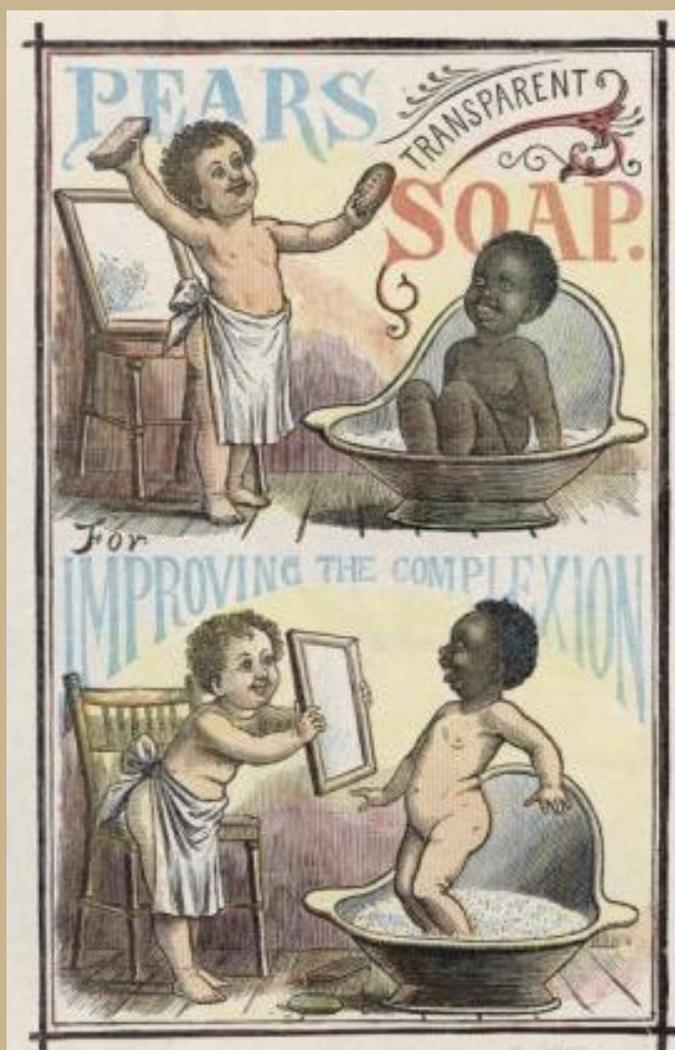
Assim, optamos por começar o presente relatório com um conjunto de imagens da exposição e nas seções seguintes apresentamos os processos de criação das mesmas, bem como as referências artísticas-teórico-metodológicas que fundamentaram a investigação. Buscamos em nossa escrita um entrelaçamento entre palavras e imagens, que vem sendo aprimorado desde o projeto inicial, submetido ao processo seletivo do doutorado, como uma proposição de pesquisa-experimento. Portanto, a atual formatação do conteúdo se diferencia do padrão das teses no campo da educação, porque almejamos uma coerência no tratamento do objeto de estudo, que tem a forma como um elemento fundamental para a construção de sentido.

Tal diferenciação foi se estruturando após testagem de métodos distintos até atingirmos este formato possível, que atende determinadas normas exigidas pelo programa de pós-graduação, mas que aposta numa composição que visa contemplar um volume robusto de imagens; alterações na cor da tipografia e da página; manchas de textos com desenhos variados e também espaços vazios.

Nosso objetivo foi dar continuidade ao que iniciamos na pesquisa mestrado, e que emergiu da confluência entre as experiências enquanto artista no Coletivo Black Horizonte e educadora em museus e exposições em centros culturais da capital mineira, até 2011, nos quais eram quase inexistentes as referências à produção artística e cultural africana e afrodescendente.

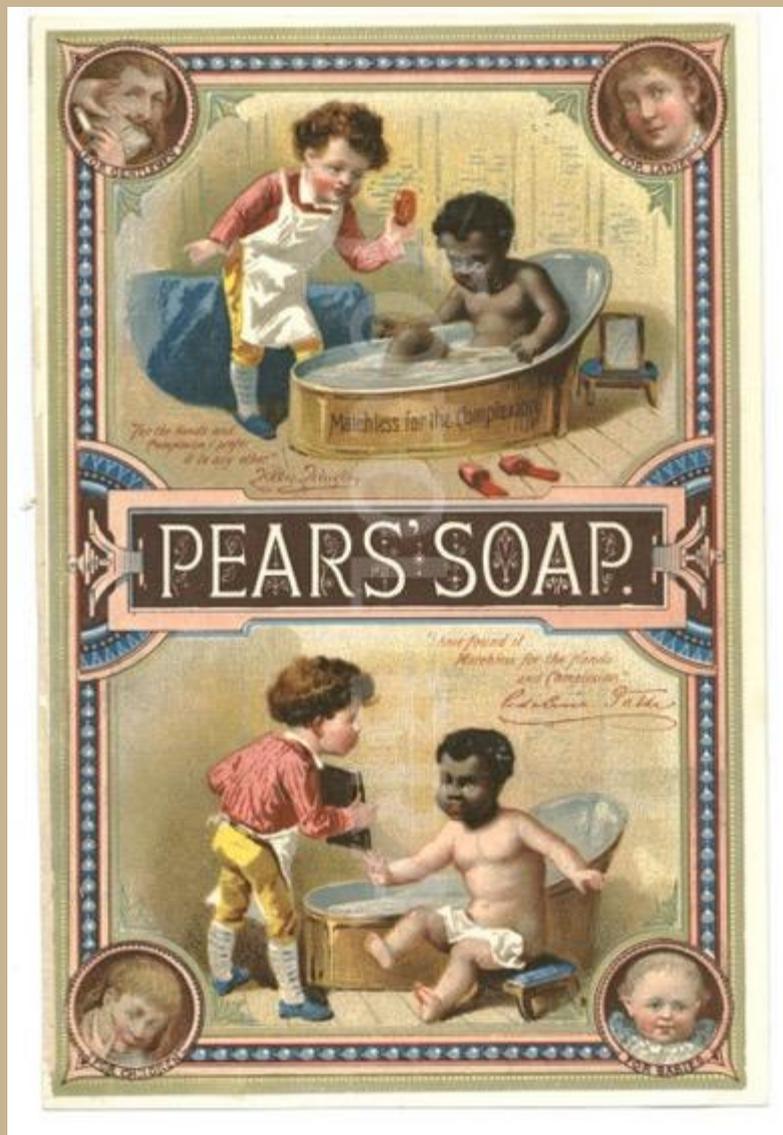
Sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves e coorientação do Prof. Dr. Francisco Ângelo Coutinho, pudemos estabelecer um diálogo entre arte e ciência, na medida em que analisamos como a produção de determinadas/es/os artistas negras/es/os, provocam reflexões sobre os processos de construção de identidades étnico-raciais, e como poderíamos contribuir com o campo da educação das relações raciais, a partir de então.

Paul Gilroy¹, ao dizer sobre a concepção de raça, nos aponta que ela vai além de um processo exclusivamente linguístico, envolvendo desde o seu princípio um distintivo imaginário óptico e visual (GILROY, 2007, p.57). A pesquisa nos propiciou um maior entendimento sobre como esta elaboração foi realizada por meio de imagens produzidas pelas ciências, artes e pelas mídias publicitárias. E ainda, sobre a importância da imagem para o questionamento de estereótipos e construção de outros olhares.



Propaganda do sabonete Pears, 1880.

¹ Neste trabalho optamos por apresentar as/es/os autoras/es com o primeiro nome, além do sobrenome, para marcar as diferenças de gênero.

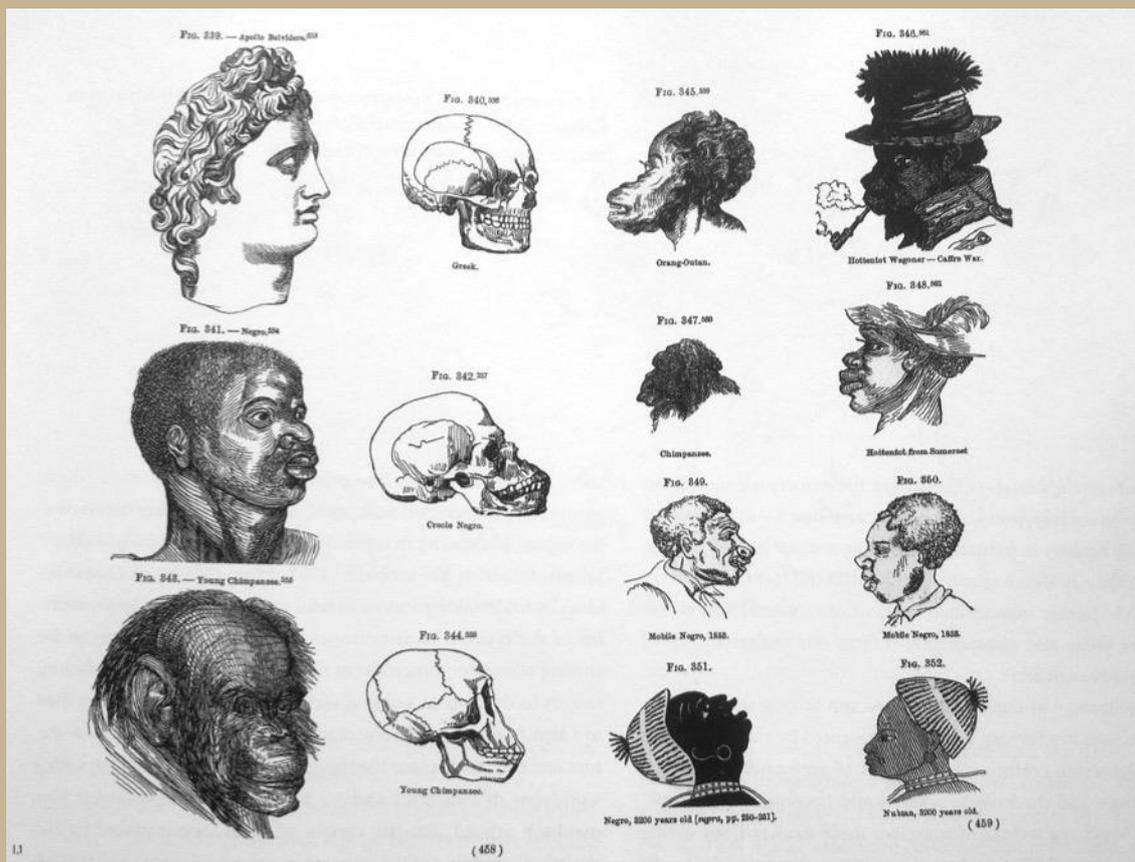


Propaganda do sabonete Pears, 1890.



A redenção de Cam ,1895. Óleo sobre tela. Modesto Brocos.

Durante as disciplinas da pós-graduação entrei em contato com os estudos pós-coloniais e decoloniais, o que possibilitou um entendimento mais amplo do racismo como parte do processo de colonização e também pude vislumbrar interlocuções entre as artes e os processos de descolonização do conhecimento. O contato com a Formação Intercultural de Educadores Indígenas - FIEI, no estágio docência, foi importante para acessar outros níveis de complexidade do campo. Pude conviver com estudantes de diferentes etnias e suas referências culturais afetavam suas produções acadêmicas de maneiras que não conhecia. Os desenhos, por exemplo, se fazem fortemente presentes.



Ancient and modern racial classification: the Apollo Belvedere as the archetypal European and depictions of captured Nubians from ancient Egyptian paintings.
 Fonte: Josiah Clark Nott and George Robert Gliddon. *The Types of Mankind*. 1854. In: BINDMAN, D.; GATES, H. (Ed.) *The Image of the Black in Western Art I - From the Pharaohs to the Fall of the Roman Empire*. p.5.

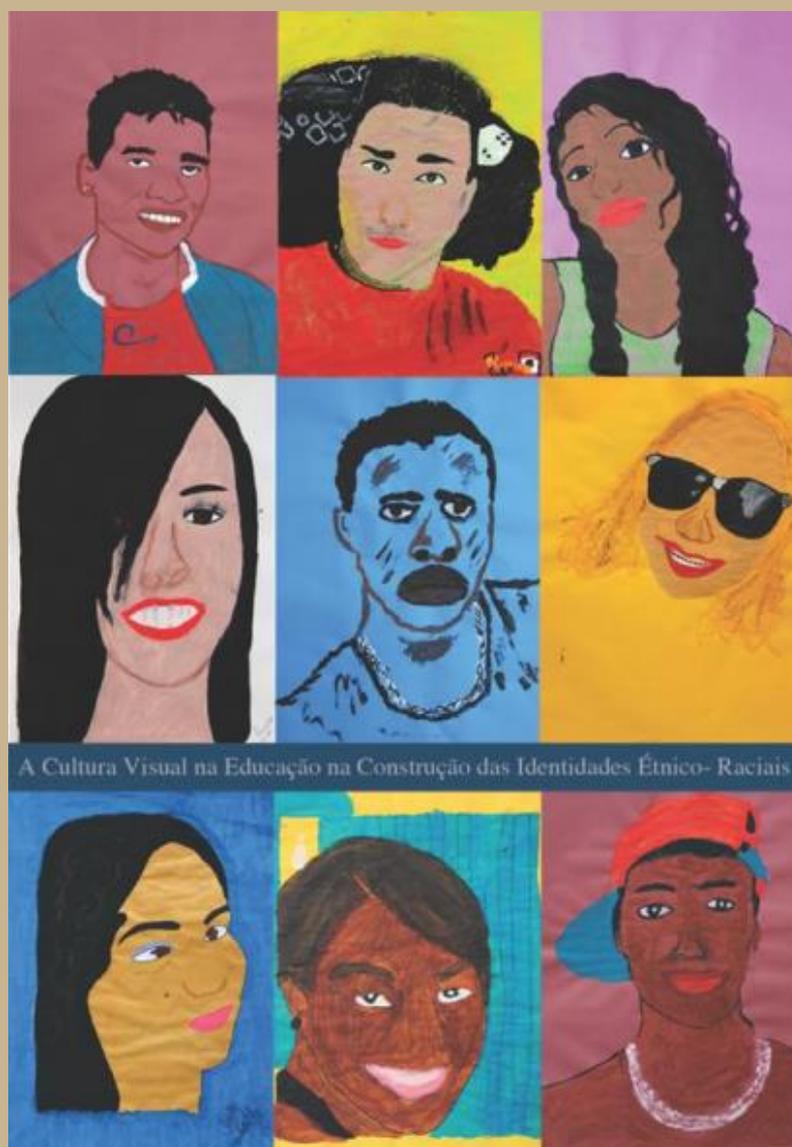
As imagens tem um potencial que pode ser utilizado tanto para a construção de narrativas coloniais, quanto para a composição de narrativas críticas, capazes de desestabilizar diferentes formas de colonialismo contemporâneo. Elas possibilitam abordar sentidos que vão além da linguagem oral e escrita (CUSICANQUI, 2010).

Desde 2008, vimos fazendo ensaios do uso da imagem dentro de pesquisas acadêmicas, experimentando as suas potencialidades para tornar visíveis concepções teóricas e metodológicas. Este trabalho se iniciou na parceria com Eneida Pereira dos Santos, quando fui convidada a colaborar na produção das imagens de sua tese intitulada “Gil Amâncio & encontros: Processos educativos, cultura negra, intervenções de mestres e convivência”.

Posteriormente, realizei algo semelhante na pesquisa de mestrado “Associação José do Patrocínio: dimensões educativas do associativismo negro entre 1950 e 1960 em Belo Horizonte, (2010)”, de Andréia Rosalina Silva. Pudemos aprofundar a elaboração de imagens em minha pesquisa de mestrado, no “ANT_LAB - Laboratório de Pesquisas Ator- Rede e Educação”, e vimos dando continuidade em outras composições como no Memorial de Gil Amâncio (2021) e nas pesquisas de Débora Rodrigues (2020), Marcelo Almeida (2020), Camila Contão (2022), Andréia Martins (2022) e Michelle Corrêa (2022).



Associativismo negro, 2010. Imagem criada para a tese de Andréia Rosalino a partir de fotografia. Gabriela Guerra



Capa da dissertação de mestrado, 2015. Composição a partir das pinturas dos estudantes da Fundação Caio Martins. Gabriela Guerra



Imagem da tese de doutorado de Andréia Martins da Cunha, 2022. Gabriela Guerra e Michelle Corrêa

Entendemos que a imagem é composta por uma estética e um conteúdo e exerce funções distintas de um texto verbal, como por exemplo, para apresentar algo que somente o campo visual possibilita acessar; ilustrar conceitos, buscando uma complementaridade; propor diálogos, e estabelecer contrastes, entre outras. Ao trabalharmos imagem e texto conjuntamente, ou seja, realizando uma produção visual a partir das análises, em diálogo com o texto escrito, numa relação de equivalência, nosso exercício tem sido no sentido de questionar a hierarquia entre as linguagens que existe na produção acadêmica no campo da Educação.

Buscamos ainda ampliar as possibilidades de entrada nas elaborações acadêmicas, expandindo seu público interlocutor, na medida em que utilizamos outras linguagens além da escrita textual. Esta pode ser uma forma de torná-los mais acessíveis e conflui com o movimento feito por pesquisadoras/es indígenas como, Célia Xakriabá (2018), Siwê e Saniwê Pataxó (2022), que apontam o quanto uma escrita construída coletivamente, com o corpo, o som e a imagem, entre outros elementos, é fundamental.

**"Pode o conhecimento acadêmico
cantar, dançar, recitar,
desenhar, sambar?"
(Copene, 2022.)²**

Encontramos ressonância também na provocação acima, lançada pela Sessão Temática 35, intitulada “Pensamento Negra Descolonial: Arte-Ciência performando gestos epistemológicos e metodológicos”, organizada por Míriam Alves (Universidade Federal de Pelotas - UFPEL), Ademiél de Sant'Anna Junior (Universidade Federal do Rio Grande Do Sul - PPGPSI), Cecília Maria Izidoro Pinto (Universidade Federal do Rio de Janeiro), no Congresso Nacional de Pesquisadores Negros -COPENE, que participamos em 2022. Ela corrobora com o conceito de terreirizar, que temos utilizado para dizer do exercício artístico e acadêmico que vimos fazendo a partir das práticas que constituem os terreiros/territórios formados nas diásporas pelas populações indígenas e negras.

Temos refletido sobre os modos de fazer, de se reinventar, constituídos nos fluxos de des>>re>>territorialização, a partir de nossas experiências pessoais e da convivência com mestras/es da Formação Transversal em Saberes Tradicionais dentro da universidade, tais como Makota Cássia Kidoialê, Isabel Casimira, Capitã Pedrina de Lourdes, Nego Bispo e Naldo e Makota Valdina.

² Disponível em:

https://www.copene2022.abpn.org.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoZnjoiT0xOntzOjEyOiJJRF9BVElWSURBREUiO3M6MzoiMTQxIjt9IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6IjZiNDk4MDkwMzk4ZmI0YjM0YmFiNDkZGMwOGIzNjNkIjt9&ID_ATIVIDADE=141. Acesso em: 20 de Novembro de 2022.

Por meio de exercícios criativos, realizados no grupo de estudos Ciberterreiro, que apresentaremos na seção “Caminhos Metodológicos do Ciberterreiro”, temos buscado uma confluência entre o que foi excluído e o que foi estabelecido como ciência, e nos lançado no desafio de descolonização de processos educativos. Sendo assim, se os modos de investigação que temos utilizado fazem uso de diferentes linguagens, a construção de formas de compartilhamento da pesquisa tem nos demandado também outras concepções de escrita.

As normas técnico-científicas, tradicionalmente utilizadas na elaboração de monografias, dissertações e teses, tem nos impossibilitado exprimir a pluralidade de nossos experimentos, que estão no campo do sensível e mobilizam o corpo, em sua plenitude, para a produção de conhecimento.

Assim sendo, propomos o formato de tese-exposição intermídia, tomando como referência para os nossos estudos as manifestações culturais afrodiáspóricas, nas quais observamos uma estreita relação entre música, dança, visualidade, corporalidade e as dinâmicas de manutenção da vida. A abordagem de processos de conhecimento a partir das artes afrodiáspóricas tem o potencial de colocar em evidência patrimônios de conhecimento e tradições desconsideradas nos currículos acadêmicos, colaborando para quebrar a visão única de mundo apresentada pelo enfoque eurocêntrico no âmbito científico, filosófico, estético e cosmológico.

**A palavra diáspora, que quer dizer "semear através",
faz alusão ao processo pelo qual estes africanos,
brutalmente desenraizados de tudo o que conheciam,
fincaram novas raízes, produzindo novos frutos nas terras
onde se encontraram. Em todas as américas estes sobreviventes, migrantes
involuntários, depois de um trauma tão enorme, tiveram que começar
imediatamente, em uma situação de opressão inimaginável,
a inventar novas identidades e criar novas culturas.
Fundamentaram-nas nos saberes que trouxeram da África
em sinergia com o que encontraram em sua nova terra,
criações que marcaram com sua originalidade
as sociedades de todas as américas. (Sheila Walker, 2018,p.15)**

Nos interessa, portanto, menos encontrar as raízes africanas, como nos alerta Gilroy (2001), e sim compreender as conexões entre o que foi e é continuamente criado nos diferentes territórios onde africanas e africanos e seus/suas descendentes se estabeleceram, constituindo uma resistência à colonização.

Dessa forma, revisando a bibliografia que trata da história das artes em Belo Horizonte, cidade onde se situa a pesquisa, é notável a ausência de referências à produção artística da população negra, o que não surpreende tendo em vista os processos de silenciamento destas narrativas a partir das perspectivas coloniais, conforme revelam os estudos de Emanuel Araújo (1988).

Belo Horizonte é uma cidade que foi projetada e os processos de apagamento se fazem presentes em sua maneira de ser estruturada. Inaugurada em 1897 para ser o centro político-administrativo de Minas Gerais, o local escolhido para a construção da nova capital, o arraial do Curral Del Rei, foi destruído, produzindo-se assim um desenraizamento associado ao desmantelamento da própria memória, e dando lugar a uma combinação eclética de formas neogóticas, neoclássicas e neocoloniais, acompanhadas de elementos ornamentais do art nouveau, visando uma conciliação entre tradição e modernidade (João FÍGOLO, Ronaldo NORONHA, João GUIMARÃES, 2012).



Série "Apagamentos e (re)existências", 2021. Desenho digital a partir do
mapa de Belo Horizonte. Gabriela Guerra

Sendo assim, nos perguntamos: como enfrentar a invisibilidade das produções artísticas negras nas instituições públicas da cidade, que tem mais de cinquenta por cento de sua população formada por pretos e pardos? Como construir novas narrativas que contam as nossas histórias, como pessoas negras que participaram efetivamente da construção cultural e artística de Belo Horizonte? O mapa apresentado acima pode nos instigar a refletir como os territórios negros compõe a cartografia da cidade?

Nos parece importante indagar sobre em que medida o que se institui como arte é estruturado pelo colonialismo e reproduz os processos de apagamento. Se pensarmos, por exemplo, a narrativa hegemônica sobre o cubismo de Picasso na arte europeia, constatamos que ela pode até incluir as máscaras africanas que o artista tinha em seu atelier. Porém, destaca somente a genialidade do artista e não a complexidade das artes africanas na qual ele se baseia para fazer uma mudança vanguardista na produção de arte daquele momento no contexto europeu.

O contato com as artes africanas ocorre em função do processo de colonização da África pela Europa, no final do século XIX. A divisão violenta do continente africano entre nações europeias na Conferência de Berlim é um dos marcos desse período. Os fluxos provocados pela colonização geraram transformações na arte europeia que vão caracterizar as vanguardas artísticas do início do século XX. Elas decorrem do contato dos artistas com diferentes culturas a partir do surgimento dos museus etnográficos, formados pelo processo de espoliação dos territórios colonizados pela Europa.

A perspectiva eurocêntrica separa a arte em diferentes categorias e as hierarquiza, como por exemplo as artes aplicadas, o artesanato, arte erudita, popular, Naif, contemporânea, entre outras; bem como compartimenta as diferentes expressões artísticas, como as Artes Visuais (pintura, fotografia, escultura, cinema, desenho, entre outras) e Artes Cênicas ou Performáticas (teatro, dança, circo, música). E dentro deste sistema das artes, o que vem sendo feito, desde as vanguardas até a arte contemporânea, é cada vez mais borrar as fronteiras entre as diversas artes, bem como os limites entre arte e vida.

Se olharmos para os terreiros de Candomblé, as Capoeiras, os Reinados, o Hip Hop, os Sambas, as aldeias Pataxós, Xakriabás e Maxakalis, dentre outras; em suas práticas, arte e

vida parecem ser indissociáveis. Nelas, corpo, som e imagem se conectam intimamente nas dinâmicas comunitárias. Como a arte é entendida nestes territórios?

Hélio Menezes (2018) nos aponta que as diversas designações para a arte produzida pela população negra, como arte preta, diaspórica, negra, afrodescendente, afro-brasileira, afro-orientada e de matriz africana, são carregadas de histórias e revelam os desafios para circunscrever uma polifonia histórica e contemporânea.

“Afinal o que é arte afro-brasileira?
 Além da "própria origem",
 quais outros critérios circunscrevem (ou não) essa produção?
 Seria essa área definida pela presença em obras
 de "alguma coisa ligada à África"?
 A autoria negra, a seu turno,
 sem um conteúdo também afro-brasileiro nas obras
 - como no caso de Estêvão da Silva -,
 não é critério suficiente para essa identificação?
 E quanto ao contrário? Uma obra cujo o conteúdo
 tematize questões afro-brasileiras,
 mas sem uma correlata autoria negra,
 a torna parte integrante dessa área?”
 (Menezes, 2018, p.575)

Pesquisadoras e pesquisadores tem se debruçado sobre essas questões como é o caso dos estudos de Cecília Calaça (2013), Wagner Viana (2015), Renata Santos (2016), Luciane Silva (2017) e Janaína Viana (2018). Para não recair em essencialismos raciais é necessário considerar que não há algo que seja intrínseco a uma produção artística que a relacione, sem mediações, à cor da pele de sua/seu autora/autor.

Mas quando olhamos para a sub-representatividade de artistas negras e negros nas instituições culturais e educacionais, apesar da qualidade e diversidade de suas obras, se tornam evidentes as políticas de apagamento desta produção. Não é possível circunscrever

a inventividade das/os artistas numa linha que os unifique, no entanto, o uso de termos como arte afro-brasileira, negra e diaspórica como uma categoria política de reivindicação de visibilidade e reconhecimento da arte feita por pessoas negras ainda é fundamental (MENEZES, 2018).

É possível observar, como resultado das lutas dos movimentos sociais negros e indígenas, a crescente preocupação das instituições culturais em revisar suas políticas, suas próprias coleções, programações, tendo como paradigma a crítica ao eurocentrismo da história da arte, buscando uma diversidade de olhares sobre raça e gênero e dos artistas que integram acervos, exposições, mostras de cinema, artes cênicas e música.

É significativo o movimento de revisão das narrativas eurocentradas nas instituições culturais, com a incorporação de conhecimentos que foram historicamente marginalizados, como salienta Ilka Leite (2007). No entanto, na busca de uma equivalência de saberes, também se faz necessário o reconhecimento das diferentes formas de grafar a história da população negra que estabeleceram suas próprias instituições como os Sambas, Capoeiras, Reinados, Hip Hop, Funk, Umbandas e Candomblés na cidade.

O que acontece, por exemplo, quando as produções artísticas e culturais negras e indígenas começam a ocupar mais espaço nas instituições educacionais e culturais? Em que medida elas precisam se formatar para adentrar esses espaços? Ou como estes espaços também começam a ser transformados por essas produções? E como evidenciar a produção artística e intelectual das aldeias e dos terreiros afrodiaspóricos também a partir de seus próprios territórios?

Portanto, mobilizadas/es/os por estas questões e buscando refletir sobre em que medida a arte pode desvelar camadas que o apagamento esconde, nos propusemos a elaborar uma exposição como tese no intuito de confluir com os movimentos contra-coloniais, e contribuir com os caminhos de pesquisa que vem sendo traçados a partir das perspectivas anticoloniais de educação, com o desejo de que nosso trabalho possa instigar novos olhares e percepções.



Série “Pele Afetiva”, 2022. Fotografia. Michelle Corrêa e Gabriela Guerra.

>>> **O Vitiligo**
como linguagem e o
pensamento curatorial da
exposição

De que maneira o **v i t i l i g o** passa a compor a pesquisa e se torna o eixo da exposição? Em 2010, alguns anos após me formar em Artes Visuais, comecei a trabalhar com um grupo de artistas negros de Belo Horizonte. Nos reunimos para criar uma performance para o "Festival 1, 2 na Dança" a partir da investigação sobre as artes negras e as tecnologias digitais de som e imagem. Esse movimento deu origem ao Coletivo Black Horizonte e, posteriormente, ao Ciberterreiro, que abordaremos mais detalhadamente na secção "Caminhos Metodológicos do Ciberterreiro".

Durante os processos de pesquisa com o Coletivo, entrei em contato com estudos, como os de Gilroy, no livro "O Atlântico Negro" e de Ron Eglash, (2006) que me surpreenderam bastante, na medida em que apontavam relações entre a matemática fractal e as arquiteturas africanas; entre os jogos de búzios e o código binário da computação. Isso foi modificando a minha perspectiva sobre as culturas afrodiaspóricas, fui percebendo o quanto havia em mim uma visão depreciativa em relação à elas, e comecei a compreender mais sobre o racismo, algo que sentia, mas sobre o qual não sabia falar.

No período próximo de uma de nossas apresentações do Coletivo, cujo tema era Arte Negra e Tecnologia, um colega negro do meu trabalho num museu, ao saber do evento, fez um questionamento para uma outra colega branca: "o que a Gabi, branca daquele jeito, vai falar sobre arte negra?" Quando soube desta indagação, surgiu uma grande inquietação em mim, provocando uma mudança na percepção que tinha do meu corpo, interracial e atravessado por uma afecção de pele. Comecei a reconhecer que o **v i t i l i g o** alterava a forma como as pessoas me percebiam racialmente e a repensar sobre como eu mesma me identificava.

O campo no qual fui mergulhando, por meio das pesquisas no Coletivo, passou a transformar meu imaginário. Certo dia, me olhei no espelho e vi, numa das manchas de despigmentação na região do tórax, o desenho de um mapa da África. Fiquei impressionada com a semelhança e quis verificar se a forma realmente coincidia ou se era a minha imaginação apenas. Usei um projetor de imagens para delinear o mapa em minha pele. Foi curioso, pois, ao projetá-lo, parecia invertido em relação à mancha e assim reconheci que o formato de África e o do Brasil eram similares. E que os dois, de certa forma, se encaixavam no contorno formado

pelo **v i t i l i g o**, desde que se considerasse a escala cartográfica e o espelhamento da imagem.

A ideia de ter um mapa da África, estampado em minha pele, me fez conectar com uma provocação que a artista Mônica Sartori fizera anos antes, durante a minha adolescência. Mônica desenvolve um trabalho gráfico, com nanquim formando variadas linhas pretas sobre papel branco. E sempre que nos encontrávamos, em algum evento em Belo Horizonte, ela dizia que as minhas manchas do **v i t i l i g o** eram lindas e que eu deveria criar algo a partir delas, como desenhá-las ou pintá-las.

Naquele período, tal sugestão me surpreendia, porque a maioria das pessoas que me viam na rua, conhecidas ou não, estranhavam a minha pele manchada. Várias delas indicavam tratamentos com remédios caseiros, chegando a sugerir, inclusive, o uso de maquiagem. Haviam poucas que também admiravam, como a Mônica, o que era bom, pois me mostrava que a repulsa não era a única leitura possível da despigmentação da pele. Para mim era algo que fazia parte do meu corpo de alguma forma. Eu não achava nem feio, nem bonito, mas buscava entender o porquê acontecia comigo. Porém, desenhar ou pintar as manchas nunca havia feito muito sentido pra mim até aquele momento em que visualizei o traçado de África e vislumbrei uma potencialidade artística no **v i t i l i g o** pra abordar inquietações que me atravessavam.

O **v i t i l i g o** poderia ser trabalhado como uma metáfora para os processos de apagamento que estava identificando em minha trajetória em Belo Horizonte e na história social brasileira? Ao mesmo tempo em que estava construindo uma relação afirmativa com a minha ascendência negra, por conta da atuação no Coletivo, minha pele estava ficando branca, pela despigmentação provocada pela doença. Nesse momento foi bastante conflituoso lidar com processos que aconteciam concomitantemente. Um que era subjetivo, de enegrecimento, conforme a perspectiva apontada por Neuza Santos em "Tornar-se negro". E outro fisiológico, que embranquecia o meu corpo, semelhante ao que Lee Thomas descreve na obra "Turning White" (Tornando-se branco/a).



A imagem acima apresenta duas sequências de autorretratos. A primeira, composta por desenhos realizados em 2020, a partir de uma fotografia. E a segunda, exibe uma série de fotografias realizadas entre 2021 e 2022. Com esta composição, buscamos dar visibilidade para os processos de des>><<re>>pigmentação da pele, que experimento desde a infância, e investigar como, a partir dessas transformações presentes no meu corpo é possível questionar estereótipos raciais e refletir sobre processos de identidade e pertencimento a partir de uma elaboração artística baseada nas culturas afrodiaspóricas.

Desde a adolescência, procurava entender porque eu tinha **v i t i l i g o**. Me perguntava o que o meu corpo queria expressar com a perda da pigmentação em algumas áreas da minha pele. Porque eu mudava de cor? Embora continue buscando essas respostas, fui constatando que ele me levou a questionar o meu pertencimento racial e isso me possibilitou dar um novo significado à doença.

O **v i t i l i g o** explicitou a ambiguidade presente em meu corpo miscigenado e começou a “desmontar” o que aparentemente era homogêneo - uma cor de pele que remetia à mistura das duas ascendências familiares, uma branca e a outra negra - e que no âmbito do ideal de branqueamento e das relações raciais poderia ser lida como uma pele 'morena', 'bronzead', numa tentativa de invisibilizar os conflitos e mantê-los submersos. A miscigenação é resultado de séculos de estupros e uma política de extermínio e branqueamento da população negra, e não fruto de uma junção pacífica e romântica das "três raças" de maior número populacional no Brasil, ideias estas que constituem o mito da democracia racial (Antônio Guimarães, 2021; Kabenguele Munanga, 2019).

Na medida em que a cor da minha pele vai ficando manchada pelo **v i t i l i g o**, começa a se delinear um contraste entre o marrom e o branco, caracterizado pela ausência de melanina, que é o pigmento que dá coloração à pele. Dessa forma, uma ambiguidade visual se desenha no corpo, pelas diferentes tonalidades que se apresentam em sua superfície. E o que antes era uniforme, passa a figurar de forma contrastada.

Quando criança, antes do **v i t i l i g o** aparecer, olhava para a cor da minha pele e não me via tão parecida nem com a da minha mãe, nem com a do meu pai, mas sim parecida com a do meu irmão mais velho. Achava que os nossos corpos eram uma mistura dos dois, como

se o meu pai fosse como o café, e a minha mãe, o leite, e na medida em que eles se juntaram, deram origem a mim e ao meu irmão, como um café com leite.

Essa imagem é um tanto óbvia e perigosa, porque pode minimizar as violências que marcam as relações interraciais, mas para mim foi uma maneira afetiva que encontrei de dar sentido ao meu corpo e às diferenças que observava em relação aos meus pais e ao meu irmão mais novo, que tinha o fenótipo branco. Foi assim com a cor da minha pele e com a forma e textura do meu cabelo. O da minha mãe era liso, um pouco ondulado e o do meu pai, crespo. O meu era diferente, formava cachos, na maior parte da cabeça, enquanto na frente do rosto era mais crespo e próximo da nuca, quase liso.

Ao refletir sobre a mestiçagem no Brasil, Kabenguenle Munanga explicita como é complexa a construção de identidade das pessoas filhas de mães e pais brancas/os e negras/os no Brasil, uma ambivalência, muitas vezes vivenciada como um não-lugar, uma dupla negação, não-branco e não-negro. O trecho abaixo foi escrito pelo autor para introduzir o livro "Mulato: negro-não-negro e/ou branco-não-branco" de Eneida de Almeida dos Reis.

“Este eloquente título mostra que as representações dos indivíduos nascidos dos casamentos e relacionamentos inter-raciais ou inter-étnicos na nossa sociedade são mais político-ideológicas do que biológicas. Os chamados mulatos têm seus patrimônios genéticos formados pela combinação dos cromossomos de "branco" e de "negro", o que faz deles serem naturalmente ambivalentes, ou seja, a simbiose de um e de outro, do "branco" e do "negro".

Porém, no plano social e político ideológico, eles não podem mais sustentar essa ambivalência resultado da natureza mestiça. Explorando sugestivamente o título do livro, podemos logicamente armar que os mestiços são parcialmente negros, e não o são totalmente por causa do "sangue" ou "gotas do sangue" que carregam do branco. Os mestiços são também brancos, mas o são apenas parcialmente por causa do "sangue" que carregam do negro.

Se, no plano biológico, a ambiguidade dos "mulatos" é uma fatalidade da qual não podem escapar, no plano social e político-ideológico eles não podem permanecer "um" e "outro", "branco" e "negro"; não podem se colocar numa posição de indiferença ou de neutralidade quando os conflitos latentes ou reais que existem entre os dois grupos aos quais pertencem, biológica e/ou etnicamente, se manifestam.

Aqui está o dilema da construção da identidade dos "mulatos".

Teoricamente, eles têm três opções: optar pela identidade de um dos grupos; construir a sua identidade mestiça; ficar perdidos sem nenhuma opção.

No entanto, a prática social tem mostrado que mesmo se o desejassem e o quisessem, eles não seriam vistos totalmente como brancos ou como negros. Ou seja, a opção pela identidade do "branco" não lhe seria totalmente franqueada, pois a mestiçagem constitui uma ameaça à identidade daqueles que ainda acreditam na "pureza racial".

(...) Já que eles também são discriminados e excluídos, eles preferem adotar a identidade do "negro", não por desconsiderar sua ambivalência no plano biológico ou por ignorar as representações que os dois grupos, o branco e o negro, têm deles, mas por uma questão de solidariedade política com a maior vítima da sociedade, com a qual se identificam e são identificados. Sabe-se que, no Brasil, os "mulatos" e os "negros" não estão coletivamente representados no comando da sociedade em todos os planos: político, econômico, intelectual etc.”

(Munanga Apud Eneida Reis, 2012)



Série "Apagamentos e (re)existências". Fotografia e Colagem digital a partir da obra
"Amnésia" de Flávio Cerqueira, 2020. Gabriela Guerra

>>> Vitiligo

Durante as pesquisas no Coletivo Black Horizonte, quando começo a refletir sobre a minha identidade e pertencimento racial, e concomitantemente, a minha pele estava ficando branca, em decorrência do processo de despigmentação provocado pelo **v i t i l i g o**, passei a fazer uma série de indagações. Será que desenvolvi a doença por, de alguma forma consciente ou inconsciente, não querer ser negra ou desejar ser branca? Abaixo apresento algumas imagens que foram me auxiliando a pensar sobre essas questões. As primeiras, da obra "Amnésia", de Flávio Cerqueira, uma escultura em bronze, com látex derramado. Acima, uma composição digital, na qual mesclo um autorretrato e a imagem da obra de Cerqueira, propondo um espelhamento do processo de “apagamento” experimentado no próprio corpo.



Amnésia, 2015. Tinta Látex sobre bronze. Flávio Cerqueira.

Algo que também me aterrorizou, por um período, foi se eu perderia a conexão com a minha família negra, por estar "me tornando branca". Tive um medo enorme de não mais pertencer. Nesse momento já estava no mestrado e os estudos sobre o racismo auxiliaram a me libertar da armadilha da ficção racial e compreender que não era a ausência de melanina na minha pele que iria apagar a minha história de vida, minhas experiências e a convivência que nos conectavam.

“Ser negra em uma sociedade ainda tão preconceituosa e racista faz com que crescamos na defensiva, com a missão de termos que provar quem somos o tempo todo. Ainda que o sistema nos coloque à margem, sempre fui ensinada a respeitar minha etnia, minha ancestralidade e cultura. Todas as vezes que eu pensava na possibilidade de perder a cor, me imaginava perdendo um pouco dessa identidade que tanto me define, mas estava enganada.

Nós, mulheres negras com vitiligo, não podemos nos restringir a achar que somos menos negras por isso. Não há como deixar de ser algo quando isso é você, em sua totalidade. Em nós, as manchas são mais perceptíveis, o que faz com que sejamos mais notadas, nos fazendo sofrer um duplo preconceito. Mas isso não deve nortear o olhar que devemos ter com nossos corpos. Ter vitiligo foi a maneira que meu corpo encontrou para se expressar, e eu sou bonita assim, colorida.”

(Luise Beatriz Bispo, 2019)³

Após uma revisão dos estudos sobre **v i t i l i g o**, pudemos observar que se concentram na área da saúde e que as questões raciais não são abordadas nas análises de forma aprofundada. A literatura relata que é uma doença que afeta pessoas de todos os pertencimentos étnico-raciais, representando entre 1 a 2% da população mundial. O artista estadunidense Michael Jackson teve grande relevância na popularização do conhecimento da afecção em nível

³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tres-mulheres-contam-como-aprenderam-a-aceitar-e-conviver-com-o-vitiligo/> Acesso em: 30 de setembro de 2021

internacional, sendo o dia mundial do vitiligo celebrado anualmente no dia 25 de junho, em sua homenagem, marcando a data de seu falecimento em 2009⁴ (Lee Tomas, 2007).

Mas como os corpos que apresentam uma alteração da coloração da pele se posicionam ou são posicionados dentro da estrutura social racializada? Em que medida eles interrogam essas construções? Eles passam a habitar uma zona de fronteira?



Le Masurier, Le nègre pie (Madeleine de la Martinique et sa mère), 1782. Óleo sobre tela.. Coleção do Muséum d'Histoire Naturelle, Paris.

⁴ <https://bvsms.saude.gov.br/vitiligo-olhando-para-o-futuro-25-6-dia-mundial-do-vitiligo/>

Black Or White

I took my baby on a Saturday bang
 Boy is that girl with you
 Yes we're one and the same
 Now I believe in miracles
 And a miracle has happened tonight

But, if you're thinkin' about my baby
 It don't matter if you're black or white

They print my message in the Saturday Sun
 I had to tell them
 I ain't second to none
 And I told about equality
 And it's true, either you're wrong or you're right

But, if you're thinkin' about my baby
 It don't matter if you're black or white

I am tired of this devil
 I am tired of this stuff
 I am tired of this business
 Sew when the going gets rough
 I ain't scared of your brother
 I ain't scared of no sheets
 I ain't scared of nobody

(...)

(L. T. B. Rap performance)

Proteção

For gangs, clubs and nations
 Causing grief in human relations
 It's a turf war on a global scale
 I'd rather hear both sides of the tale
 See, it's not about races
 Just places, faces

Where your blood comes from is where your space is

I've seen the bright get duller
 I'm not going to spend my life being a color
 (...)

I said if you're thinkin' of being my baby
 It don't matter if you're black or white
 I said if you're thinkin' of being my brother
 It don't matter if you're black or white
 (...)

It's black, it's white
 It's tough for you to get by
 It's black, it's white, whoo
 (letra de música de Michael Jackson)

Preto ou Branco

Levei minha garota em uma balada de sábado.
 Cara, essa menina está com você?
 Sim, nós somos um e iguais
 Agora eu acredito em milagres
 É um milagre aconteceu esta noite

Mas, se você está pensando sobre minha garota
 Não importa se você é preto ou branco.

Eles publicaram minha mensagem no jornal de Sábado
 Eu tive que falar pra eles
 Eu não estou atrás de ninguém
 E eu falei sobre igualdade
 E é verdade, esteja você certo ou errado
 Mas se você está pensando sobre minha garota
 Não importa se você é preto ou branco

Eu estou cansado desse demônio
 Eu estou cansado dessa coisa
 Eu estou cansado desse negócio
 Improviso quando as coisas ficam difíceis
 Eu não tenho medo do seu irmão
 Eu não tenho medo de nenhum jornal
 Eu não tenho medo de ninguém

(...)

(L. T. B. Rap performance)

Proteção

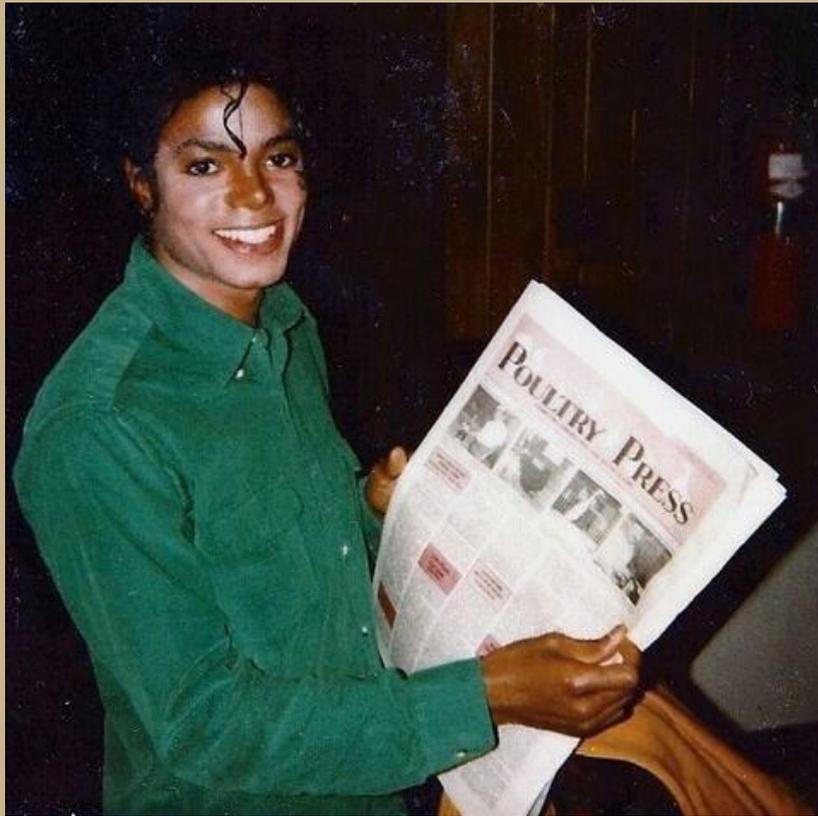
Contra gangues, clubes e nações
 Causando aflição nas relações humanas
 É uma guerra de territórios numa escala global
 Eu preferiria ouvir os dois lados da história
 Veja, não se trata de raças,
 Apenas lugares, rostos,
 De onde vem seu sangue, é onde fica o seu lugar
 Eu já vi o brilhante ficar mais opaco
 Eu não vou passar a minha vida sendo uma cor
 (...)

Eu disse, se você está pensando em ser
 minha garota

Não importa se você é preta ou branca
 Eu disse, se você está pensando em ser meu
 irmão

Não importa se você é preto ou branco
 (...)

É preto, é branco
 É duro para todos sobreviver
 É preto, é branco, wh



Michael Jackson. Fotografia



Michael Jackson. Fotografia



Michael Jackson. Fotografia

A polêmica em torno da imagem de Michael Jackson, um artista negro mundialmente famoso, que tem sua pele transformada pela doença e pelos tratamentos médicos e estéticos, ilustra bem os estranhamentos e tensões que a presença e ausência de melanina podem produzir.



A Seat at the Table. Fotografia. Justin Dingwall. Modelo: Moostapha Saidi.

No desenvolvimento da pesquisa, me surpreendi com o quanto o cenário mudou no campo da produção de imagens em torno do **v i t i l i g o** que pude acessar pela internet em relação a uma década atrás, quando iniciei minhas investigações. A maioria das postagens eram da área da saúde e haviam pouquíssimas referências artísticas. Atualmente, no *Instagram* e no *Google Imagens*, por exemplo, é possível encontrar uma diversidade maior na construção visual em torno do **v i t i l i g o**, inclusive que abordam a questão racial, mas não localizamos nenhuma proposição articulando-o ao campo de estudos da Educação das Relações Raciais.



Dentre os materiais que encontramos, citamos como exemplo os perfis de Instagram de Akin Calvalcante⁵, no qual coletamos duas imagens que aparecem na página a seguir. E os perfis de Bruna Sanches⁶, intitulado “Minha Segunda Pele” e o de Vitor Macedo⁷, que também vem investigando a arte no corpo com **v i t i l i g o**.



Modelo Chantellee Winnie Harlow. Fotografia.

⁵ <https://www.instagram.com/akincavalcante/>

⁶ <https://www.instagram.com/minhasegundapele/followers/mutualFirst>

⁷ https://www.instagram.com/vitormaccla/?img_index=1



Imagem do Instagram do Modelo Akin Cavalcante. Fotografia.



Imagem do Instagram do Modelo Akin Cavalcante. Fotografia.

Em 2011, a partir do momento em que visualizei o mapa do continente Africano em uma das manchas do meu corpo, iniciei uma experimentação com o **v i t i l i g o**, buscando produzir imagens que pudessem expressar as minhas inquietações sobre o racismo, bem como as minhas descobertas em relação às artes e culturas afrodiaspóricas, que emergiram dos trabalhos com o Coletivo Black Horizonte.

" Cada um tem o direito de fazer essa viagem de volta. Olhar-se no espelho da raça e reconstruir sua identidade e seu corpo, pensando na sua trajetória e nas rotas do povo ao qual se sente vinculado.

Beatriz é um de nossos ícones nessa hora."

(Alex Ratts, 2007. p.68)



Frame de vídeo experimental, 2011. Gabriela Guerra



Antes que eu me esqueça, 2013. Pintura eletrostática sobre bronze, madeira e espelho.

Flávio Cerqueira.

“Espelho que nos indaga. Da cabeça aos pés, repleta de signos, imagem no espelho fala ao corpo que desenha o espaço. A todo lugar e momento os dois se fazem perguntas que tão cedo irão se calar. Imagem como representação visual, fotografia e filme; corpo como território das relações de poder e de racialização; identidade como reconhecimento e como possibilidade de recriação inclusive do pensamento negro; amplexos entre a razão e a emoção. “

(Beatriz NASCIMENTO apud Alex RATT'S, 2007. p.69)

Minha investigação estética a partir do **v i t i l i g o** se deu em diferentes meios, gerando fotografias, desenhos, vídeos, poemas e experimentações corporais. Estas produções foram realizadas também em colaboração com outras pessoas. Tem sido uma busca constante de conexões entre o meu corpo e a cidade, e os afetos nas relações humanas. Como transformar as minhas experiências, inquietações em imagens? Em que medida estas imagens e de outras/os artistas podem ampliar nossas percepções?

Os diálogos com o artista Ricardo Aleixo têm me auxiliado a refletir sobre como o meu trabalho de pesquisa e criação com o **v i t i l i g o** desperta questões sobre linguagem associada ao corpo e àquilo que nele é definido como doença. O livro "Sonhei com o anjo da guarda o resto da noite", apresenta a "Vidapoesia" de Aleixo, e o impacto da cegueira na sua criação artística. O título "Invented Skin", no catálogo de uma de suas obras, me instiga a (re)ver minha pesquisa artística como um processo de inventar novas peles, num exercício de hackeamento dos códigos coloniais que instauraram concepções raciais que continuam reverberando em nossos corpos.

O projeto inicial do doutorado tinha como foco as ações no campo das artes visuais das edições do Festival internacional de Arte Negra de Belo Horizonte, desde 1995, buscando compreender e criar formas de visibilizar movimentos que fazem parte da história das artes e culturas afrodiáspóricas na cidade. Ingressei no doutorado em 2020, e no mês de março, após duas semanas de aula, as atividades acadêmicas foram suspensas em função da Pandemia da Covid-19 e posteriormente retomadas no formato de Ensino Remoto Emergencial.

Foram dias, semanas, meses de incertezas, totalizando quase dois anos muito assustadores, de isolamento social, adoecimentos e mortes. Foi também um momento de reinvenções e renascimentos. Neste período revi meu projeto, muito mobilizada pelos acontecimentos e por um processo de adoecimento mental, e comecei a buscar formas de conectar essa investigação poética pessoal sobre o **v i t i l i g o** com as reflexões que pretendíamos realizar sobre as artes visuais em Belo Horizonte.

“[...] na pandemia a gente se reinventou e não é “porque foi difícil ficar isolado, não”, é porque gente preta se reinventa todos os dias, essa vida que vocês estão vendo aqui: nós inventamos! e a gente vai se reinventar amanhã cedo de novo e a gente vai inventar de novo e a gente vai inventar de novo...”

(Zora Santos apud Michelle Corrêa, 2022. p.20)

Foi assim que, partindo do questionamento sobre em que medida a arte pode desvelar camadas que o apagamento esconde, nos propusemos a refletir se o **v i t i l i g o** poderia ser trabalhado como uma metáfora para dizer dos processos de apagamento. Dessa forma, o percurso de doutoramento possibilitou dar continuidade às experimentações artísticas, que em 2020 possuíam aproximadamente dez anos de duração; realizar um estudo adensado e coletivo sobre a produção; assim como sistematizar uma parte dela na exposição denominada *corpo>>carto>>grafia afrodiaspórica do vitiligo*.



Corpo-diáspora

olho o vitiligo em meu corpo
e sinto que meus pigmentos perdidos de melanina
são como as africanas e africanos
brutalmente arrancados de seus territórios
que se transformaram em sementes
dispersas pela diáspora

A minha pele tem fome
de afeto, de cor
busco nas imagens
de artistas negras, negres e negros
dar de comer à minha pele
transformo a dor, as tretas
num poder de espalhar pelo mundo
as sementes pretas

>>>corpo
carto>>>
<<grafia
afrodiaspórica
do vitiligo

A exposição foi realizada no Espaço Arteducação da Faculdade de Educação da UFMG. Michelle Corrêa, Shirley Miranda e eu elaboramos o projeto para o edital de seleção do espaço. Nossa proposta inicial era que ela fosse apresentada como o próprio relatório final que constitui a tese, no momento de conclusão do doutorado. Mas nos pareceu oportuno o edital que foi aberto no mesmo período em que nos preparávamos para a qualificação e nos lançamos nessa jornada.

Com o tempo percebemos que ter alterado o planejamento e feito a exposição nesse momento foi fundamental para que tivéssemos tempo para refletir posteriormente sobre o que realizamos. Foi exaustivo, porque nos dedicamos a dois movimentos complexos simultaneamente, o de organizar o material produzido durante a pesquisa até aquele momento para apresentar para a banca de qualificação e, ao mesmo tempo, preparar toda a mostra. Foram duas escritas, utilizando linguagens diferentes.

Nosso exercício se deu no sentido de possibilitar que outras escritas também possam ter espaço e validade dentro da academia, sendo reconhecidas pela sua autossuficiência, podendo ser acompanhadas de um texto verbal, mas não necessariamente. Porque elas exprimem um pensamento, um sentido, por si mesmas. E compreendemos que as perspectivas contra-colônias nos instigam a desenvolver nossa sensibilidade para acessar outras formas de produção de conhecimento.

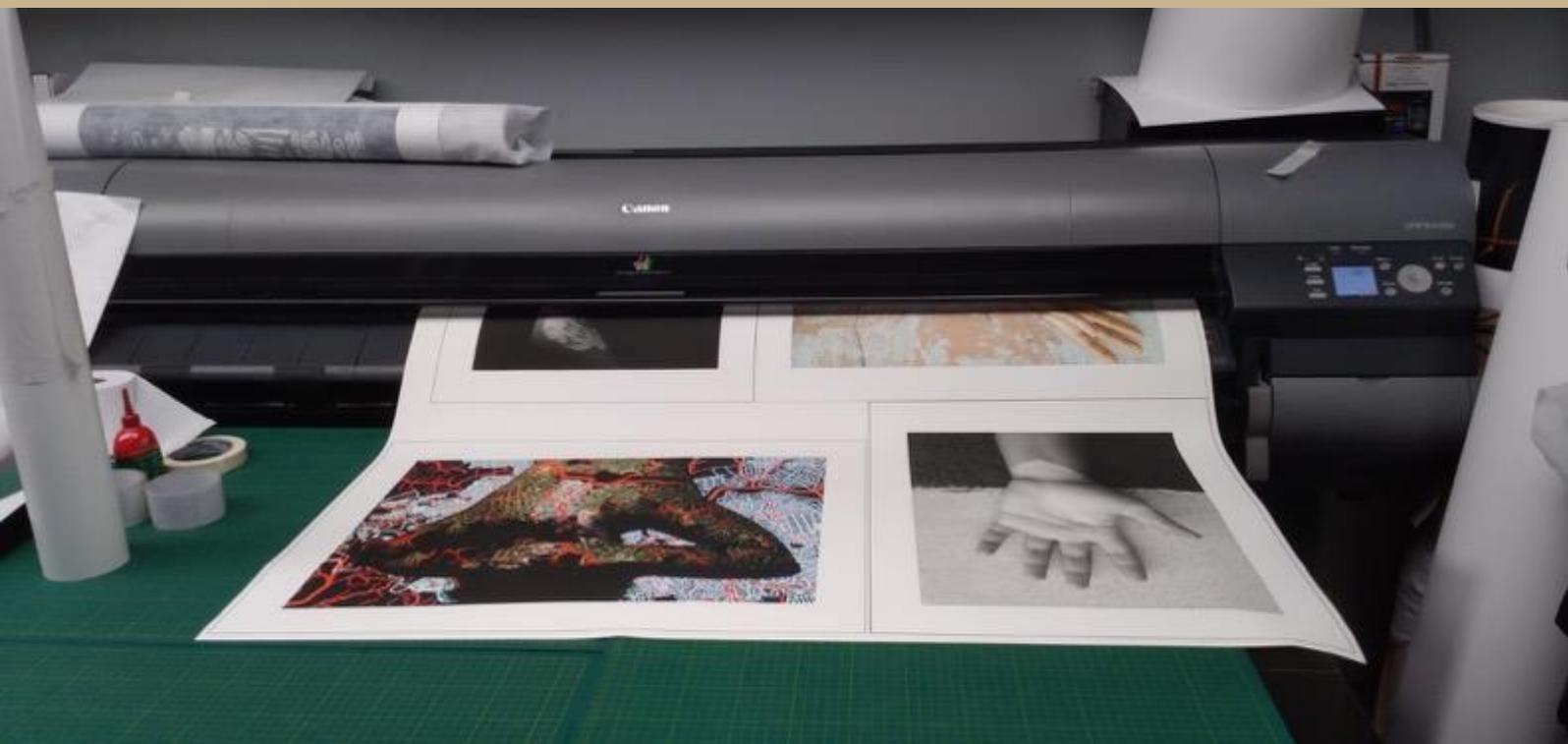
A construção da exposição envolveu a escrita do projeto para o edital, com apresentação dos objetivos e conceitos do trabalho, elaboração do projeto arquitetônico com o posicionamento das obras, curadoria e expografia. Em seguida passamos para o momento de produção executiva, constituída por diversas etapas, envolvendo muitas pessoas no trabalho. Realizamos a cotação de preços; compra de materiais; o estudo de técnicas de montagem; idas a gráficas e molduraria; criação de peças gráficas para a divulgação e sinalização; comunicação nas redes sociais; montagem; inauguração com coquetel; registro fotográfico e audiovisual; e por fim, a desmontagem. Abaixo apresentamos imagens de alguns destes processos.



Montagem da Exposição, 2023. Equipe Espaço Arteducação



Desmontagem da Exposição, 2023. Equipe Espaço Arteducação



Impressão Fineart no Estúdio Artmosphere. 2023. Gabriela

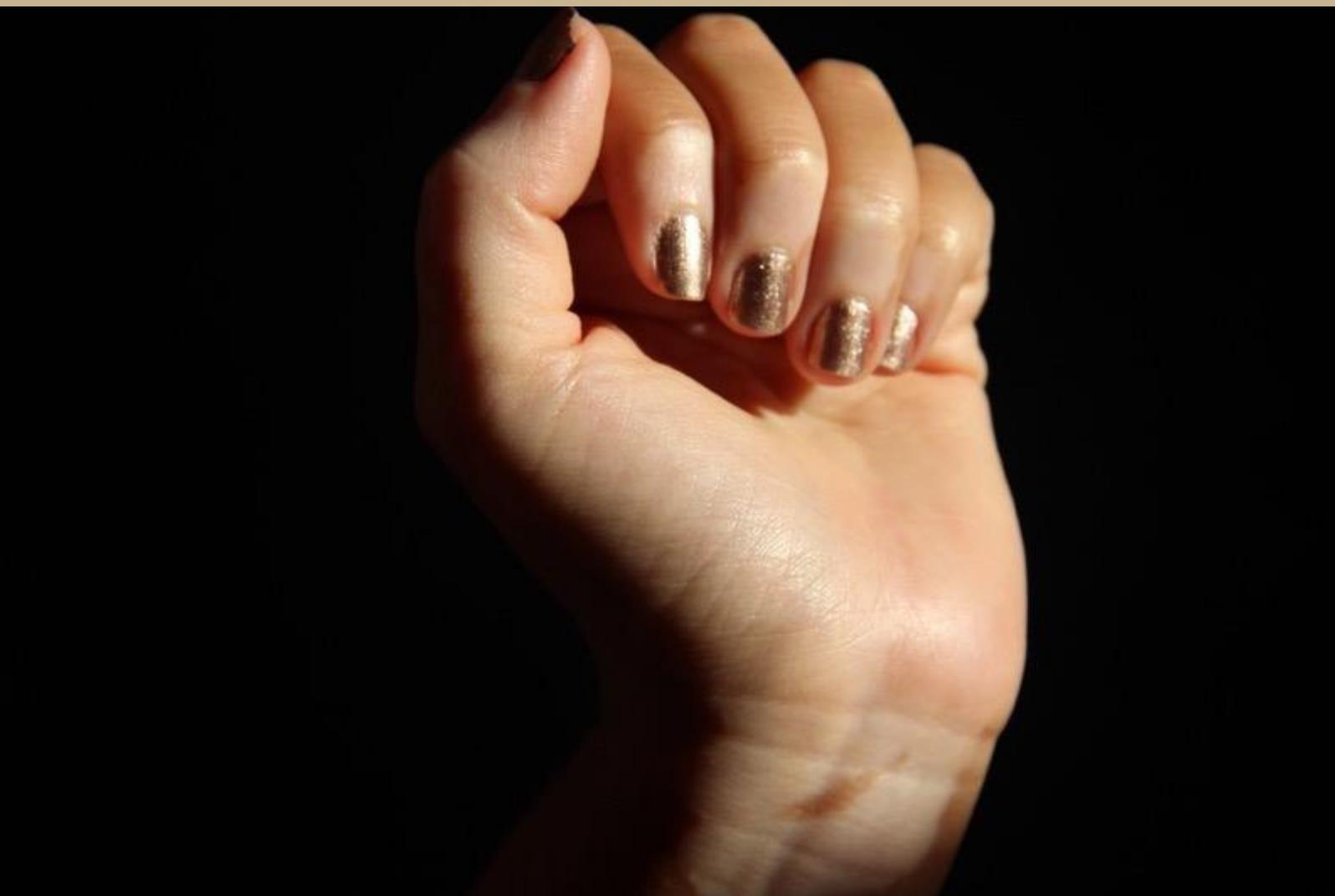
Algumas imagens foram impressas em tecido voil para experimentarmos as transparências e a sobreposição de camadas, e nas outras optamos pela impressão Fine Art em papel de algodão e canvas. Além de molduras utilizamos também fios de aço e presilhas para a instalação de obras que ficaram suspensas, o que trouxe uma mobilidade e maleabilidade para os trabalhos que dialogam com a superfície orgânica da pele que é retratada.

A exposição apresenta um primeiro grupo de obras que fazem parte de um exercício de registrar as manchas do vitiligo em fotografias no intuito de construir imagens que pudessem dizer dos vazios que o apagamento e o epistemicídio produzem. Na busca de dar visibilidade a algo que falta, mas também ao que desvia da norma, que é diferente; apresentando contrastes num mesmo corpo que possam desestabilizar estereótipos raciais.

Esse movimento cria uma possibilidade de ressignificação da doença por meio da arte que a transforma em potência, na medida em que ela se desloca da pele e pode ser compartilhada na exposição, ganhando outros sentidos para cada pessoa que vê e interage com as imagens produzidas a partir do corpo com **v i t i l i g o**.



Série “A minha pele tem fome”, 2016. Fotografia. Gabriela Guerra



Série “A minha pele tem fome”, 2016. Fotografia. Gabriela Guerra

Nossos experimentos com o *v i t i l i g o* foram apontado caminhos para traçar uma cartografia do apagamento. Em 2012, a participação no Laboratório Permeabilidades, promovido pelo CEIA - Centro de Experimentação e Informação de Arte, e conduzido pela artista Otobong Nkanga, abriu um novo campo de investigação na medida em que proporcionou o acesso a uma larga lista de artistas que trabalhavam com questões de suas identidades raciais em suas poéticas visuais, ampliando substancialmente meus horizontes de criação.

Ao passo que vou descobrindo essas artistas, em sua maioria estadunidense, como Carrie Mae Weems, Deborah Willis, Lorna Simpson e Ingrid Mwangi, vou percebendo o impacto da ausência de referências como estas em minha graduação em Artes Visuais, na Escola de Belas Artes da UFMG, concluída em 2007. Tais trabalhos apresentavam questões que me afetavam de uma forma muito diferente do que a grande parte dos artistas estudados na escola, em sua maioria homens, brancos e europeus.

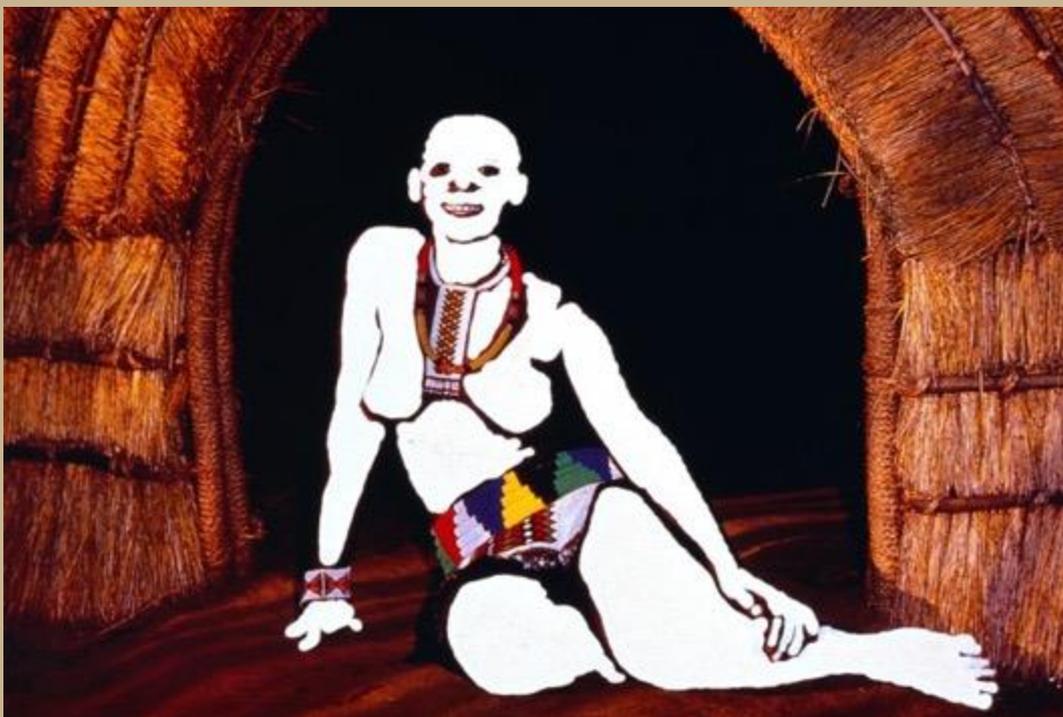
Realizei uma intensa pesquisa em livros, na internet e por meio de viagens para São Paulo e Salvador, para visitar museus de arte afrobrasileira, como o Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, em São Paulo e o MAFRO - Museu Afro Brasileiro UFBA, buscando (re)conhecer o trabalho de artistas negras/os. Como dito anteriormente, este processo levou-me a buscar um aprofundamento dos estudos no mestrado e que demos continuidade na presente pesquisa. Atualmente contamos com a plataforma Muna – Mulheres Negras nas Artes Visuais, desenvolvida por Fabíola Rodrigues, que vem traçando um mapeamento das artistas.⁸

⁸Disponível em:

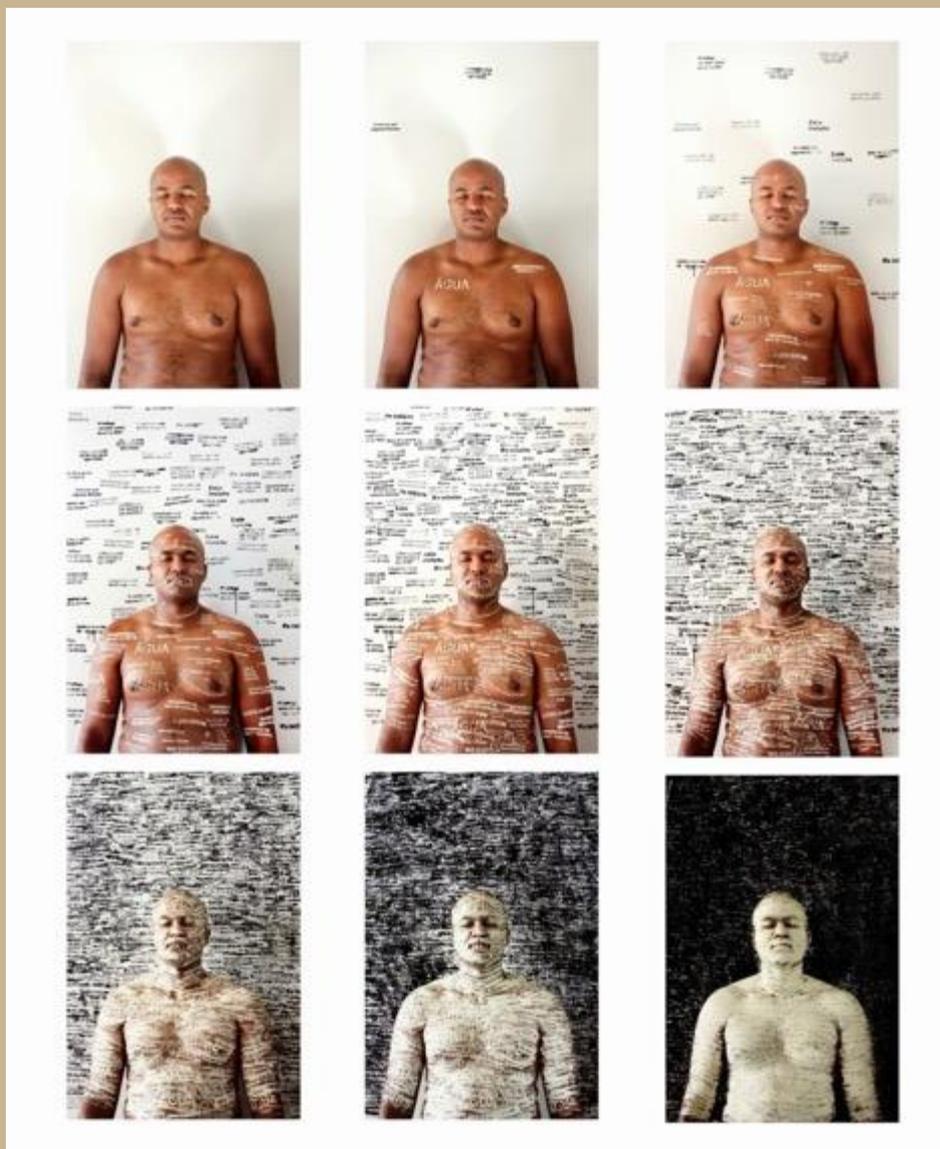
https://mulheresnegrasnasartes.tumblr.com/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAAR1MxG1lHdPiEgRuBfePmtydB8zZQbfkCqNZfuZjDBHrzX75mlc0FdRZMQ_aem_AfhkaDi0vZAYXTxxrfDXo6HBUpChEEL1IDIpYa_Eph6FhpAs5CLWVkdrt40S-M9_oXwpZiYpKa8Nx0ibqkPqH0y3. Acesso em: 20 de novembro de 2021.



Merci beaucoup, blanco! 2017, vídeo, 9'20". Musa Michelle Mattiuzzi.



Ghost Series #9, 1994-6. Corretivo sobre cartão postal. Candice Breitz



A notícia, 2013. Fotografia. Dalton Paula



Static Drift (Desvio estático), 2001. Ingrid Mwangi

Acima apresentamos obras de artistas que fomos identificando ao longo da investigação e que nos provocaram reflexões e experimentos a partir de seus aspectos formais, e assim contribuíram para a produção de imagens para a nossa exposição ou organização da mesma.

“História é poder. E uma das bases que alicerçam o racismo é o epistemicídio. O epistemicídio chega antes da bala, chega antes da corrente, chega antes das violências e das desigualdades. Porque, se você não tem uma base que alicerça uma história humana que não seja uma história somente de açoite e chicotes, o que você reconhece na nossa população e como isso cria, na nossa subjetividade, um lugar de desumanização das nossas populações negras. Então, quando você reintegra a história, você reintegra uma possibilidade de reconhecer esses sujeitos que não seja pela desumanização”.⁹

(Katiúscia Ribeiro, 2020.)

⁹ Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/entrevistas/2020/11/katiuscia-ribeiro-o-apagamento-do-conhecimento-africano-e-o-alicerce-do-racismo-veio-antes-da-bala-e-das-correntes/> Acesso em: 4 de maio de 2023.





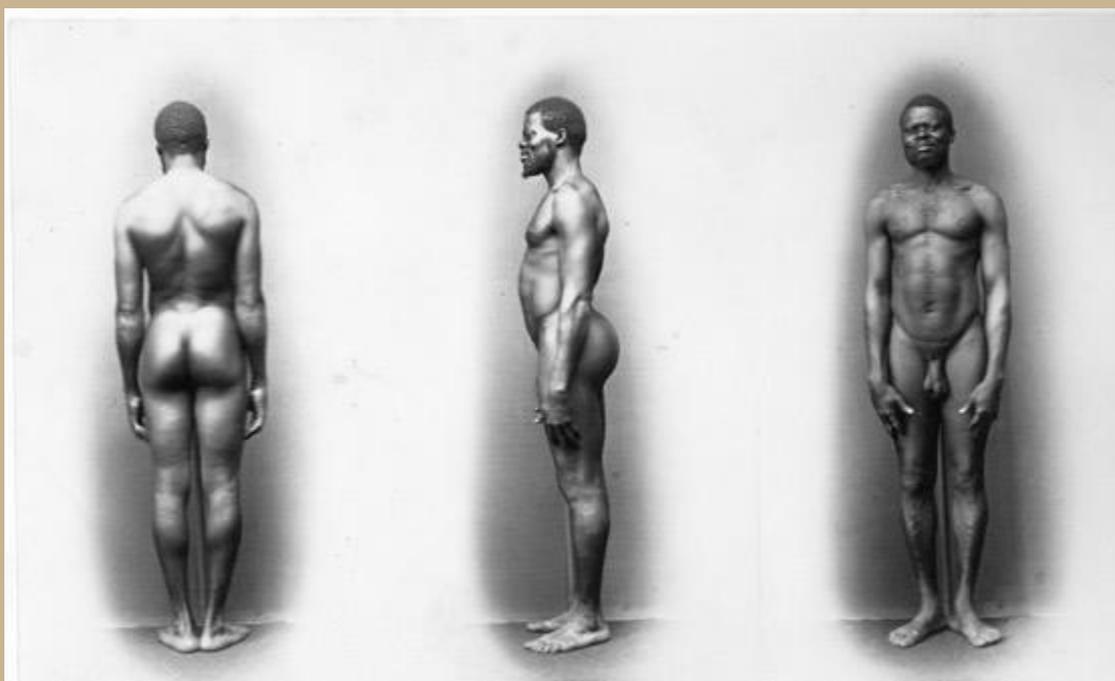
"disperso pelo mundo as sementes pretas", 2019. Fotografia. Gabriela Guerra

Em nossa mostra, exibimos um outro grupo de fotografias nas quais as manchas do **v i t i l i g o** se misturam com o fundo, constituídos por paredes e muros descascados. Estas imagens nos instigam a pensar sobre os processos de apagamento como camadas que se sobrepõem. Podemos ver a descamação, a degradação, que revelam ações do tempo que coexistem, mas que também se contrastam.

Conforme apresentamos acima, tais imagens apresentam um corpo que se insere na cidade e busca relação, encontrando semelhanças entre os contornos das manchas da pele e os das superfícies urbanas. Como numa arqueologia de si e do espaço, que desvela marcas, memórias e desperta conexões.

As imagens dão visibilidade para um processo de degradação que se conecta ao do epistemicídio, colocando em evidência os vazios, expondo camadas. Ao mesmo tempo, o exercício de compor as imagens se dá no intuito de propor ressignificações.

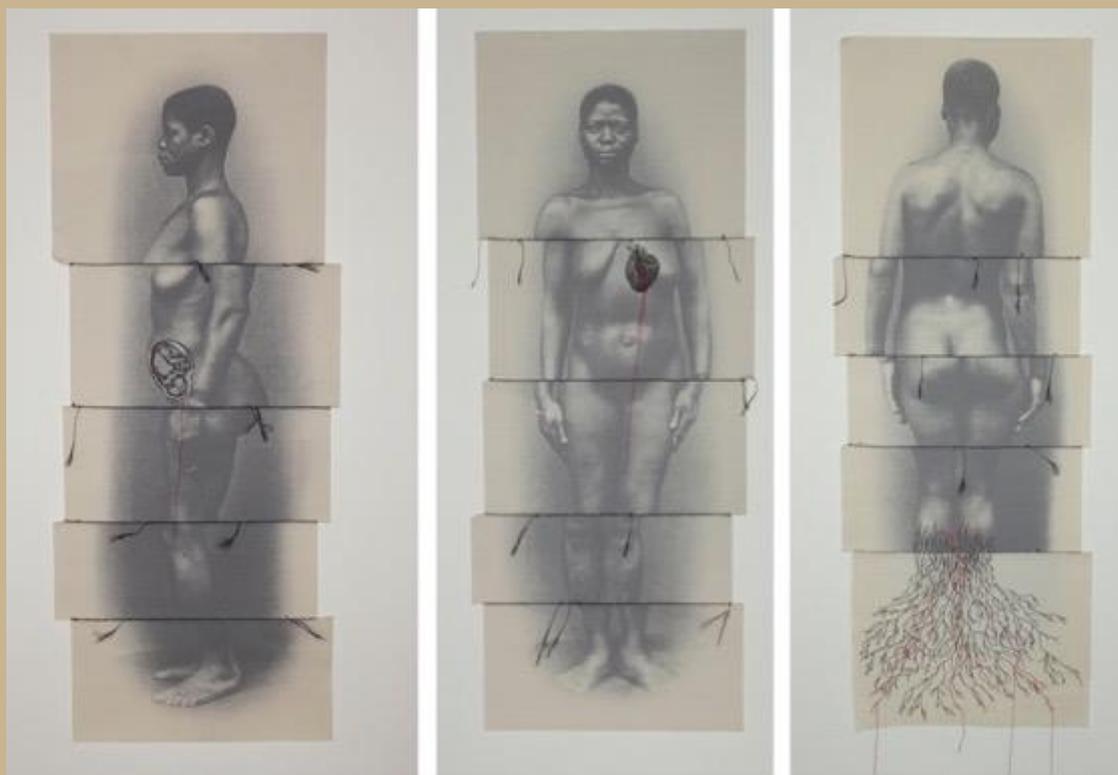
Retomando a reflexão que apresentamos na introdução sobre a importância e potencialidade da imagem na construção e desconstrução de estereótipos raciais e narrativas coloniais, nota-se que um dos indícios dessa construção pode ser observado no trabalho do zoólogo suíço Louis Agassiz que, entre 1865 e 1866, conduziu a Expedição Thayer no Brasil, com o intuito de coletar dados para comprovar a superioridade da raça branca sobre as demais. Como parte do estudo, Agassiz encomendou ao fotógrafo franco-suíço Augusto Stahl, residente no Rio de Janeiro, uma série de imagens de africanas e africanos que ali viviam. O objetivo era retratar “tipos raciais puros” em fotos que variavam do “portrait” às fotografias de caráter científico, conforme apresentado nas imagens abaixo, nas quais as pessoas negras aparecem em três posições diferentes: frente, costas e perfil (Rosana PAULINO, 2013).



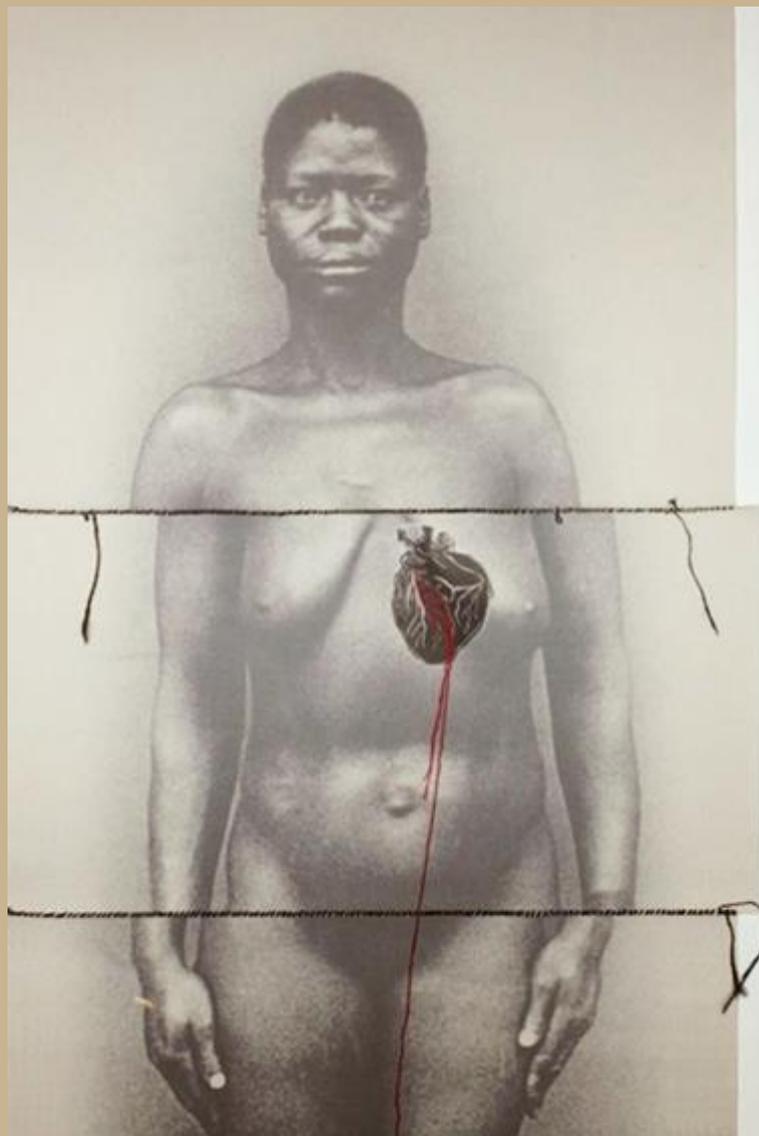
Louis Agassiz Photographic Collection. Pure Race Series. Africa Album. Augusto Stahl. Rio de Janeiro, 1865.

Assim foram formados conjuntos variados de perfis humanos. Porém, eles não são postos apenas para ilustrar a diversidade do mundo, eles são projetados em um sistema classificatório. É nesse processo que se constitui um “padrão ideal da figura humana representado pelo perfil grego clássico, estando todas as outras raças hierarquizadas em referência ao ideal” (Maria MACHADO, 2012, p.146)

A marcação da diferença racial é um dos componentes da construção do conceito de “outro” que foi sendo produzido, gradativamente, por meio de registros científicos. Em diversos estudos, principalmente da biologia, antropologia e etnologia, características anatômicas e fisiológicas, tais como pele, crânio, cabelo, nariz e lábios, foram identificadas e associadas à características culturais, se constituindo em “evidências científicas” da diferença racial. As imagens produzidas neste contexto foram tornando-se populares através da difusão em diferentes meios, tais como mapas, desenhos, fotografias, escritos de viagem, gravuras, tratados, romances e embalagens de produtos (Gabriela ALMEIDA, Luiz GONÇALVES; Francisco COUTINHO, 2015).



Vista parcial da instalação “Assentamento”, 2013. Impressão digital, costura, esculturas e vídeo. Rosana Paulino



Detalhe da obra "Assentamento", 2013. Rosana Paulino.

“Penso que estas pessoas tiveram que se refazer ao chegar a um mundo totalmente desconhecido de seu local de origem. Imagine, um dia, estar cercado de seus familiares, amigos e em outro estar em um navio negreiro, totalmente insalubre, com gente de variadas etnias e que não falam a sua língua. Ao desembarcar em terras estranhas, há ainda o trauma da escravização. Estas pessoas tiveram que se refazer, mas este “refazimento” nunca é completo! Sobram as marcas deste processo de adaptação,

marcas estas que, muitas vezes, foram também transmitidas aos seus descendentes. Daí as costuras desencontradas, mostrando que um refazer-se completo é tarefa quase impossível.”

(Rosana Paulino, 2013)

As duas fotografias apresentadas acima são da instalação “Assentamento”, elaborada por Rosana Paulino. Em que medida elas propõem outras narrativas acerca de imagens que fazem parte da estrutura colonial e nos instigam a pensar sobre as fissuras e costuras que compõem a diáspora africana? Paulino agrega outras camadas de sentido ao corpo negro, camadas de afeto, humanidade.

A perspectiva afrodiaspórica possibilita uma mirada para a nossa história 'desde dentro', em lugar do que foi aprendido como uma forma de nos ver 'desde fora', desde uma perspectiva colonial. Reconhecer nosso autodesconhecimento, é parte desse processo. Nos propusemos a refletir que medida a arte pode colaborar no movimento de construção de narrativas 'desde dentro' e no processo de desaprender as práticas coloniais. (FANON, 2008; WALKER, 2018)

Nilma Gomes (2012), ao narrar sua experiência no espetáculo teatral "Besouro Cordão-de-Ouro", apresentado na quarta edição do FAN - Festival de Arte Negra, chama a atenção para a importância da arte como espaço de produção de conhecimento e seu potencial para a descolonização de processos educativos na medida em que abre possibilidades de inserção do corpo em sua plenitude de sentidos, algo fundamental para o desenvolvimento intelectual.

Segundo Gomes "a peça trouxe para aquele público uma excelente “aula” na qual se enfatizou a relação entre conhecimento, cultura e ação política" (GOMES, 2012, p.102). Um espetáculo com atrizes e atores negros, que contava a história de um capoeirista, no contexto de um festival de arte negra em Belo Horizonte, propunha um diálogo com outro paradigma de conhecimento.

Um paradigma que compreende que não há hierarquias entre conhecimentos, saberes e culturas, mas, sim, uma história de dominação, exploração, e colonização que deu origem a um processo de hierarquização de conhecimentos, culturas e

povos. Processo esse que ainda precisa ser rompido e superado e que se dá em um contexto tenso de choque entre paradigmas no qual algumas culturas e formas de conhecer o mundo se tornaram dominantes em detrimento de outras por meio de formas explícitas e simbólicas de força e violência. Tal processo resultou na hegemonia de um conhecimento em detrimento de outro e a instauração de um imaginário que vê de forma hierarquizada e inferior as culturas, povos e grupos étnico-raciais que estão fora do paradigma considerado civilizado e culto, a saber, o eixo do Ocidente, ou o “Norte” colonial. (GOMES, 2012, p.102)

Experimentando o potencial da arte para a produção de outras narrativas, a exposição é composta ainda de obras que fazem parte de um conjunto de trabalhos que propõem uma invenção, uma recriação. Nelas, buscamos repigmentar as manchas do *v i t i l i g o* com imagens encontradas em nosso percurso de hackeamento do apagamento, que foi revelando as (r)existências afrodiaspóricas e dessa forma pudemos sobrepor novas camadas de sentido. Uma referência importante para essa composição é o trabalho do artista Eustáquio Neves.

A exposição “corpo>>carto>>grafia afrodiaspórica do vitiligo” foi elaborada como um experimento de pesquisa compartilhada e intermídia, desenvolvida no grupo de estudos Ciberterreiro. A seguir apresentaremos a nossa metodologia de trabalho.

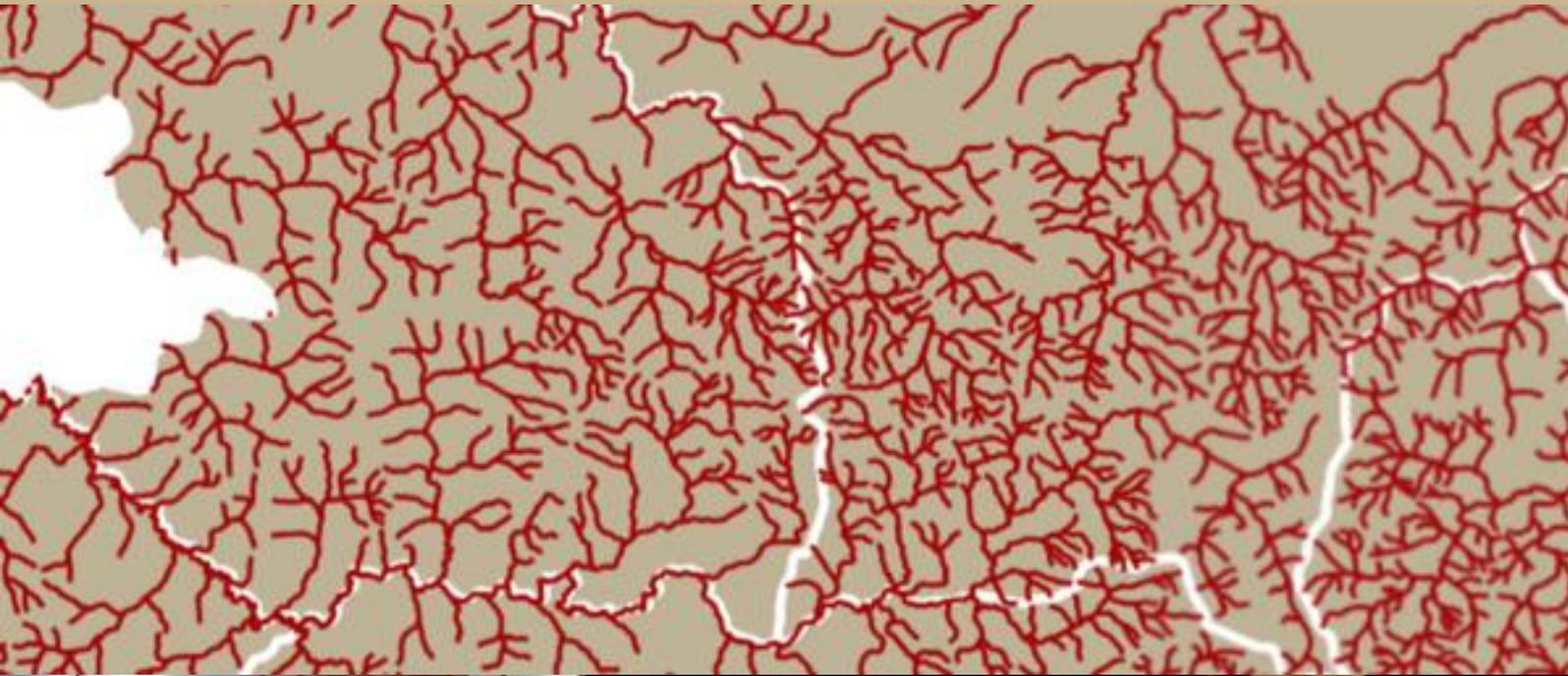


Sem Título, 1994. Fotografia. Eustáquio Neves



“travessia”, 2023. Fotografia e colagem digital. Gabriela Guerra

> >> **Caminhos**
metodológicos
a partir do
Ciberterreiro



O que é o Ciberterreiro? Esta é uma questão que nos mobiliza desde que começamos a utilizar o termo e, mais do que apresentar uma resposta, nos interessa aqui mapear os seus meandros. As reflexões de Nego Bispo acerca do conceito de “confluência”, que pudemos acessar em suas aulas na Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, em 2017; juntamente com as elaborações sobre a diáspora, tecidas por Gilroy, no livro “O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência” e por Sheila Walker, em “Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam dos seus povos e suas histórias”; com as quais já vínhamos dialogando desde 2010, nos instigam hoje a pensar no Ciberterreiro como um rio. Aonde ele começa? Para onde vai? Quais são os seus afluentes?

Como termo, o Ciberterreiro tem a sua nascente em 2011, mas as suas águas provêm de outras fontes. Algumas muito antigas, ancestrais, outras mais recentes. A metáfora do rio emerge na busca de dar forma à algo sem lugar dentro de práticas que já foram nomeadas e estabelecidas nos campos da arte, cultura e educação. Práticas estas que nos inspiram, nos alimentam e com as quais conversamos, como por exemplo, as dos terreiros do Samba, Candomblé, Umbanda e Reinado. Assim como das Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, dentre outras.

O idealizador do Ciberterreiro foi Gil Amâncio, sendo seus filhos e outras/os artistas colaboradoras/es nessa jornada de criação. Portanto, é possível reconhecer em sua trajetória, como artista e educador - documentada em seu memorial para o título de Notório Saber: *“Que nego é esse que entrou na roda”* e também na tese *Gil Amâncio & encontros: Processos educativos, cultura negra, intervenções de mestres e convivência*, de Eneida Pereira dos Santos - os rios que convergem no Ciberterreiro.

Entre eles destacamos os terreiros de Dona Gabriela e Seu Thomáz; de Seu Raimundo Nonato e Dona Custódia; a Cia. Marlene Silva; Cia. Sonho e Drama; Cia. Será Quê? e Sociedade Lira Eletrônica Black Maria. Faremos aqui breves apontamentos sobre estes **rios**, uma vez que seus cursos podem ser acessados de forma mais ampla por meio das publicações citadas acima.

O **rio** terreiro de Gabriela e Thomáz é o território de origem familiar, aonde acontecem as rodas de samba e violão nas festas e aos domingos. Essas experiências coletivas proporcionaram à Amâncio, e seus filhos, aprendizados de música e dança, juntamente com

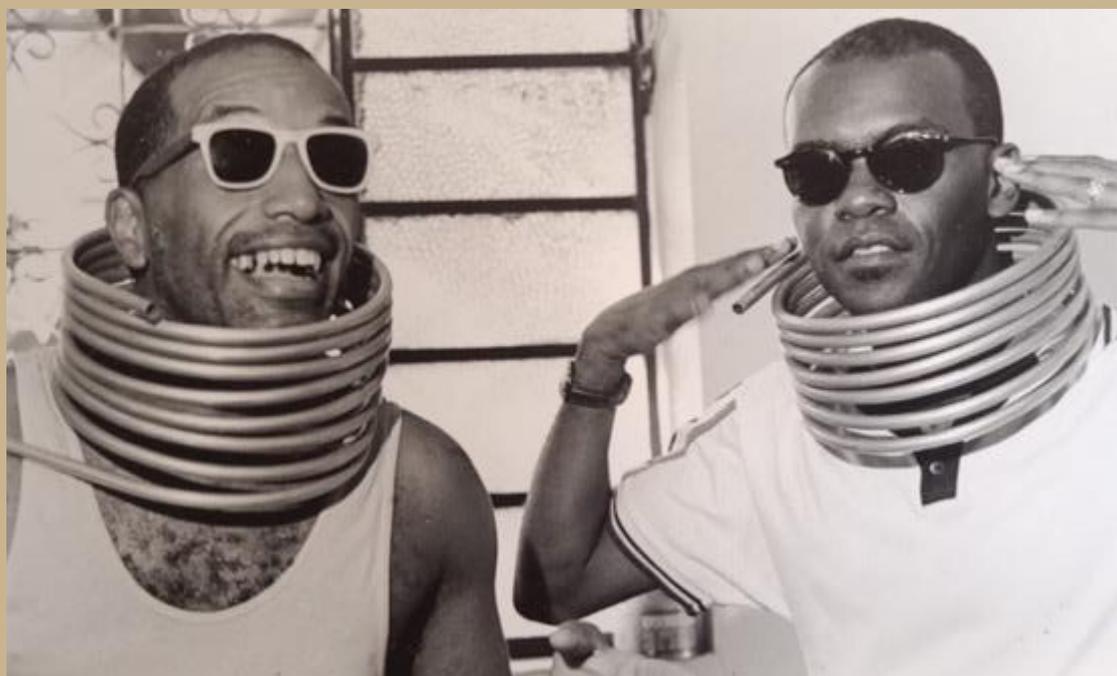
outras habilidades, que fazem parte de um modo de vida que se difere do modo colonial. Desde antes do nascimento de Gil, em 1954, as estratégias de resistência e cuidado entre a vizinhança vinham sendo cultivadas. Um exemplo disso são os processos que envolviam desde a criação de porco a o preparo do alimento, e a maneira como eram compartilhados.

No *rio Cia. de Marlene Silva*, a partir de 1979, Amâncio que já havia começado a trabalhar com teatro e música profissionalmente, inicia sua experimentação na cena a partir de referências culturais negras, passando a pesquisar terreiros de Candomblé e Umbanda da cidade de Belo Horizonte. No terreiro de Seu Raimundo e Dona Custódia, pôde expandir suas perspectivas, de canto e de vida, com os ensinamentos do Reinado, no início dos anos 80. Já na *Cia. Sonho e Drama*, a partir de 1981, dedica-se ao trabalho com múltiplas linguagens na cena, incorporando os conhecimentos construídos anteriormente nos terreiros afrodiaspóricos.



Marlene Silva. Fotografia

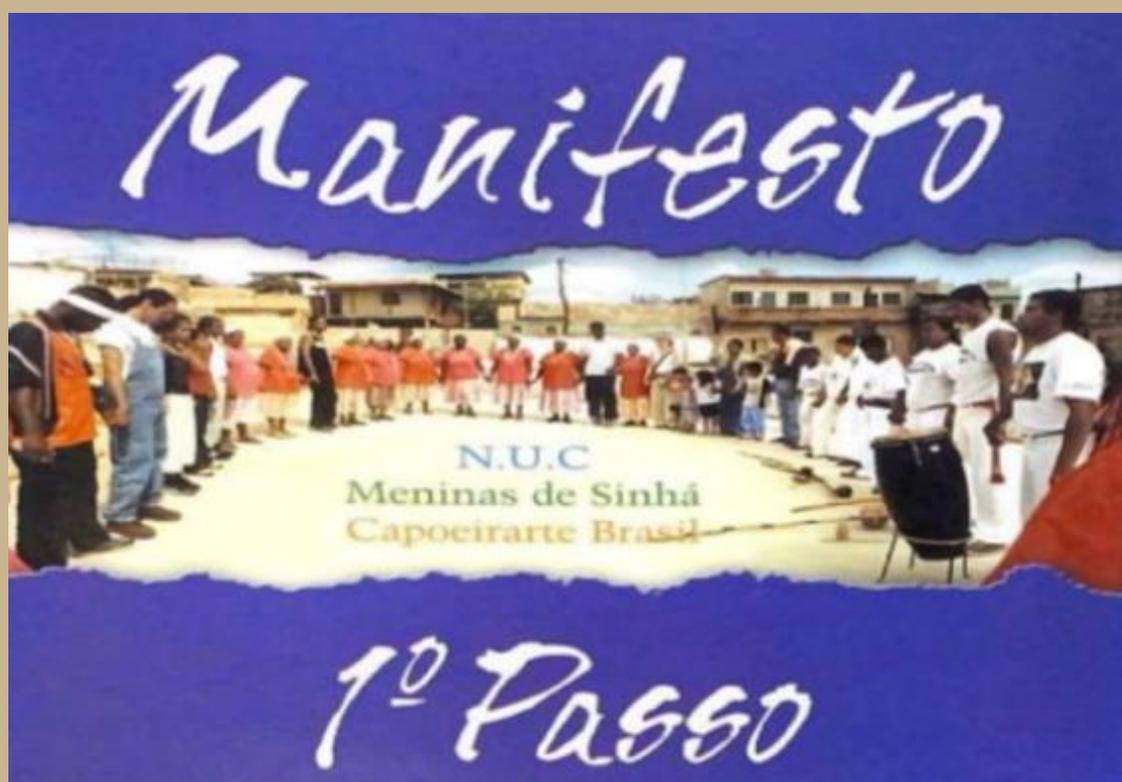
Em 1993, no *rio Cia. Será Quê?* aprofunda-se a reflexão sobre arte negra contemporânea. Nos anos 2000, o trabalho com tecnologias digitais de som, iniciado na *Será Quê?*, é aprimorado na *Sociedade Lira Eletrônica Black Maria*, articulando também o texto e a imagem. Essa pesquisa com arte e tecnologia se dá ainda na construção do *Manifesto Primeiro Passo*, no bairro Alto Vera Cruz, junto com o grupo de rap *NUC - Negros da Unidade Consciente*, as *Meninas de Sinhá*, e os grupos *Capoeirarte Brasil* e *Sanzala*, de samba.



Gil Amancio e Ricardo Aleixo nos estudos para a performance “Q”. Fotografia



Espectáculo Quilombos Urbanos – Cia. Será Quê?. (ano? Autoria?). Fotografia.



Capa do disco do Manifesto 1º Passo. Fotografia.

Para Amâncio, arte e vida sempre andaram juntas e assim, seus filhos habitualmente o acompanhavam em seus trabalhos, em salas de ensaio, aulas e nos espetáculos. Dessa forma, o Ciberterreiro carrega preciosos sedimentos das águas dos rios que compõem a sua bacia hidrográfica, porque, de maneiras diferentes, todos vivenciaram estes processos e foram incorporando em suas práticas profissionais algo destes modos de fazer arte e (r)existir.

Em 2007, Gil Amâncio criou o NEGA - Núcleo Experimental de Arte Negra e Tecnologia - em Belo Horizonte.

Um dos motivos que me levou a criar o NEGA foi o fato de ter constituído um acervo com livros, documentários, Cds, Dvs sobre música, dança, teatro e sobre arte e cultura africana e da diáspora ao longo dos meus 44 anos atuando profissionalmente como artista e educador. Aos 53 anos comecei a sentir a necessidade de compartilhar esse acervo e ter um espaço tanto de formação, informação, como de criação de espetáculos e realização de oficinas, cursos, baseados no pensamento e nas práticas das culturas africanas e das diásporas. Um fundamento importante da diáspora é a terreirização, uma forma de assentar os nossos conhecimentos de forma física e simbólica.

(Shirley MIRANDA; Gil AMÂNCIO, 2021.p.)

O NEGA foi se constituindo como um espaço de encontro de artistas negras/os da cidade para reflexão, compartilhamentos e experimentações. Em 2010, destes encontros, surge o Coletivo Black Horizonte, composto inicialmente pelo próprio Amâncio, o dançarino Mascote, e os filhos: o VJ Tatu Guerra, o programador Guerrinha, e eu, Gabi Guerra, como artista visual. Logo o Coletivo se ampliou com a participação de outras/os artistas, como Lola Peroni, Culu, Leandro Belilo e Rodrigo Pinheiro. O nome do coletivo é um jogo com a denominação da cidade de Belo Horizonte e visava expressar o desejo de "escurecer" a produção cultural da capital.

Fundamos o Coletivo com o propósito de investigar se as tecnologias corporais e digitais de áudio e imagem com as quais vínhamos trabalhando, cada artista individualmente, poderiam ser postas em diálogo e nos auxiliar a dizer sobre questões relacionadas às artes na diáspora

africana que nos inquietavam. Sentíamos falta de uma produção artística em Belo Horizonte que refletisse sobre os conhecimentos da diáspora em diálogo com as tecnologias da atualidade, que se tornavam mais acessíveis. Ela tornaria possível a conexão entre diferentes temporalidades? Em que medida ela possibilita olhar para o nosso passado e evidenciar os conhecimentos que fazem sentido no presente?

Algumas questões orientavam as nossas criações no Coletivo: Quais as conexões entre o Jazz e o Samba como movimentos de contracultura da modernidade, como nos instiga a refletir Paul Gilroy (2001) nos estudos sobre o Atlântico Negro? Como expressar isso na performance a partir do corpo, do som e da imagem? Em que medida a arte pode ser um espaço de humanização? Como romper com a narrativa hegemônica presente nos espaços de formação e circulação das artes na cidade, que apagam a produção de conhecimento das africanas e africanos que, em sua maioria, foram escravizados nas Américas? Como compreender a dinâmica da diáspora africana nas artes em Belo Horizonte?

Inspiradas/os pelas artes afrodiáspóricas, buscamos no Coletivo uma produção que articule diferentes linguagens artísticas, no qual corpo, som, imagem e palavra estão associados. Para tanto, há uma constante experimentação com tecnologias corporais e digitais que nos possibilitem desenvolver e aprimorar esse diálogo. Utilizamos softwares para a produção e manipulação de áudio e imagem ao vivo, como o *Live*, *Vdmx*, *Toonloop* e *Photoshop*, além de desenvolver outros, como plug-ins e o software *Polimatic* (Gilberto AMANCIO; Guilherme GUERRA; 2020), que possibilita o estudo da polirritmia.



Registro do Espetáculo “Blacktronic”, 2011. Teatro Marília. Belo Horizonte.

No Coletivo, juntamente com o VJ Tatu Guerra, meu irmão, me dedico mais especificamente à concepção visual das performances. As habilidades de Tatu, com a manipulação de imagens em tempo real, se complementam às minhas experiências de cenografia e ilustração, e a partir de então fomos construindo uma linguagem de cenografia digital interativa (Lola Peroni, 2023).

**“O futuro pode estar à sua frente
ou às suas costas,
cada vez que você dá meia volta”**



Registro da Performance "Ponto Riscado", 2010. Festival 1,2 na Dança. Fotografia: Guto Muniz



Registro do Espetáculo "Blacktronic", 2011. Verão Arte Contemporânea 5. Fotografia: Marco Aurélio

Prates

O trabalho com a tecnologia nos levou a pensar que, assim como existem os códigos computacionais que compõem o sistema operacional, existem os códigos que constituem o sistema colonial. Temos investigado como, por meio de dispositivos ancestrais presentes nas culturas afrodiaspóricas, podemos, assim como os hackers, decifrar os códigos coloniais, revelar as falhas deste sistema e vislumbrar outros caminhos possíveis. Conforme observa Nego Bispo:

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. (Antônio Bispo dos SANTOS, 2015. pg.41)



Registro do Espetáculo "Blacktronic", 2011. Verão Arte Contemporânea 5. Fotografia: Marco Aurélio

Prates

Dessa forma, desde 2011, esse *rio* Ciberterreiro foi assumindo diferentes configurações ou criando braços distintos. A partir dos ensaios do Coletivo Black Horizonte, ele começa a ser pensado como um **terreiro transiente** que se instala por meio da performance. Isso acontece tanto nos momentos de criação, como em nossas apresentações, quando convidamos o público para experimentar conosco em algo como um espetáculo-festa, no sentido de criar um ambiente e um estado de disponibilidade que nos propicie celebrar, a partir da arte, a nossa existência.

Por meio desse estado de disponibilidade, que chamamos de vadiar, construímos um diálogo entre as pessoas participantes naquele momento presente. Vamos tecendo uma conversa entre os corpos; entre estes e o som; entre os corpos, o som e as imagens projetadas. Vadiar é jogar, brincar com o corpo, o som, a imagem e a palavra. A primeira experiência de instalação do Ciberterreiro como um **espetáculo-festa** aconteceu no 48º Festival de Inverno da UFMG e depois na primeira temporada da Segunda Preta, quando fizemos parte da criação desse movimento coletivo de artistas negras/os da cidade, em 2017, e que já realizou onze edições até o momento.

Assim, a segundaPRETA se instaura como um aquilombamento que abre frestas para se pensar outras possibilidades de sensibilização por e através do teatro. Somos artistas e espectadoras/es, cidadãs e cidadãos. E essa relação se confunde, na segunda, porque é forjada na e a partir de uma mesma memória coletiva traumática que, ressignificada, transforma-se em potência criadora e diz, também, das nossas singularidades, que nos aproxima e, ao mesmo tempo, nos distancia. É nas fissuras que nascem desse jogo de aproximação e distanciamento que surge nossa percepção de formas plurais de habitar o mundo com nossas negruras. (Soraya Martins, 2021)

Como o corpo negro pode ocupar o espaço da cidade, para além das lógicas que o constroem a ser um corpo menos humano, segregado territorialmente, e que tem o trabalho como função preponderante? Segundo Rosane Oliveira, em seus estudos sobre as formas de controle da população negra no pós-abolição, o vadiar nos aponta um modo de fazer viver o corpo escapando da violência colonial.



Registro do Ciberterreiro na Segunda Preta.2017. Fotografia: Pablo Bernardo

Uma outra configuração do Ciberterreiro começou a se delinear a partir da necessidade de compartilhar o material levantado nas pesquisas desenvolvidas no NEGA e pelo Coletivo Black Horizonte acerca das culturas afrodiaspóricas. Inspirados pelos trabalhos desenvolvidos na Sociedade Lira Eletrônica Black Maria, como o "Quê" (2000), no qual a palavra era trabalhada em diálogo com o som, o corpo e a imagem; pelas contações de histórias, como as de Inno Sorcy (1995) e Sotigui Kouyaté (2004), e também pelos trabalhos de Antônio Nóbrega (1998) e Jun Nakao (2004), começamos a elaborar uma **aula-performance**.

Nosso intuito era apresentar o material das pesquisas utilizando recursos corporais, sonoros e imagéticos e também poder conversar sobre as questões que ele suscitava. Além disso, na aula-performance buscamos dar continuidade à prática de vadiar no terreiro transiente, convidando o público participante para uma experiência sensorial junto conosco. Fizemos a

aula-performance em espaços como o Centro Cultural Banco do Brasil e Sesc São Francisco, em Belo Horizonte.

Em 2019, elaboramos uma proposta, selecionada pelo Edital de Residência Artística do Centro Cultural da UFMG, que visava realizar encontros semanais durante todo o ano, juntamente Marise Dinis e Ailton Gobira. Ao longo deste período foi possível aprofundar e formular conceitualmente algo que já vínhamos exercitando nos espetáculos-festa, aulas-performance e oficinas do Ciberterreiro, que é a prática de vadiar. A busca por um estado de disponibilidade que possibilita o encontro consigo mesmo, com as outras pessoas, o espaço, objetos e recursos tecnológicos.

Não havia um planejamento do que iríamos fazer a cada dia e um objetivo que queríamos alcançar. Partíamos somente da proposta do projeto que era encontrar e refletir sobre a presença da população negra em Belo Horizonte. A cada encontro as/os artistas levavam um material para compartilhar e aos poucos esses elementos eram colocados na roda e sendo incorporados em nossas ações. Fomos experimentando diversas linguagens e todas as pessoas se arriscavam nelas, não ficando limitadas somente ao seu campo específico de atuação artística. Dessa maneira, fomos construindo diálogos sonoros, imagéticos, corporais e textuais cada vez mais potentes entre nós, e consolidando uma elaboração poética acerca da história negra de Belo Horizonte a partir de nossas vivências.

Como, após cada imersão criativa, nos sentávamos para refletir sobre o que havíamos experimentado, a frequência de encontros proporcionada pela Residência foi muito importante para aprimorar nosso entendimento sobre as práticas do Ciberterreiro. Embora possam dialogar com os campos da Improvisação e da Performance, naquele momento nomeamos o nosso trabalho como *Exercícios de Vadiagem*, pela maneira como propõe o jogo e a criação como forma de nos libertar da opressão colonial (AMANCIO, 2024).



Registro dos Exercícios de Vadiagem, 2019. Fotografia: Gabriela Guerra

>>> Ciberterreiro na universidade

Em 2013, quando ingressei no mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação e Inclusão Social da UFMG, a investigação foi elaborada a partir de inquietações que emergiram nos processos de criação no Coletivo Black Horizonte e que, conforme dito anteriormente, começamos a identificar como a prática do Ciberterreiro. Estes processos, por sua vez, marcaram a minha maneira de desenhar a pesquisa e posteriormente passamos a questionar sobre em que medida eles foram também a minha principal referência teórico-metodológica.

Na época, o Ciberterreiro era algo que estava nascendo, ancorado em experiências anteriores, porém não estava sistematizado e reconhecido academicamente. A A/r/tografia foi o recurso que encontramos na literatura, no momento da escrita da dissertação, que pareceu mais adequado ao que estávamos investigando. Mas será possível pensar no Ciberterreiro como uma metodologia de pesquisa ou um caminho metodológico?

A/r/tography é uma metáfora para: artist (artista), researcher (pesquisadora), teacher (professora) e graph (grafia, escrita). A escolha da A/r/tografia no mestrado se fez por se tratar de uma ferramenta que possibilita articular os campos da arte, pesquisa e educação; e se desenvolve na busca de uma hibridização e dos entre-lugares das atuações das(os) sujeitas(os) enquanto artistas/pesquisadoras(es)/educadoras(es) (Belidson DIAS, 2013; Rita IRWIN, 2013; Fernando HERNÁNDEZ, 2013).

A A/r/tografia é uma maneira de investigar que busca modos de realizar a pesquisa em educação considerando o conhecimento que deriva da experiência. As pesquisadoras e os pesquisadores vêm utilizando formas qualitativas de coletar dados das ciências sociais, como entrevistas, observação participante e estratégias etnográficas, mas também aplicando suas próprias formas de investigação artística. O método propõe que quem o utilize tenha sempre o compromisso de inquirir o mundo por meio de um fazer artístico, como pintura, desenho, dança, música e assim por diante. É sempre uma pesquisa vivencial e trabalha com metáforas, metonímias e reverberações. Tudo isso, segundo suas autoras e autores, é ativado, apresentado ou representado quando relacionamos a pesquisa a uma condição estética e esta é considerada como “compreensão e intercâmbio corporizado entre arte e texto” (Anita SINNER *et al.*, 2006).

Identificamos nas diferentes ações do Ciberterreiro, seja como terreiro transiente, espetáculo-festa, oficina, aula-performance ou exercícios de vadiagem, um movimento onde arte, pesquisa e educação acontecem de forma integrada e ancorada numa perspectiva afrodiaspórica, por isso nos propomos a refletir sobre as suas potencialidades metodológicas de pesquisa no contexto da academia.

Em 2017, desenvolvemos, em colaboração com a Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda, o projeto intitulado “Ciberterreiro: descolonização dos currículos acadêmicos” selecionado pelo Edital Artista Visitante, conduzido pela Pro-Reitoria de Pesquisa (PRPq) da Universidade Federal de Minas Gerais. Por meio de diferentes ações nos campos do ensino e da pesquisa, conduzimos uma reflexão sobre a monocultura do saber e o caráter monorracial no conhecimento científico.

Após o fim da proposição do Edital Artista Visitante, Gil Amâncio continuou participando, a partir do diálogo com as práticas do Ciberterreiro, em projetos de pesquisa e em disciplinas da graduação e da pós-graduação. Esse trabalho levou à formação do grupo de pesquisa Ciberterreiro, dentro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Raça e Ações Afirmativas (CNPq), que vem propondo experiências a partir da arte como meio de pesquisa e modo de produção de conhecimento.

Vimos construindo uma interlocução entre o Ciberterreiro e a universidade e propondo experimentos que visam articular diferentes áreas do saber por meio da pesquisa e criação com múltiplas linguagens artísticas. Nesse sentido, o trabalho com o corpo tem um papel primordial. Compreender o corpo como uma esfera pensante, de inscrição do conhecimento é determinante para uma mudança de paradigma e para evidenciar processos educativos contra-coloniais (Luiz RUFINO, 2017).

Se o corpo é o primeiro lugar de ataque do colonialismo, a descolonização requer a presença desses corpos no território e a agência de suas corpografias sonoras, o que exige reconfigurações para reterritorializar. Ou melhor: terreirizar o território do conhecimento acadêmico (Shirley MIRANDA; Gil AMÂNCIO, 2021. p.12).



Registro da Oficina sobre aspectos da cultura africana e afro-brasileira: diálogos sobre artes e corporeidades, 2017. Fotografia: Gabriela Guerra

>>> Grupo de pesquisa ciberterreiro

No grupo de pesquisa Ciberterreiro vimos experimentando estratégias de fazer pesquisa de modo mais coletivo, desde 2019, a partir de dois projetos: “A narrativa de mulheres negras no contexto do novo coronavírus” e "Experimentos Sonoro-corporais Encruzilhadas Sonoras", contemplados pelo Edital 005 DAC/ PRAE, de fomento a criação estudantil da UFMG. Uma outra ação se deu na construção colaborativa do memorial de indicação de Gil Amâncio, para a sua indicação ao título de doutor por notório saber.

Durante a Pandemia da Covid-19 buscamos manter nossas atividades do grupo de pesquisa Ciberterreiro como forma de (r)existir nesse período de inúmeros desafios na vida cotidiana e no fazer ciência e arte. Nesse sentido, o repertório de práticas que vinham se consolidando desde o Coletivo Black Horizonte, no que se refere ao uso das tecnologias digitais para a pesquisa e criação, se mostrou potente no contexto de distanciamento social.

O primeiro experimento que realizamos foi o Encruzilhada Sonora. Em seguida, trabalhamos na criação de Orikis dos integrantes do grupo. Esse exercício nos possibilitou rever nossas trajetórias singulares e identificar confluências entre os projetos de pesquisa para construir ações conjuntas. Nesse percurso, começamos a elaborar um mapa dos conceitos que circulavam nas propostas de investigação e refletir sobre a maneira como eles se faziam presente em nossas práticas. Tal movimento se desdobrou num estudo sobre cartografia e na concepção de uma disciplina ministrada pelo grupo dentro da Formação Transversal, bem como na incorporação da cartografia na metodologia das pesquisas. A seguir apresentaremos cada um dos processos abordados acima.

Encruzilhada >><< Sonora

A apresentação do Experimento Encruzilhada Sonora pode ser acessada na plataforma do Instagram por meio do link:

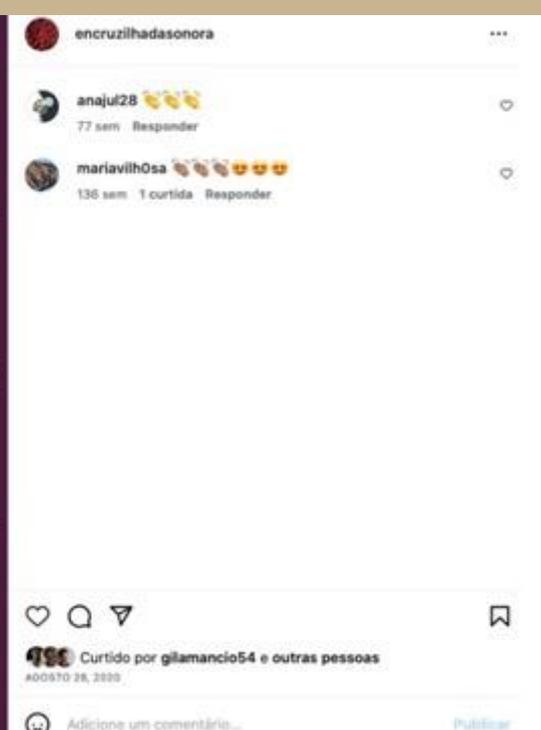
<https://www.instagram.com/encruzilhadasonora/>

**ENCRUZILHADA SONORA É
UMA OCUPAÇÃO DA REDE
GUIADA PELA
MUSICALIDADE AFRICANA E
DA DIÁSPORA. EM UM TEMPO
DE DISTANCIAMENTO FÍSICO,
NOS PERGUNTAMOS: A
MÚSICA PODERIA PROVOCAR
OUTROS ENCONTROS?**

**AO POVOAR A REDE COM OS
NOSSOS CORPOS E SONS
PROCURAMOS TECER
OUTRAS LÓGICAS E
RELAÇÕES: BUSCAMOS UMA
"ANTI-NATUREZA DAS
REDES" COMO DIZ O
PEDAGOGO ALLAN DA ROSA.**

NESSES PROCESSOS, É A BRINCADEIRA QUE NOS GUIA. BRINCAR É UMA ATITUDE QUE NOS MOVIMENTA PARA A INVENÇÃO, A CRIAÇÃO, A REFLEXÃO. A BRINCADEIRA É UM ELEMENTO FUNDAMENTAL DE UMA DIDÁTICA ANCESTRAL AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA.

ELA POSSIBILITA A EXPRESSÃO, OS ERROS E APRENDIZADOS A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE POVOAR O PRÓPRIO CORPO E EXERCITAR A PRESENÇA. NO ESPAÇO DA ENCRUZILHADA SONORA ENTENDEMOS A HERANÇA CULTURAL DIASPÓRICA COMO DISPOSITIVO DE INVENÇÃO DO NOSSO TEMPO



O r i k i

Nas práticas do Ciberterreiro entendemos o Oriki como um poema-nome. O termo vem da cultura Iorubá, mas este conceito está presente também em outras tradições do continente africano. Por vezes, o Oriki começa a ser elaborado antes do nascimento, e na medida em que emadurece, narra o percurso espiralar da vida, continuando a ser composto mesmo após a morte. Ele pode ser visto como uma reza contra a morte, o esquecimento. Vimos trabalhando na criação dos nossos orikis, escrevendo, cantando, dançando e desenhando nossas trajetórias, como um exercício afrodiaspórico de celebração da vida e estratégia de resistência ao epistemicídio (AMANCIO, 2021). A imagem abaixo é do Oriki do Ciberterreiro¹⁰, em sua forma fractal, produzida em 2017.

¹⁰ <https://drive.google.com/file/d/1UPRC1UbPDN-J1AiIU1o3G18LspjA8h3y/view?usp=sharing>

Mapa de conceitos



Iniciamos mapeamento de conceitos no rolo de papel manteiga e caneta hidrocor e depois experimentamos ferramentas digitais, como o Coogle e o Miro.



>>> **Disciplina da formação transversal: cartografias afrodiaspóricas**

Conforme apresentado pela Pró-Reitoria de Graduação-PROGRAD, a Formação Transversal em relações Étnico-Raciais teve início em 2016, após questionamentos sobre a incapacidade da universidade em atuar de acordo com a lei maior da educação no Brasil, a LDB 9394/96, que determina a obrigatoriedade do ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira na educação básica.

“(...)a discussão sobre a presença das matrizes africanas no repertório da cultura humana, a especial atenção sobre essa influência nos modos de ser, de sentir e de pensar na sociedade brasileira, juntamente com a recuperação dessas raízes na condição de referenciais para a interpretação e de fontes para o avanço do conhecimento em um grande número de campos do saber” são objetivos da Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais: História da África e Cultura Afro-Brasileira.

Desde 2017, o Ciberterreiro desenvolve experimentos de pesquisa em perspectiva afrogênica na disciplina "Educação das Relações étnico-raciais e a questão racial na escola" e nas oficinas sobre aspectos da cultura africana e afro-brasileira. Em 2022, essa oficina versou sobre os lugares de produção da cultura afrodiáspórica na cidade e as corpografias – o modo como o corpo ocupa espaço. O experimento esteve voltado para a produção de cartografias de percursos formativos de estudantes que cursaram a oficina.

A disciplina foi ministrada pelo grupo de pesquisa, no período de retomada às aulas presenciais, mas ainda com restrições de contato social e parte do grupo estava em outras localidades. Desse modo, conduzimos as atividades com interações híbridas, de modo presencial e online, possibilitando a participação de integrantes em Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, além de contar com a presença de um doutorando em estágio docência, que estava em Angola.

>>> Pesquisa
compartilhada
E intermídia

As experiências relatadas acima, desenvolvidas nos encontros do grupo de pesquisa, tais como: a *Encruzilhada Sonora*; a criação de *Oriki's*; a elaboração de um *mapa dos conceitos* e estudo sobre cartografia; assim como o processo de concepção e realização da disciplina dentro da Formação Transversal; revelaram caminhos férteis para as investigações no âmbito da graduação e da pós-graduação. E possibilitou que identificássemos um interesse comum entre as pesquisadoras Camila Contão, Gabriela Guerra e Michelle Corrêa, em refletir sobre a presença negra em Belo Horizonte.

Contão estava desenvolvendo, no mestrado, uma investigação sobre o Festival Internacional de arte Negra - FAN; Corrêa estava redefinindo seu projeto de conclusão da graduação, em Arquitetura e Urbanismo, buscando dialogar mais com as questões do Ciberterreiro, e eu estava experimentando, no doutorado, o uso de diferentes linguagens na pesquisa acadêmica baseada nas artes afrodiáspóricas. A partir de então iniciamos o exercício de uma pesquisa compartilhada.

Este desejo emergiu da confluência entre as práticas de criação no Coletivo Black Horizonte, que se fundamentam nas culturas da diáspora africana, e as abordagens no contexto da Educação, que visam uma co-construção entre as pessoas envolvidas. Nos interessa uma forma que seja colaborativa, não extrativista, com o objetivo de “conhecer com” ao invés de “conhecer sobre” e, nessa perspectiva, o processo não é neutro e se apoia numa postura ética, estética e epistemológica em busca da descolonização.

As culturas afrodiáspóricas estão assentadas na coletividade e na intermedialidade. O exercício de uma escrita com linguagens diversas surge na medida em que nos deparamos com os limites da estrutura textual acadêmica para expressar as elaborações desencadeadas em nossas pesquisas, sobretudo em sua dimensão coletiva. Nem sempre a palavra escrita alcança a densidade daquilo que se manifesta em múltiplas dimensões da vida - nas corporeidades, nas visualidades, nos afetos do paladar, nos sons. Isso nos remete à relação de oposição entre escrita e oralidade. A oralidade ou oralitura, como propõe Leda Martins, é um dispositivo de produção e transmissão de conhecimento. Entretanto, mesmo que essa premissa seja admitida, a hierarquia entre oralitura e escrita, em uma sociedade grafocêntrica, prevalece.

A oralitura consiste num sistema complexo, que não se esgota no falar. Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que a escrita não se reduz à base alfabética e considerar suas múltiplas formas produzidas em diversas sociedades, como as africanas. Dos símbolos adinkra aos fractais, temos distintas formas de escrita que sustentam culturas milenares. Esse entendimento tenciona a produção acadêmica a trazer outras modalidades de escrita que apoiem a expressão do conhecimento produzido em confluências afrodiasporicas.

Nesse sentido, fizemos três experimentos, apontados abaixo, que serão melhor descritos a seguir. Se constituiu num exercício fecundo, no qual foi possível construir uma relação de horizontalidade entre as pesquisadoras e de complementaridade entre suas habilidades na elaboração dos dispositivos de investigação.





>>> Grafia da MemORÍa FAN

Começamos a trabalhar juntas, Camila Contão, Michelle Corrêa, e eu, primeiramente no experimento Grafia da MemORÍa FAN. Contão havia acessado um rico acervo de imagens e documentos de pessoas que participaram da concepção do primeiro Festival Internacional de Arte Negra de Belo Horizonte em 1995, como Gil Amâncio, Guilardo Veloso e Marcos Cardoso. A partir desse material nos propusemos a criar um dispositivo ativador de memórias sobre o Festival para a realização de entrevistas para a sua pesquisa de mestrado “A memória da Presença Negra nos Horizontes da Cidade: O Festival Internacional de Arte Negra – FAN (1995)”.

“Essa proposta de pensar um dispositivo disparador de memórias surgiu a partir da leitura da dissertação de Célia Xakriabá, pesquisadora indígena do povo Xakriabá que buscou pensar a memória e temporalidades (temporalidades) da educação no território a partir dos elementos de sua cultura e externa a ela como o barro, o genipapo e o giz e teve por metodologia a Oficina Reativadores de Memória – Memória Nativa e Memória ativa de Célia Xakriabá (2018).”

(Contão, 2022.P.23)

Realizamos juntas um estudo de cores e formas para delinear a identidade visual do trabalho. Posteriormente, enquanto Camila fazia a seleção do conteúdo, Michelle e eu, trabalhávamos no design do dispositivo, por meio do editor online *Canva*, que possibilita edições colaborativas. Estávamos sempre em diálogo, realizando encontros online pela plataforma *Google Meet* e interações pelo *WhatsApp*, para definir os caminhos dessa construção coletiva. Michelle também realizou uma ampla pesquisa e produção de mapas da malha urbana e rede hidrográfica de Belo Horizonte, e de suas conexões afrodiaspóricas a partir do festival.

Partimos das cores da identidade visual do primeiro FAN: amarelo, vermelho, verde, preto e branco, e fomos dando sentido a elas em função da pesquisa de mestrado e assim, criando a nossa própria visualidade. Desse modo, os traçados dos mapas, urbanos e hidrográficos, em certos momentos do vídeo ganham uma coloração amarela, para se conectar com a riqueza que identificamos na programação do festival. Buscamos fazer uma alusão ao brilho do ouro de Oxum, orixá associada à beleza na cultura Iorubá, presente nas religiões de matriz africana no Brasil. Os mapas também ganham a tonalidade vermelha quando queremos nos remeter à memória e à ancestralidade, simbolizando e exaltando a vida e os modos de fazer e (r)existir afrodiaspóricos.

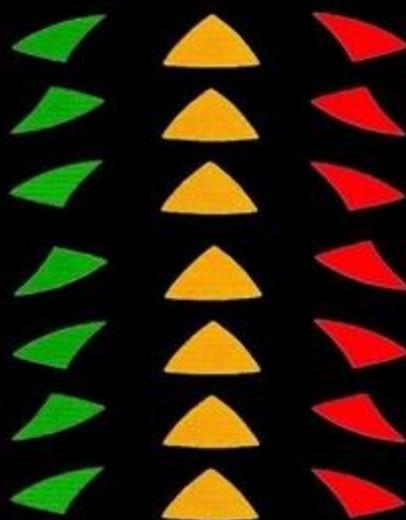
Utilizamos os tons de verde nos mapas, na terceira e última parte no vídeo, quando vamos apresentar as reverberações do festival em Belo Horizonte. Para nós é como um florescimento em estrutura fractal. Sentimos uma grande vitalidade do pulsar do festival na cidade nas ações que localizamos, com um frescor semelhante ao de uma floresta.

O preto e o branco tiveram um sentido de composição e contraste das imagens integrando as outras três. A seguir apresentamos a logo do primeiro FAN e frames do vídeo, nos quais é possível visualizar os elementos relatados acima, que foram utilizados para a construção. Inserimos também frames das entrevistas, para mostrar o dispositivo em funcionamento; bem como o link para acessar o vídeo e outros desdobramentos dentro da pesquisa de doutorado.



Imagem do broche com estampa da identidade visual do FAN, 1995.

grafia da
memORla



FAN
 1995 <<<>> 2003



festival
<<<< <<< > internacional < >>> >>>
de arte negra

BELO HORIZONTE - MG



**por
todo
canto
axé**

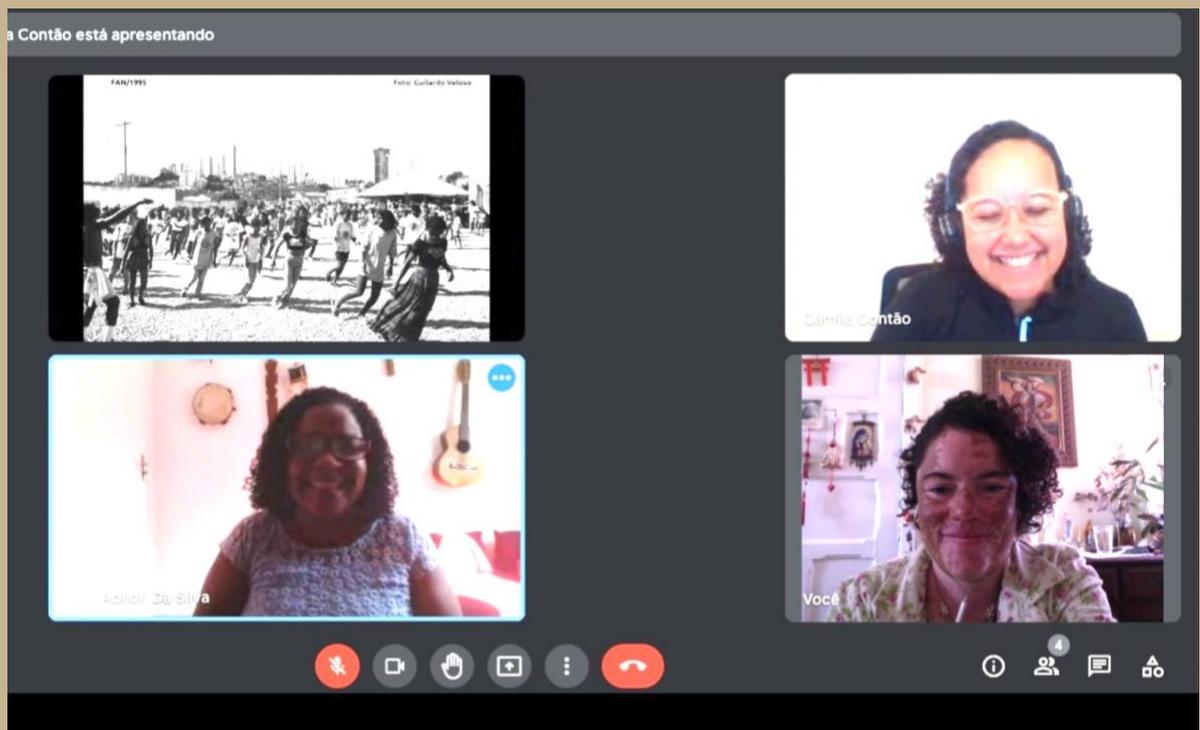
OJA - FaN/1035

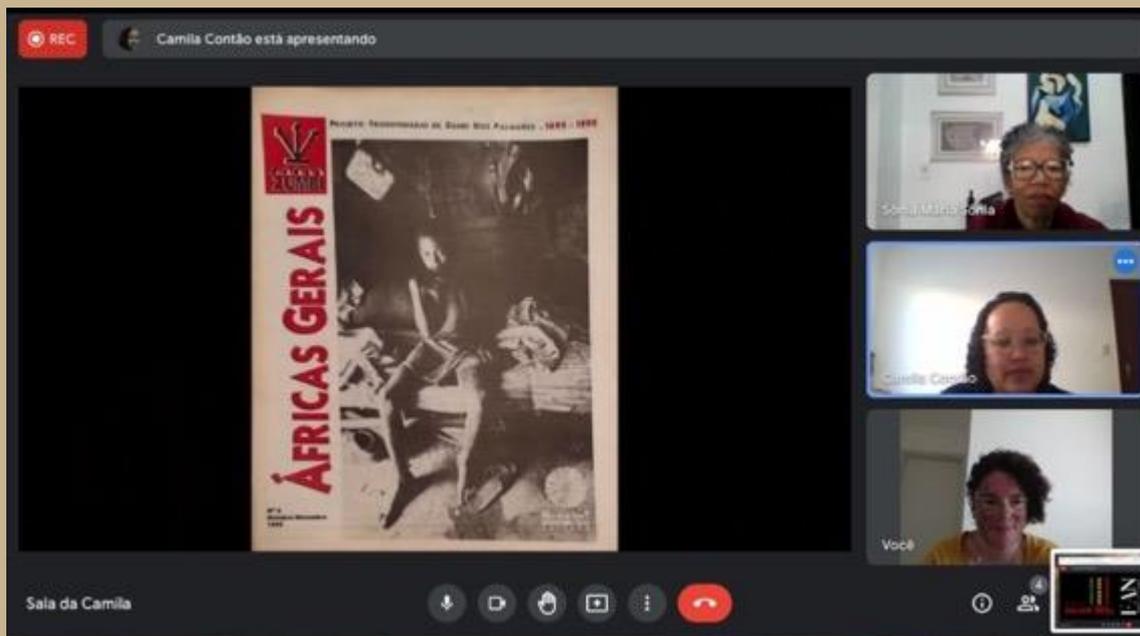
Foto: Guilherme Veloso

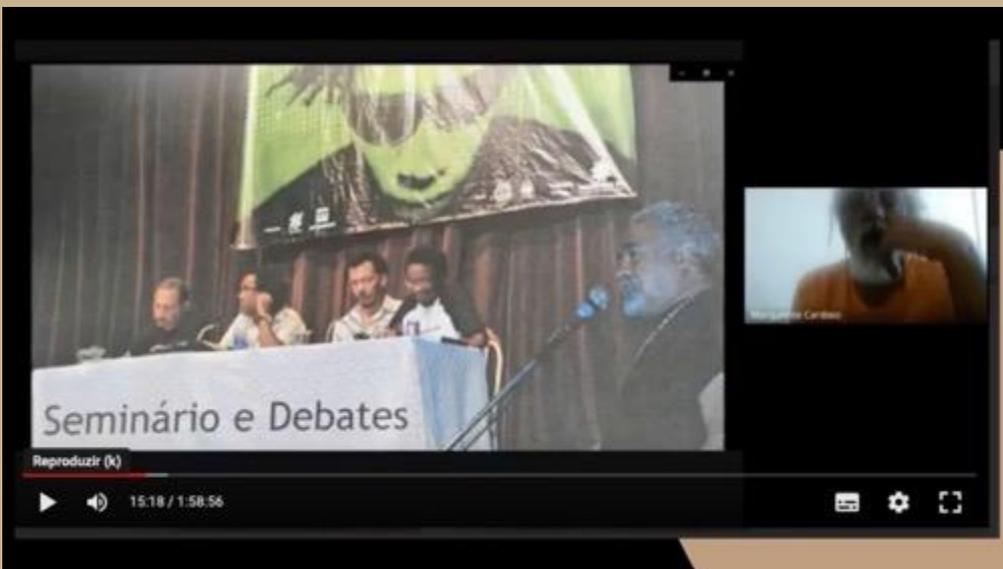
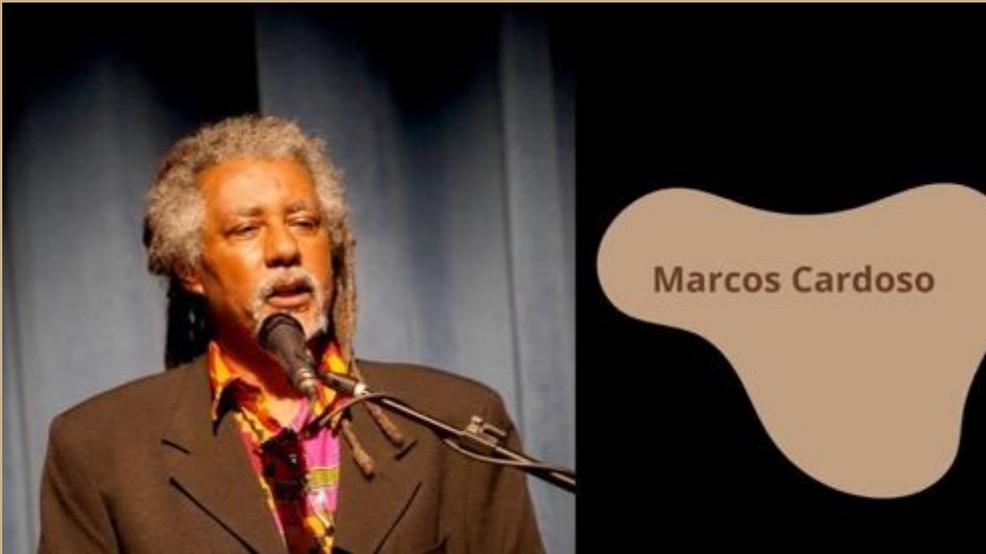
Série “Grafia da MemORÍa FAN”, 2022. Intervenção sobre fotografia de Guilardo Veloso.

Michelle Corrêa e Gabriela Guerra

As entrevistas foram realizadas de forma virtual, utilizando a plataforma Google Meet, respeitando os protocolos sanitários de combate ao contágio do novo coronavírus. Iniciamos a conversa apresentando o dispositivo ativador de memórias que foi formatado como um vídeo contendo imagens dos acervos, acessados por Contão, juntamente com outras que produzimos conforme descrito anteriormente. Este recurso visual teve um efeito muito próximo do que esperávamos. Na medida em que as pessoas iam se (re)encontrando com as imagens do festival, elas se conectavam com as suas memórias, se emocionavam, comentavam e contavam histórias relacionadas a elas, e também outras que iam se desdobrando, disparadas por toda a experiência da interlocução.









Capturas de tela das entrevistas realizadas no Google Meet, 2022.

Apesar da ausência de acervos públicos institucionais disponíveis com a memória do festival, foi surpreendente perceber o quanto a memória do festival está viva e pulsando nas pessoas com as quais conversamos. Assim como também foi possível reconhecer o quanto ela está presente na cidade, de diferentes maneiras, que identificamos como suas reverberações.

“Sabe uma das coisas mais bonitas que aconteceu? Quando chegou a Ensemble Bonogo, eles chegaram e acho que eles estavam no hotel Othon. Eles viajaram 36 horas, eles foram no hotel se arrumaram maravilhosamente bem, aquelas mulheres com os cabelos enrolados cheios de moedas na cabeça, umas tranças fantásticas, uns homens bonitos e desceram para a rua. Aquilo causou um impacto na cidade e eles paravam e conversavam com as pessoas. Eles foram visitar a gente lá no Barracão, queriam saber quem estava chamando-os aqui. Aquela coisa né, o irmão que chamou do outro lado do oceano, aquela coisa mística. Eles atravessaram a cidade, eles pararam a cidade. Porque primeiro era aquela coisa da beleza, pararam literalmente... os carros paravam e eles eram muitos, iam descendo, elas belíssimas. Eu tinha ficado preocupado porque esses caras viajaram por 36 horas vamos encontrar de noite no jantar, né? Nada eles foram lá nos visitar e pararam a cidade para ir e pararam a cidade pra voltar. Eles pararam a cidade enquanto estiveram por aqui.”

(Adyr Assumpção Apud Contão, 2022. p.86)

“Esse impacto visual também ocorreu no cortejo de abertura do festival. O movimento de corpos negros fora do escopo do estereótipo que promove sua cultura a partir de seus referenciais afeta e ressoa a dinâmica social estabelecida. Um encontro promovido pelas escolhas e ações realizadas dentro do festival. E que impactou a estética de pessoas negras na cidade. Adyr Assumpção rememora de um dos impactos do que foi lançado sobre a cidade: “A sementinha ficou e foram surgindo essas coisas, das pessoas. Os cabelos nunca mais foram os mesmos, isso com certeza! Os cabelos nunca mais foram os mesmos. [...] Porque foi uma coisa que foi incorporada à cidade. Foi incorporado pelas pessoas.” ”

(Contão, 2022.P.86)

TERRITÓRIO



Série “corpo-mapa”, 2012. Fotografia. Colaboração: Roberto Almeida. Gabriela Guerra

Em 2018, na abertura da sexta temporada da Segunda Preta, movimento de artistas negras/es/os e negros de Belo Horizonte, a capitã Pedrina de Lourdes, do Reinado de Oliveira, disse: "Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai." Este pensamento conflui com um provérbio africano que diz: "um rio que esquece a sua fonte, seca".

O processo de construção do dispositivo Grafia da Memória FAN e a realização das entrevistas funcionaram como ativadores de memória também pra mim. Eu tinha 12 anos, no período do festival e, juntamente com os meus irmãos, acompanhávamos o meu pai, Gil Amâncio, em grande parte das atividades, desde a preparação, quanto do evento em si. Ele foi idealizador do festival junto com a equipe da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte. O contato com as fotografias de Guilardo Veloso e a escuta das narrativas das pessoas entrevistadas proporcionaram uma reconexão com a minha história na cidade.

Essas experiências nos levaram a retomar alguns ensaios e produzir novas imagens, que pudessem expressar tal ativação, estampando essas memórias no corpo. Entendemos tais movimentos como estratégias de hackeamento dos códigos coloniais e (r)existência aos processos de apagamento, na medida em que expõem as suas camadas.



Série “corpo-mapa”, 2022. Fotografia. Colaboração: Roberto Almeida. Gabriela Guerra



Série “Black Horizonte”, 2022. Fotografia. Colaboração: Roberto Almeida. Gabriela Guerra

>>> Instalação Pele Afetiva

No trabalho de construção do vídeo para a pesquisa da Camila Contão surgiu uma grande afinidade entre o modo como eu trabalhava na criação visual e a maneira da Michelle Corrêa. Houve uma sinergia entre a nossa percepção dos processos e proposições de caminhos para a execução do experimento *Grafia da MemORÍa FAN*. As áreas onde cada uma atuava eram distintas e se complementavam. Ela possuía habilidades que eu não tinha e vice-versa, e dessa forma foi possível realizar algo que, sozinhas, não seríamos capazes de fazer. Michelle, por exemplo, tinha um conhecimento sobre tratamento de mapas e eu, mais experiência no uso de imagens dentro de pesquisas acadêmicas.

Nesse percurso, durante as reuniões do nosso grupo de pesquisa, Corrêa pode também conhecer um pouco mais da minha pesquisa e decidiu realizar o seu trabalho de conclusão de curso, em Arquitetura e Urbanismo, em diálogo com a minha tese de doutorado. Elaborou um projeto, orientado pelo Prof. Dr. Cristiano Cezarino, que visava desenvolver interfaces espaciais para os meus trabalhos com o **v i t i l i g o**. E eu me tornei coorientadora deste estudo. Porém, em nossa perspectiva de pesquisa, as relações foram tecidas pelo afeto, pela afinidade de interesses e procedimentos criativos, de modo que as fronteiras foram se borrando, e nos percebemos como coautoras dos trabalhos que desenvolvemos.

Elaboramos dois projetos expográficos, realizamos o seminário "Existência e fazer - perspectivas afrodiáspóricas"¹¹, com Zora Santos e Gil Amâncio e o trabalho final apresentado foi uma instalação, desenvolvida a partir da história "*Sobre café, memórias e afetos*", que apresentamos nas considerações finais desta tese. A sistematização desse percurso está disponível na monografia de Corrêa : "*Interfaces Espaciais como Manifesto da Arte Afrodiáspórica e Descolonização do conhecimento*"¹², que além do texto, é composta também por um vídeo e uma

¹¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s8tb_vMw10k. Acesso em: 24 de julho de 2022.

¹²<https://www.arq.ufmg.br/ea/ensino/cursos/au/tcc-au/exposicao-tccs-2022-2/michelle-correa-de-souza/>

apresentação na plataforma *Miro*, sendo assim uma importante referência para a diagramação do presente material.

A parceria com a Michelle foi fundamental para que a exposição se realizasse, de modo que as minhas ideias ganhassem materialidade e uma forma de compartilhá-las com outras pessoas. Antes de conhecê-la, a maior parte do que havia produzido estava armazenado no computador em arquivos de foto, vídeo e desenho digital. Pouquíssimas pessoas tiveram acesso, somente as que me ajudaram a fazer algumas das imagens e familiares, já no processo de sistematização no doutorado. Havia também alguns esboços com papel, tinta e recortes guardados em caixas e gavetas.

Embora quisesse expor a minha produção, tinha dificuldade de organizar o material. Muitas vezes ficava bloqueada por inseguranças, pois questionava se seria de interesse para mais alguém além de mim, por se tratar de algo tão pessoal relacionado à minha pele, ainda que estivesse tecendo, por meio da visualidade, uma reflexão sobre questões sociais, como o apagamento e o epistemicídio, não sabia em que medida isso estava acontecendo de forma efetiva.

Quando a pesquisadora demonstrou interesse em fazer o trabalho de conclusão de curso em diálogo com o meu, isso me trouxe uma enorme alegria e fortaleceu o meu processo, porque sinalizou que aquele material de algum modo fazia sentido para outras pessoas. E com as perspectivas e habilidades, que ela trazia das suas experiências de vida e da graduação, especialmente no que tange à espacialidade e à estruturação, juntamente com a minha produção visual, demos forma, primeiro à instalação *Pele Afetiva* e depois à exposição *corpo>>carto>>grafia afrodiáspórica do vitiligo*.

Os encontros regulares que realizávamos semanalmente entre nós duas, e também constantemente com nossas/os orientadoras/es, constituíram um processo de troca intensa de afetos, conhecimentos, compartilhamento de referências artísticas, arquitetônicas, teóricas e metodológicas, entre outras. Bem como possibilitou a construção de novos projetos, complementares às nossas pesquisas, a ampliação dos nossos olhares, e a execução de ajustes, sempre que necessário, uma vez que estávamos caminhando em nossas pesquisas conjuntamente e não isoladamente.

É importante destacar que esse processo aconteceu durante a pandemia e nós não nos conhecíamos pessoalmente. Nossos primeiros contatos foram por meio dos encontros *online* do grupo de pesquisa Ciberterreiro, e apesar do contexto de distanciamento social, as tecnologias digitais nos possibilitaram a construção de uma relação muito próxima e produtiva.

A instalação "Pele Afetiva" nasce desse diálogo e busca dar forma às reflexões sobre diferentes dimensões do afeto, dentro dos estudos sobre as relações raciais, inclusive como um ato político, conforme nos aponta bell hooks. Tecidos diversos, linhas e bordados são estruturados em camadas, gerando sobreposições de cores e formas, no intuito de criar um ambiente de acolhimento e de múltiplas experiências sensoriais.

A obra foi confeccionada por meio de recursos provindo do Edital 01/2022 - Chamadas PRAE-UFGM. E o processo de trabalho com Michelle possibilitou uma aproximação com o Prof. Dr. Cristiano Cezarino, de modo que esse contato foi tão profícuo que despertou o nosso desejo de convidá-lo para ser coorientador da presente tese.



Capitã Pedrina de Lourdes Santos visitando a exposição. 2023. Gabriela Guerra





A instalação foi construída por Michelle como uma estrutura que pudesse dialogar com a performance "Sobre café, memórias e afetos". A base da narrativa foi criada numa oficina de contação de histórias, com Madu Costa, no qual trabalhamos com fundamentos das culturas afrodiáspóricas, como a corporeidade e a ancestralidade, ativando os diferentes sentidos do corpo e a memória.

Desde então, vem sendo elaborada de forma não linear, assim como as proposições de arte contemporânea de "working in progress", ou seja, de "trabalho em andamento", mas tendo como referência as formulações de tempo espiralar, de Leda Martins; e sobre o modo de fazer circular, de Antônio Bispo dos Santos, que diz que na produção, dentro de uma perspectiva contra-colonial, não há um fim, mas sim um contínuo começo>>meio>>começo, que valoriza tanto os resultados, como os seus processos. Sendo assim a cada nova versão, elementos são experimentados para compor a ação.

Em 2022, ainda no contexto da pandemia da Covid-19, pude compartilhar pela primeira vez, presencialmente, o processo da pesquisa de doutorado numa disciplina da pós-graduação: "Perspectivas Anticoloniais em diálogo coma Educação", ministrada pelas Professoras Shirley Miranda e Bárbara Ramalho. Foi também um exercício inicial de articular diferentes linguagens junto com a contação da história oralmente.

Construímos uma camada cenográfica, formada pela projeção de imagens e dos objetos que compuseram a mesa. Trabalhamos com outra camada sonora, que além da minha voz, contou com uma trilha ao vivo de Gil Amâncio, composta com instrumentos percussivos e canto. E ainda uma camada gustativa e olfativa, com os alimentos que foram compartilhados antes e após a performance.

No dia da defesa do trabalho da Michelle também realizamos a performance, mas desta vez "conversando" com a instalação "Pele Afetiva" e utilizamos novamente a projeção de imagens e textos, como mais uma camada que se sobrepunha aos tecidos.







Sobre café, memórias e afetos, 2022. Performance na Instalação “Pele Afetiva”, de Michelle Corrêa.

Gabriela Guerra



Sobre café, memórias e afetos, 2022. Performance. Gabriela Guerra



Sobre café, memórias e afetos, 2022. Performance. Gabriela Guerra

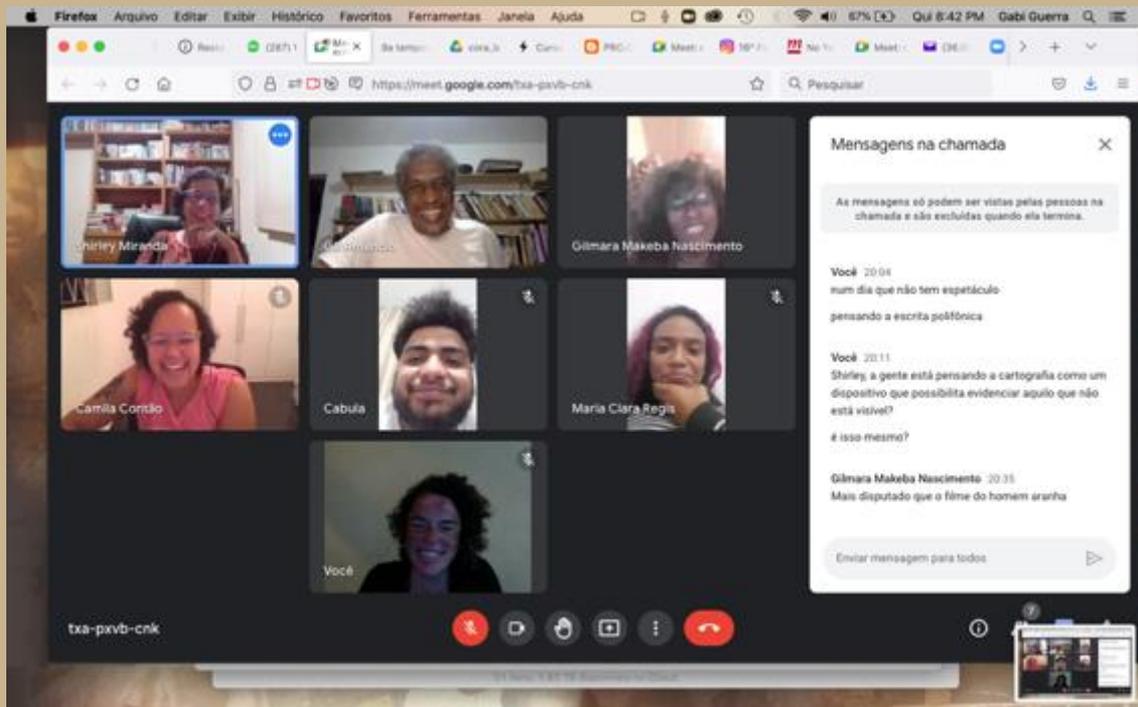
>>> Exposição corpo>><<carto>> grafia
Afrodiáspórica do vitiligo

O terceiro e último experimento foi a criação da exposição *coro>><<carto>>grafia afrodiáspórica do vitiligo*, e que já foi apresentado no início do presente trabalho. Porém, gostaríamos de inserir aqui mais algumas imagens de testes e ensaios do processo de criação e também de obras que compuseram a mostra.

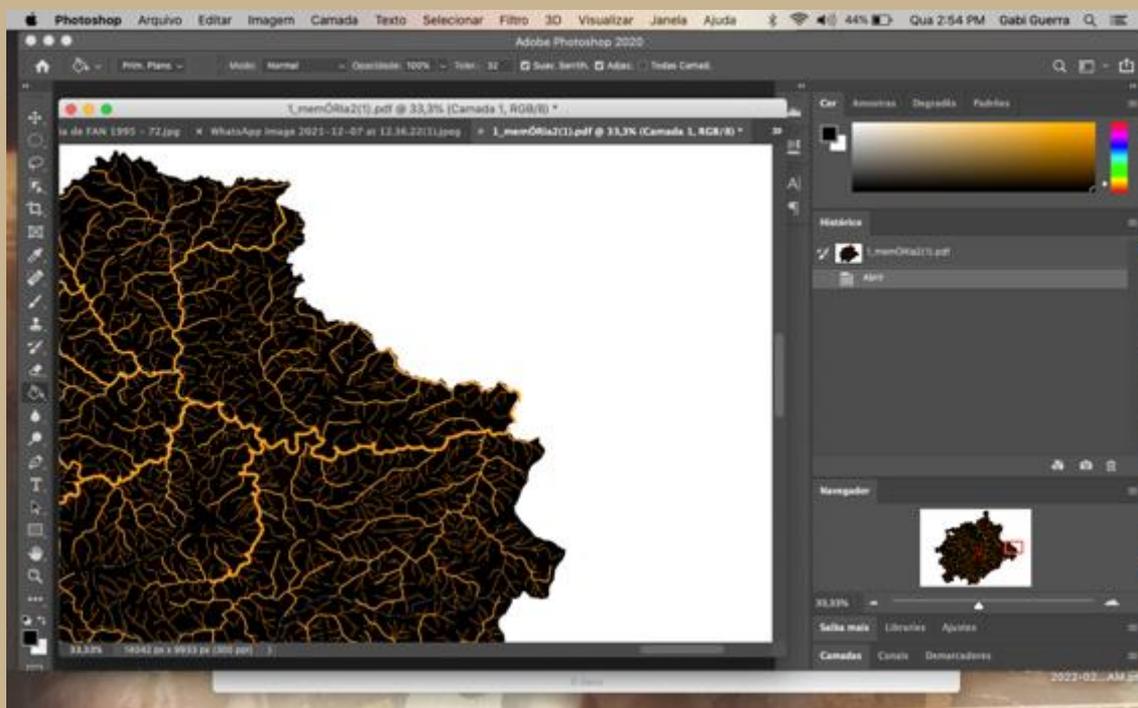
Refletindo sobre todo esse percurso, que começa no grupo de pesquisa Ciberterreiro, com projetos e experimentações coletivas, e que em seguida se aprofunda na medida em que articulamos, por meio dos experimentos, as pesquisas de graduação “*Interfaces Espaciais como Manifesto da Arte Afrodiáspórica e Descolonização do conhecimento*”, mestrado “*A Memória da Presença Negra Nos Horizontes da Cidade: o Festival Internacional de Arte Negra – Fan (1995)*” e doutorado “*corpo>><<carto>>grafia afrodiáspórica do vitiligo: uma tese exposição construída pelo Ciberterreiro*”, chegamos no desenho metodológico do Ciberterreiro, que denominamos: pesquisa compartilhada intermídia. A tabela abaixo visa apresentar dados dos encontros e demonstrar como nos organizamos para viabilizar uma produção coletiva e multilinguagem.



Captura de tela das reuniões do Grupo de Estudos Ciberterreiro, 2021.



Captura de tela das reuniões do Grupo de Estudos Ciberterreiro, 2022.



Captura de tela das reuniões do Grupo de Estudos Ciberterreiro, 2022.

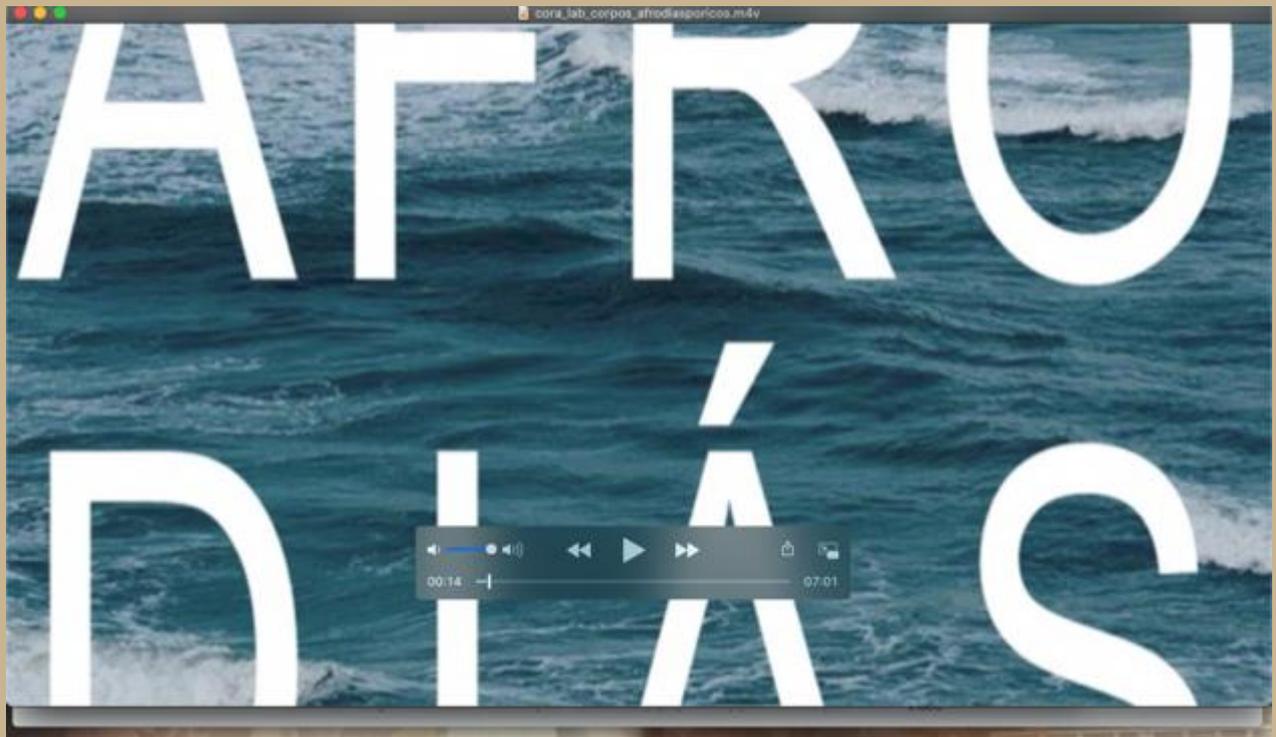
Meses	2021	número de encontros de 2h	2022	número de encontros de 2h	2023	número de encontros de 2h	Total de encontros	Total de horas
janeiro			2 encontros de coordenação / 2 encontros do grupo	4				
fevereiro			2 encontros de coordenação / 2 encontros do grupo	4				
março	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação / 4 encontros colaboração	9	1 encontro de coordenação / 3 encontros colaboração	4		
abril	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação / 4 encontros colaboração	9	1 encontro de coordenação / 3 encontros colaboração	4		
maio	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação / 4 encontros colaboração	9	1 encontro de coordenação / 3 encontros colaboração	4		
junho	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação / 4 encontros colaboração	9				
julho	2 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	3	2 encontros do grupo / 2 encontro de coordenação / 4 encontros colaboração	10				
agosto	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5	2 encontros de coordenação / 4 encontros colaboração	6				
setembro	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5	2 encontros de coordenação / 2 encontros colaboração	4				
outubro	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5						
novembro	4 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	5						
dezembro	2 encontros do grupo / 1 encontro de coordenação	3	4 encontros colaboração	4				
Total de encontros		46		68		12	126	252 horas de trabalho de pesquisa colaborativa

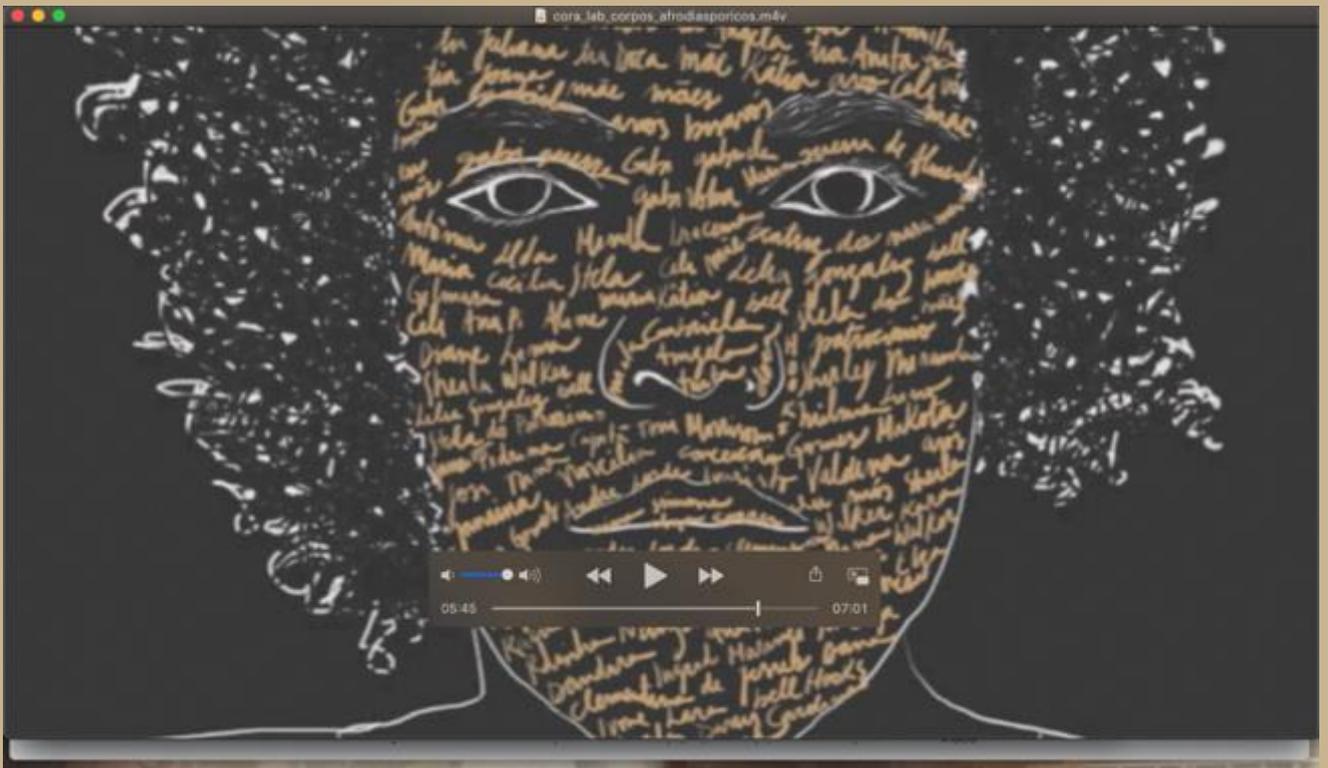
Tabela com o registro das horas de trabalho com o Grupo de Estudos Ciberterreiro até o período da qualificação.





Estudo a partir do trabalho “ Ghost Series #9” de Candice Breitz, 2011. Intervenção digital sobre fotografia. Gabriela Guerra.





Frames do Vídeo *Corpos Afrodiaspóricos*¹³, 2021. Gabriela Guerra.

¹³ Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1MSQQFbhLCUbNg3j394N1IjnMZoNP1_zn/view?usp=sharing



Projeto 3D para a Instalação da Série re><des><territorializar, 2023. Vista lateral. Michelle Corrêa e Gabriela Guerra.



Projeto 3D para a Instalação da Série re><des><territorializar, 2023. Vista lateral. Michelle Corrêa e Gabriela Guerra.



Projeto 3D para a Instalação da Série re><des><territorializar, 2023. Vista frontal.
Michelle Corrêa e Gabriela Guerra.



Série re><des><territorializar, 2023. Instalação com impressões em voil. Gabriela Guerra e Michelle Corrêa

>>>

“Começo – meio – começo” :

tecendo

considerações

finais

Para Shirley Miranda, nossa orientadora, o doutorado é como um acerto de contas com o passado e, no nosso percurso, essa frase foi ganhando um forte sentido. Ela se conecta com o símbolo adinkra denominado Sankofa, que possui duas representações gráficas, dispostas abaixo.

“Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu)”,



Símbolos Sankofa. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>. Acesso em: 23 de março de 2023.

Do vislumbre que tive em 2011, quando vi o mapa do continente africano em uma das manchas do **v i t i l i g o** em meu corpo, até o presente momento, foram muitas as voltas nas espirais de Sankofa. Realizei diversos experimentos, vivenciei dúvidas, que ora me moviam, ora me paralisavam. No início parecia uma ideia absurda, não sabia onde posicionar a pesquisa. Arte? Antropologia? Psicologia? E acabei encontrando, na Faculdade de Educação da UFMG, um campo interdisciplinar, onde pude estudar no mestrado as relações raciais e tecer conexões com a minha prática artística.

Em 2016, após concluir o mestrado, participei de uma imersão criativa colaborativa chamada “Afrotranscendece”¹⁴, em São Paulo. Nessa ocasião pude conhecer mais a obra de Ayrson Heráclito, que trabalha com a ideia de fazer arte como um processo de cura, conectado às

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=WttKnEldnD0&t=313s>

culturas da diáspora africana. Heráclito abordou a performance “*O sacudimento da Maison des Esclaves* (2015)”, como "um ritual de ativação e apaziguamento do passado colonial", ao intervir em um espaço arquitetônico que era parte do sistema de comércio e tráfico atlântico de africanas e africanos escravizadas/os.



O sacudimento da Maison des Esclaves, 2015. Performance. Ayrson Heráclito.

No candomblé, o sacudimento é um ritual de limpeza e cura. A palestra do artista, na medida em que propunha uma conexão entre a arte e diáspora, com uma perspectiva de cuidado da saúde de maneira ampla, auxiliou-me a ver uma potência na pesquisa artística com o vitiligo, relacionado às questões raciais.

Nesse sentido, têm nos interessado, cada vez mais, as interfaces entre arte, educação e saúde. Conforme apontam os estudos presentes no relatório, de 2019, da Organização Mundial de Saúde- OMS, referente aos benefícios das artes para a promoção da saúde e bem-estar, o exercício da criatividade estética, nos habilita a criar estratégias de vida e possibilidades de existência.

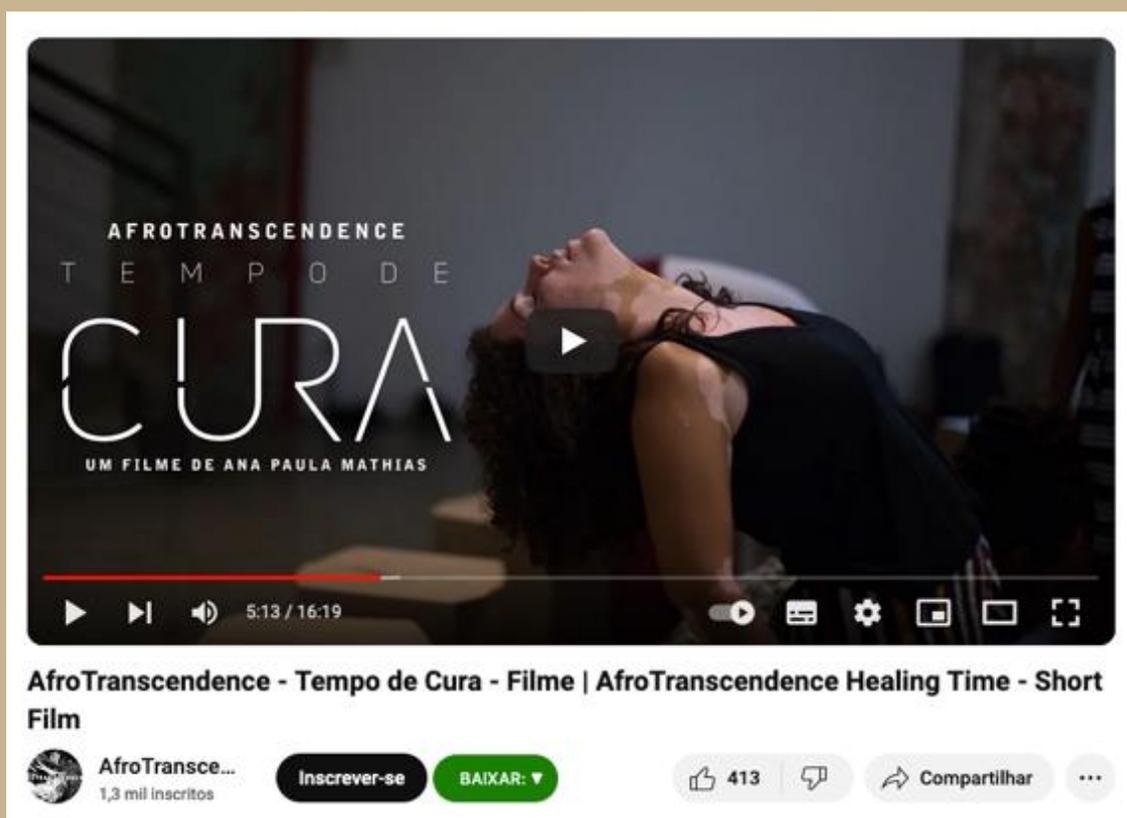
As manifestações artísticas e culturais afrodiáspóricas, tem sido nossas principais referências nesse estudo, nos inspirando no trabalho que realizamos no Ciberterreiro, por sua força estética, educativa e transgressora, articulando múltiplas linguagens de maneira coletiva. Conforme aponta Leda Maria Martins:

"Como forma pensamento, os ritos são férteis acervos de reservas mnemônicas, ações cinéticas, padrões, procedimentos culturais residuais recriados e expressos no e pelo corpo. Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, entre outros, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance."

(Leda Martins, 2021, pg.47)

Ao comentar sobre a obra *“O Barvo”*, Grada Kilomba nos fala sobre como o uso de linguagens diversas conjuntamente, como a poesia, instalação e performance é uma característica do seu trabalho, e ressalta a importância desse procedimento para provocar os diferentes sentidos do corpo e construir uma experiência complexa e valiosa para o público. Kilomba busca trazer à tona histórias que são invisíveis. Da mesma forma, os experimentos, que estamos elaborando nas pesquisas, buscam elaborar outras narrativas que nos auxiliem a continuar existindo frente às opressões coloniais.

No vídeo *“Tempo de Cura”*, produzido pelo *“Afrotranscendence”*, Makota Valdina, nos lembra da importância de nos mantermos livres no pensar. E os processos de colaboração nas pesquisas têm nos fortalecido em nossas trajetórias singulares e coletivas, na medida em que fazemos esse constante movimento entre momentos em que trabalhamos sós e em conjunto. Para mim, foi especialmente importante, quando tive uma segunda crise de depressão, em 2022.



Vivenciei momentos de agonia porque estava envolvida nas pesquisas de Camila Contão e Michelle Corrêa e, durante alguns meses, não me senti capaz de participar. No entanto, as relações de parceria que estávamos tecendo, possibilitaram que a dinâmica do nosso trabalho fosse modificada, e a minha condição foi tratada de forma respeitosa e afetiva, pelas colegas e a orientadora. Receber esse cuidado, nos momentos de crise, possibilitou-me um espaço-tempo de reabilitação; assim como o vínculo com os projetos foram motivadores para a retomada gradual das atividades.

Meu percurso, na pós-graduação, foi marcado por períodos de grave adoecimento mental. Estes episódios e o convívio com colegas do meu programa e de outros, nos diferentes estados do Brasil, mostraram que não se trata apenas de uma questão individual, mas algo vivenciado por grande parte das/es/os estudantes, principalmente as mulheres pretas. Gilson Mathias, técnico-administrativo e colega de pesquisa, em sua dissertação de mestrado, defendida em 2021, aborda o samba do corredor, como uma prática de resistência à lógica opressora de produtividade acadêmica. Ele apresenta “a roda de samba como espaço de acolhimento em que se pratica a experiência do encontro, da música e da arte, de forma coletiva e solidária, sem discriminação e hierarquia.” (Mathias, 2021)

Como relatado anteriormente, meu grupo de estudos e nossa metodologia de pesquisa compartilhada, fundamentada nas artes afrodiáspóricas, foram essenciais para a realização deste trabalho. Mas além disso, pude contar também com uma vasta rede de apoio, tecida por familiares, amigas/es/os e profissionais da saúde que me apoiaram de diferentes maneiras. Destaco aqui a sensibilidade dos meus pais, do homeopata Eduardo Filgueiras, da psicanalista Cristiane Barreto e da atriz esquizoanalista Viviane Ferreira, pelas parcerias na pesquisa, fortalecendo minhas experimentações artísticas como um caminho de cura e cuidado. Ao compartilhar o presente material, esperamos contribuir com os aprendizados para as mudanças que se mostram urgentes na estrutura acadêmica, para que as trajetórias de outras/es/os pesquisadoras/es possam se tornar cada vez menos marcadas pela violência.

Por meio das performance no Ciberterreiro
 descobri que a minha avó Gabriela,
 uma das mães do meu pai,
 era benzedeira
 e que ela havia aprendido com o meu bisavô
 que era benzedô

esse foi uns dos hackeamentos dos códigos coloniais
 que experimento desde 2010
 com o Coletivo Black Horizonte
 em que vimos ativando dispositivos ancestrais

estas vivências confluem com os conhecimentos
 de cura e cuidado
 que já me haviam sido dados
 desde criança
 pela minha mãe

filha de uma mãe viajante e andarilha
 e de um pai
 artista e inventor
 ela se tornou uma mestra das artes corporais

cozinha natural, massagem, homeopatia, tai chi
 desenho, alimento, costura e movimento
 são alguns dos elementos
 que compõem as suas práticas
 de educação, arte e saúde
 fundamentada em seus estudos transcontinentais

Nosso exercício de descolonização do Saber e do Ser é diário. Para hackear os códigos, como nos instiga a pensar bell hooks (2017), temos nos debruçado sobre a criação de um olhar opositivo às imagens construídas pelos processos de racialização e colonização. As imagens dos "óculos", da obra C-Stunners, 2012, de Cirus Kabiru, localizadas abaixo, nos convidam a pensar sobre as "lentes" que utilizamos para ver/ler/olhar/observar. Essas lentes nem sempre estão materializadas como nas referidas imagens, sendo na maior parte das vezes invisíveis, internalizadas, subjetivas. O trabalho afrofuturista de Kabiru, nos lembra que temos a possibilidade de mudar as lentes e vislumbrar realidades diferentes das que estamos acostumados a ver, bem como temos a capacidade de criar novas lentes e assim imaginar outros futuros possíveis.



C-Stunners , 2012. Técnica mista. Cirus Kabiru

Na medida em trabalhamos o **v i t i l i g o** por meio da arte, propomos uma reflexão sobre o apagamento como um processo de produção de camadas, que esconde algo, mas não é capaz de eliminar a potência de vida das culturas afrodiaspóricas, porque ela se reinventa.

Fogo!...Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!...Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!...Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!...Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades
que os vão cansar se continuarem queimando

Porque mesmo que queimem a escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando o nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade.

Nego Bispo

Ainda assim eu me levanto

(Maya Angelou)

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.

Minha presença o incomoda?
Por que meu brilho o intimida?
Porque eu caminho como quem possui
Riquezas dignas do grego Midas.

Como a lua e como o sol no céu,
Com a certeza da onda no mar,
Como a esperança emergindo na desgraça,
Assim eu vou me levantar.

Você não queria me ver quebrada?
Cabeça curvada e olhos para o chão?
Ombros caídos como as lágrimas,
Minh'alma enfraquecida pela solidão?

Meu orgulho o ofende?
Tenho certeza que sim
Porque eu rio como quem possui
Ouros escondidos em mim.

Pode me atirar palavras afiadas,
Dilacerar-me com seu olhar,
Você pode me matar em nome do ódio,
Mas ainda assim, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade incomoda?
Será que você se pergunta
Porquê eu danço como se tivesse
Um diamante onde as coxas se juntam?

Da favela, da humilhação imposta pela cor
Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, profundo na fé,
Crescendo e expandindo-se como a maré.

Deixando para trás noites de terror e atrocidade
Eu me levanto
Em direção a um novo dia de intensa claridade
Eu me levanto
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.

E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.¹⁵

Nos inspiramos nestas imagens e poemas para realizar nossas criações de forma coletiva e prazerosa, na maior parte do tempo. Contão relata em sua dissertação: “Lembro-me do galo cantando e da chuva e de me pensar que pesquisar pode ser prazeroso se compartilhado.” (Contão, 2022.p16).

O percurso da pesquisa nos conduziu a uma nova indagação, que aponta um possível desdobramento: se fizermos o processo inverso e pensarmos o **v i t i l i g o** a partir da perspectiva que propomos para analisar o Apagamento, que camadas o **v i t i l i g o** esconde? Um deslocamento para o estado do Espírito Santo, durante o período da Pandemia da Covid-19, propiciou uma experiência corpórea que ativou a produção de melanina em grandes áreas do meu corpo, antes despigmentadas.

Esse acontecimento nos chamou a atenção e nos propusemos a observar essas alterações realizando parte da pesquisa no fluxo entre Minas Gerais e o Espírito Santo. A persistência da melanina na pele, como destacado por Bárbara Ramalho, durante a banca de qualificação, que retorna, mesmo após muitos anos de despigmentação, indicam uma possibilidade de estudo que nos parece instigante, mas que requer ainda um aprofundamento no campo da Saúde.

Outro desdobramento que vislumbramos diz respeito a estabelecer um diálogo com outras pessoas que tem **v i t i l i g o** para expandir nossa percepção. Esse desejo emergiu no decorrer da pesquisa, chegamos inclusive a compor uma lista de pessoas negras artistas para conversar sobre as suas experiências com a despigmentação da pele. Porém, aconteceram alterações no nosso planejamento, principalmente em função da Pandemia, que nos provocaram a construir a experiência de pesquisa compartilhada com as pesquisadoras Contão e Corrêa.

¹⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/>. Acesso em 23 de Fevereiro de 2023.

Dessa forma, na medida em que buscamos uma complementaridade entre nossas investigações, desenhamos novas rotas e avaliamos que não seria possível investir também nas interações com as pessoas que havíamos identificado na lista. No entanto, interessa-nos encontrar, posteriormente à defesa, maneiras de compartilhar a tese com estas e outras pessoas portadoras de **v i t i l i g o**, pois nos parece que será um encontro profícuo.

Outro ponto, bastante pertinente, levantado por Soraya Martins, no momento de qualificação, se refere a entender o **v i t i l i g o** como um operador epistemológico. Não pudemos nos empenhar numa reflexão teórica sobre essa questão, devido à nossa limitação de tempo para a conclusão da pesquisa, mas entendemos como algo relevante que poderá ser elaborado posteriormente. E esperamos que o presente material possa contribuir para uma abordagem inicial, uma vez que buscamos apresentar como ele foi nos mobilizando na produção de conhecimento, que era o nosso foco.

Vemos ainda um campo que poderá ser explorado que se refere a verificar/observar as reverberações da exposição e como apresentá-la em outras localidades, algo que conflui com as provocações feitas por Cássia Macieira, também no exame de qualificação.

Desde o início, o objetivo da pesquisa era realizar experimentos utilizando linguagens diversas, que possibilitaram a construção de diferentes dispositivos, dentro do grupo de estudos Ciberterreiro, e entre eles a exposição “corpo>><<carto>>grafia afrodiaspórica do vitiligo”. É ela, portanto, que expressa a elaboração conceitual da pesquisa. Porém, como dito anteriormente, por ter um caráter efêmero, tivemos o desafio de compor um material para compartilhar nossa investigação para além do período da mostra.

Nosso percurso foi revelando a necessidade do uso de outros formatos, multimidiáticos, como um website ou um vídeo, na medida em que nos pareceram mais adequados para comunicar a pluralidade de linguagens de nosso material e para propor uma interação com o conteúdo, que pudesse ocorrer de forma não linear e com maior dinamicidade. Entretanto, o trabalho de elaboração seria similar ao da construção do texto teórico estabelecido como padrão dentro do programa de pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão da Fae-UFMG.

Tal exigência nos trouxe inúmeras dificuldades para validar novas configurações para a produção de conhecimento dentro da estrutura acadêmica, e conseguimos chegar no formato que ora apresentamos, realizando uma tese-exposição ou uma exposição-tese. A coorientação de Cezarino, iniciada após a qualificação, foi fundamental para esta formatação, no sentido de buscar uma organização coerente para as imagens e o texto. A partir de sua experiência como arquiteto, curador e professor, da Escola de Arquitetura da UFMG, construímos uma complementaridade às orientações do campo da Educação.

Seguimos assim, encorajadas/os e desejosas/os de ousar formatações diferenciadas que apontam contribuições significativas para o campo da Educação. Ficamos instigadas/es/os a compreender quais modificações poderiam ser feitas para que o repositório institucional possa acolher trabalhos com formatos diversos e que o programa passe a incorporá-los.

Identificamos algumas produções como a de Obasi Shaw, estudante de Literatura da Universidade de Harvard, que entregou como monografia, um álbum musical de rap, em 2017.¹⁶ “*Unflattening*”, tese em formato de história em quadrinhos, de Nick Sousanis, defendida em 2014, no doutorado em educação da Universidade de Columbia.¹⁷ E a tese de Nathália Guimarães, “A tese como obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”¹⁸, defendida em 2016, no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Unesp, cujo objetivo foi criar um protótipo de tese virtual, que estivesse de acordo com as novas formas de produção de conteúdo digital.

Além destes trabalhos, reconhecemos também o volume e a qualidade da produção científica das/es/os estudantes indígenas dentro da Formação Intercultural de Educadores Indígenas – FIEI, que ainda enfrentam desafios para a sua aceitação na comunidade acadêmica e

¹⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/aluno-de-harvard-ganha-titulo-de-honra-com-album-de-rap-entregue-como-tese-21373321>. Acesso em: 7 de Setembro de 2020. <https://news.harvard.edu/gazette/story/2017/05/harvards-first-rap-thesis-links-chaucer-obama/> Acesso em: 7 de Setembro de 2020.

¹⁷ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/07/26/professor-publica-tese-de-doutorado-em-forma-de-quadrinhos-nos-eua.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/438cf78f-075c-4178-a920-fb5492dbaffa>. Acesso em: 10 de Abril de 2023.

inserção no repositório da UFMG e que apresentam importantes contribuições para esta reflexão sobre os formatos dos trabalhos.

Esse engessamento da escrita acadêmica compõe os processos de apagamento e epistemicídio e provocam inúmeros sofrimentos. Por meio da pesquisa tecemos um entendimento de que os pigmentos perdidos de melanina, podem ser como as africanas e africanos, brutalmente arrancados de seus territórios, que se transformaram em sementes pretas dispersas pela diáspora, carregando dispositivos ancestrais para hackear os códigos coloniais.

Ao investigar os sentidos do vitiligo em minha trajetória, percebemos que a minha pele tem fome: de afeto, de cor. Buscamos nas criações de artistas negras/es/os alimentos que podem nos nutrir e nos auxiliar a transformar a dor, as tretas, num poder de espalhar pelo mundo as sementes pretas, construindo assim outras narrativas em torno da presença/ausência de melanina na pele e das violências coloniais.

Nos interessa o movimento de grafar as nossas histórias, como nos lembra Beatriz Nascimento da importância desse ato, e fazê-lo de formas múltiplas, reconhecendo as estratégias afrodiaspóricas de escritas por meio do corpo e buscando um diálogo com as estruturas acadêmicas. Esperamos que essas narrativas possam oferecer outras "lentes" de maneira a contribuir no combate ao racismo e na descolonização de processos educativos. Quem sabe abrir um caminho de trânsito entre um corpo-território [de disputas pela (r) existência frente à aniquilação] e um corpo-terreiro [de possibilidades de jogo, de coexistência] onde a melanina brinca de esconde-esconde?

gabriela guerra de almeida

§ o b r e c a f é , m e m ó r i a e a f e t o §



§ Sobre café, memória e afeto § . gabriela guerra de almeida

{) café

quando sinto o cheiro de café . . . parece que ele vai me pegando no colo, me embalando e trazendo as memórias da minha avó Celi . . .

Ela adorava café !

Dona Celi, como era chamada, é uma das mães do meu pai. A minha mãe conta que começou a tomar café por causa dela. Quando estava grávida de mim, ela precisou ficar um tempo de repouso na casa da minha avó e não resistia ao cheiro do café coando que ela sempre fazia no meio da tarde. A minha vó Celi gostava do café bem fresquinho, e passava um café novo quase o dia todo, na verdade. ~ ~ ~ ~ ~

Mas quando eu era criança, a minha avó não me deixava tomar café.

Ela dizia que eu ia ficar preta !

Falava sério, mas depois dava uma risadinha.

Eu não entendia nada daquilo . . .

Será que eu ia ficar preta mesmo ?

Preta como o café ?

Preta como ela ?

E porque será que eu não podia ficar preta ?

A minha mãe era branca, tomava café e não tinha mudado de cor . . .
o meu pai, era pretinho e nem tomava café !

Eu não tinha a pele branca como a da minha mãe, nem preta como a da minha avó e a do meu pai. Eu achava que a cor da minha pele era uma mistura, um pouco parecida com a do café com leite.

E ela ainda é assim, pelo menos, em algumas partes. Quando eu era menina, começaram a surgir **d e s e n h o s** na minha pele.

Foram surgindo vários **p o n t i n h o s** brancos, assim como surgem as estrelas da **V i a L á c t e a**, no céu escuro da noite.

A gente foi pesquisar para saber o que era aquilo que estava acontecendo comigo . . . Porque será que eu estava mudando de cor ?

E foi então, que eu conheci o **V i t i l i g o** .

Eu tive Vitiligo, igual ao Michael Jackson ! Naquele tempo, início dos anos 90, ele cantava uma música que dizia: "It's Black, it is White... Yeah, Yeah, Yeah..." e no videoclipe, apareciam pessoas de diferentes cores e etnias. Uma pessoa ia magicamente se transformando na outra. Era como se fosse uma única pessoa, com vários rostos diferentes! Rostos de mulheres, homens, pessoas negras, brancas, indígenas, japonesas... Era incrível! Eu e os meus irmãos adorávamos ver aquilo.

Por causa do Vitiligo eu descobri que o que faz a pele da gente ter cores tão diferentes é uma substância chamada Melanina. Ela é como uma tinta que colore as nossas peles. Não é porque uma pessoa toma muito café, bebe muito leite ou come muito chocolate, que ela tem a pele negra ou branca.

Quanto mais melanina, mais marrom ou preta a pele fica. A melanina forma cores intensas e que tem um brilho próprio. É como a luz prateada da lua refletindo nas águas calmas do mar . . . Você já reparou ?

Melanina abundante, deixa as peles cintilantes !

Já pouquinha melanina, deixa a pele bem, bem branquinha ! Como a da Branca de Neve !

Entre o preto e o branco existem muito mais do que 50 tons . . . de pele !

E a melanina, além de ser uma artista e nos pigmentar, ela também é uma brava guerreira! Ela vive lutando com os raios de sol para proteger as nossas peles. É por isso que quando a gente toma muito sol, trabalhando ou brincando ao ar livre, a nossa pele vai ficando mais escura, bronzeada. Quem faz isso é a melanina, que rapidamente se multiplica, formando um escudo para nos proteger.

Mas quando não tem muita melanina . . . você sabe o que acontece, não é ?!

Nas peles bem branquinhas, como nas áreas desenhadas pelo Vitiligo ou nas peles das pessoas albinas, se não tomar cuidado, elas ficam mesmo é vermelhas e queimando feito brasas !

Mas, se a melanina é tão bacana, traz cores às nossas vidas e nos ajuda a proteger do sol . . .

Porque será que a minha avó não me deixava tomar café, pra não ficar preta?

Seja porque ela achava que não era bom para criança tomar café, afinal de contas, eu já era como uma Erêzinha bem danada e cheia de energia! Seja porque ela sabia que não era fácil ser uma mulher negra! Eu acho mesmo é que a minha vó queria me proteger. E por isso, eu luto hoje para manter vivos os conhecimentos que aprendi com ela.

Eu sempre me lembro de como ela brincando, nos ensinava a dançar e assim celebrar a vida! Lembro também das suas tecnologias para lidar com os afetos, nos momentos de conflitos e de chamegos. E lembro ainda das suas ciências, para cuidar das plantas que ela tinha no quintal e usava para nos curar, quando a gente ficava doente. Ela gostava de contar histórias, para mim e para os meus irmãos. E tudo isso ela aprendeu com as suas ancestrais, que vieram lá, do outro lado do Atlântico, do continente africano.

Bom, eu cresci e assim como a melanina, me tornei uma artista, e também pesquisadora. Uma das coisas que descobri recentemente, é que a melanina, além de ser artista e guerreira, é também muito arteiral!

Nas peles como a minha, desenhadas pelo vitiligo, ela gosta mesmo é de
brincar de **esconde - esconde!**

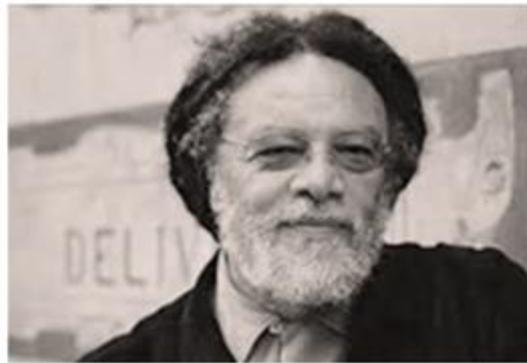
Meio de sol . . . meio de lua . . . às vezes some numa parte, mas depois . . .
reaparece!

A melanina anda meio sumida em algumas partes do meu corpo . . .

Deve estar por aí . . . **e s c o n d i d a!**

Você sabe aonde ela está? Pode me ajudar encontrar?

>>> Referências



ALMEIDA, Gabriela Guerra de; GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; COUTINHO, Francisco Ângelo. **A cultura visual na educação na construção da identidade étnico-racial**. 2015. 174 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

AMANCIO, Gil. Ciberterreiro: Uma Roça de Beats e Batuques. In: **Guaicurus**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Diretoria de Ação Cultural, Centro Cultural, 2024.

AMANCIO, Gil. *Enugbarijó: A Boca que Tudo Come*. In: **Avizinhar Fabulações**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2021.

AMANCIO, Gil; GUERRA, Guilherme. "Polymatic". Aplicativo de música, 2020. Disponível em: <https://polymatic.ciberterreiro.org/#/> . Acesso em 22 de Janeiro de 2023.

ARAÚJO, Emanuel (org.). **A Mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica**. São Paulo, SP: Tenenge, 1988.

BINDMAN, D.; GATES, H. *Preface to the image of Black in Western Art*. In: _____. **The Image of the Black in Western Art I: From the Pharaohs to the Fall of the Roman Empire**. Cambridge, Massachusetts/ London: Harvard University Press, 2010.

BRASIL. Lei 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CALAÇA, Maria Cecília Félix. **Movimento Artístico e Educacional de Fundamento Negro da Praça da República: São Paulo 1960-1980**. 2013. 198f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

CONTÃO, Camila Cristian. **A Memória da Presença Negra nos Horizontes da Cidade: o Festival Internacional de Arte Negra – FAN (1995)**. 2022. 97f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

DIAS, B. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In: **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

DIAS, B; IRWIN, R. L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

EGLASH, Ron. Influências africanas na cibernética. Revista Rizoma: Afrofuturismo. 2006. p.52-62. Disponível em: <http://baixacultura.org/biblioteca/revistas/rizoma-afrofuturismo/>. Acesso em 20 de Janeiro de 2022.

EVARISTO, Conceição. A Da Grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. IN: DUARTE, C.L. e NUNES, I.R. **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

FANON, Frantz; GORDON, Lewis R. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008

FÍGOLI, L. H. G.; NORONHA, R.; GUIMARÃES, J.I.D. A invenção das artes plásticas em belo horizonte. **Teoria E Sociedade**. Número Especial: Antropologias e Arqueologias, hoje . Circulação Maio de 2015, p. 74-87.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GILROY, Paul. A crise da raça e da raciologia. In: **Entre Campos: Nações, Culturas e o Fascínio da Raça**. São Paulo: Anablume, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>

GONÇALVES, L. A. O. Pensar a Educação, Pensar o Racismo no Brasil, In: FONSECA, M. V. et al (org) **Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil**, Belo Horizonte: Mazza Editora, 2012.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar.; MAYORGA, Claudia. **"A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo" : produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais**. 2019. 347 f., enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

HERNÁNDEZ, F. A investigação baseada em arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. In: DIAS, B; IRWIN, R. L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

HOOKS, Bell. **O olhar opositivo: a espectadora negra**. Fora de quadro. Trad. Carol Almeida. Disponível em <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>>, acesso em 08/12/2020.

IRWIN, R. Uma mestiçagem metonímica. In: DIAS, B; IRWIN, R. L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba**. 2016. Tradução: Jessica Oliveira. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 6 de março de 2021.

KOUYATÉ, Sotigui. Atuação de Sotigui Kouyaté no **Espetáculo "Tierno Bokar"**, de Peter Brook, no FIT Festival Internacional de Teatro - Palco & Rua. Belo Horizonte, MG. 2004.

LEITE, I.B. Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora. **Tomo**. São Cristóvão-SE. Jul./dez. 2007, no1, p.59-75.

MACHADO, M. H. P. T. **(Re) construindo a imagem de Renty: dos daguerreótipos de Agassiz à campanha De-Mouting Agassiz**", Revista da USP, 94, junho-julho-agosto, 2012, pp. 142-153.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MATHIAS, Gilson Antônio; TRAVALHA, Conceição Clarete Xavier. **Samba do corredor: uma forma de se educar coletivamente para relações sociais de tipo novo**. 2021. 120 f., enc. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/52853>. Acesso em: 5 maio 2023.

MENEZES, Hélio. **Exposições e críticos de arte afro-brasileira: um conceito em disputa**. In: PEDROSA, A.; CARNEIRO, A.; MESQUITA, A. **Histórias Afro-Atlânticas**. Volume 2. Antologia. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake; Masp, 2018. 624p. Com a colaboração de Artur Santoro, Hélio Menezes, Lilia Moritz Schwarcz, Tomás Toledo.

MIRANDA, S.; AMÂNCIO, G. (Org.) **Gil Amâncio: que nêgo é esse que entrou na roda**. Memorial para obtenção de título de doutor em educação por notório saber. 2021.

MIRANDA, S.; AMÂNCIO, G. **Corpografias Sonoras: a terreiralização de mundos**

possíveis. No prelo.

MÜLLER, Marisa Campio. **Psicossomática: uma visão simbólica do vitiligo.** São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NAKAO, Jun. **Palestra-performance sobre o processo de criação do desfile "A costura do Invisível"**. Belo Horizonte, MG. 2004.

NÓBREGA, Antônio. **Aula-espetáculo "Sol à Pino"**. Belo Horizonte, MG. 1998.

PATROCÍNIO, Soraya Martins. **Dramaturgias contemporâneas negras: um estudo sobre as várias possibilidades de pensar-ser-estar em cena.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Belo Horizonte, 2021

PAULINO, Rosana. **Assentamento.** Disponível em: <http://www.rosanapaulino.com.br/blog/wp-content/uploads/2013/11/PDF-Educativo.pdf>. Acesso em: 20/02/2021.

PEDROSA, P.; HERÁCLITO, A.; MENEZES, H.; SCHWARCZ, L. M.; TOLEDO, T. (Curadoria e textos). **Histórias Afro-Atlânticas.** Volume 1. Catálogo. São Paulo, Instituto Tomie Ohtake; Masp, 2018 416p. Organização editorial Adriano Pedrosa e Tomás Toledo.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina¹ In: LANDER, E. (org) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas,** Buenos Aires, CLACSO, 2005.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

REIS, Eneida de Almeida dos. **Mulato: negro-não-negro e/ou branco-não-branco.** São Paulo, SP.: Altana, 2002.

RISÉRIO, Antônio. **Oriki Orixá.** São Paulo: Perspectiva, 1996.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas.** Tese de Doutorado- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações.** INCTI, UnB, INCT, CNPq, MCTI. Brasília, 2015.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas.** Tese de doutorado- Instituto de Artes da UNESP. São Paulo, SP. 2016.

SILVA, Luciane da. **Corpo em diáspora: colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. (281 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. 2017

SINNER, A; LEGGO, C.; IRWIN, R.; GOUZOUASIS, P.; GRAUNERK, K. Arts based educational research dissertations: reviewing the practices of new scholars. **Canadian Journal of Education**. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ766913.pdf>. Acesso em 21 de novembro de 2020.

SORCY, Inno. **Contaçon de histórias da Inno Sorcy no FAN** - Festival de Arte Negra. Belo Horizonte, MG. 1995.

SOUZA, Michelle Corrêa de; RODRIGUES, Cristiano Cezarino. **Interface espacial como manifesto da arte afrodiaspórica e descolonização do conhecimento**. 2022. 1 CD-ROM.

THOMAS, Lee. **Turning White: A Memoir of Change**. Momentum Books, 2007.

VIANA, Wagner Leite. **Tipotretaleta: sobre arapucas, pesquisa, mukambus ou suportes**. Tese (doutorado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2015.

VIANA, Janaína Barros Silva. **A invisível luz que projeta a sombra do agora: gênero, artefato e epistemologias na arte contemporânea brasileira de autoria negra**. Tese (doutorado) - Interunidades em Estética e História da Arte. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2018.

VIVAS, R. **Os salões municipais de belas artes e emergência da arte contemporânea em Belo Horizonte: 1960-1969**. Tese (Doutorado em História da Arte. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

WALKER, Sheila. **Recolocando os pedaços de Osíris / Recompondo o quebra-cabeça. A diáspora africana na América do Sul Hispanofalante**. In: Conhecimento desde dentro: os afro-sul-americanos falam dos seus povos e suas histórias / Sheila Walker (Org.); Tradução de Viviane Conceição Antunes - Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.

começo >>

<< meio >>

começo >>

Selmar

Sábua abuela dos caminhos
da terra, das águas e do ar
foi com ela que aprendi
a beleza do caminhar

seu colo tem cheiro de brisa
seu nome,
é feito de céu e mar

mãe da minha mãe
a primeira dos 10 filhos de Edy e Jadir
minha avó Selma,
é chão, asas e nadadeiras
para quem quiser se chegar

ora são as suas histórias que me guiam
me inspiram
e me fazem viajar

ora ela é a minha companheira
nos parques e ruas da cidade
nas roças, vilarejos
aqui e acolá

pelo mundo afora
eu vou bem
sozinha ou acompanhada
com os doces presentes
de minha "vovozinha"

sua cozinha é o mundo,
nunca provei o seu tempero,
além das sopas de pacotinho

mas com ela pude provar
os sabores e as cores
de diferentes culturas
num degustar profundo

chocolates da Colômbia
 chás da China
 tecelagens do Peru
 aromas do Marrocos
 sons do Haváí

através das suas fotografias
 toda a família pode voar de balão na Turquia
 fazer rafting, em rios de fortes correntezas
 escalar o monte Roraima
 percorrer os Caminhos de Santiago
 os Passos de Anchieta
 e tantos outros

Será que aquela menina de Itabira,
 que viveu em Nova Era,
 e brincava de circo com suas irmãs e irmãos
 imaginava que,
 após atravessar tantas pedras no meio do caminho
 seria hoje,
 a matriarca de uma linhagem pra lá de uma era nova?

ouvi do músico Mahal Pita
 que o lugar mais longe para onde ele viajou
 foi para dentro de si mesmo

E a minha avó também me proporcionou travessias como estas
 Praticante do Zen Budismo e de Tai Chi Chuan
 Com ela aprendi a meditar

Me ensinou também seus segredos de rainha do mar
 com doses de "praiopatia"
 que ajudaram a me curar

agradeço-lhe por ser brisa,
 oceano
 e solo
 onde aprendo
 o meu caminhar

